

NIRAVE REIGOTA CARAM

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: estudo exploratório sobre
a produção de materiais didáticos audiovisuais



NIRAVE REIGOTA CARAM

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: estudo exploratório sobre
a produção de materiais didáticos audiovisuais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Política e Gestão Educacional

Orientador: Prof. Dr. José Luis Bizelli

ARARAQUARA – S.P.
2017

Caram, Nirave Reigota

Educação a Distância: estudo exploratório sobre a produção de materiais didáticos audiovisuais / Nirave Reigota Caram – 2017

177 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. José Luis Bizelli

1. Educação a Distância. 2. Educação Superior. 3. Referenciais de Qualidade. 4. Materiais Didáticos Audiovisuais. 5. Tecnologias de Informação e Comunicação. I. Título.

NIRAVE REIGOTA CARAM

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: estudo exploratório sobre a produção de materiais didáticos audiovisuais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Política e Gestão Educacional

Orientador: Prof. Dr. José Luis Bizelli

Data da defesa: 27/06/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. José Luis Bizelli

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCL, Araraquara - SP

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCL, Araraquara - SP

Membro Titular: Prof. Dr. Edmundo Alves de Oliveira

Centro Universitário de Araraquara - Uniara

Membro Titular: Prof. Dr. Silvio Henrique Fiscarelli

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCL, Araraquara – SP

Membro Titular: Profa. Dra. Sonia Aparecida Cabestré

Universidade do Sagrado Coração – USC, Bauru - SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À Leninha, minha mãe, por ser meu espelho
e sempre estar ao meu lado.

Ao Caram, meu pai, que sempre acreditou
em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador prof. Dr. José Luis Bizelli pela confiança, incentivo, parceria e amizade, que com o seu bom humor de sempre tornou minha caminhada acadêmica mais leve. Agradeço aos quase sete anos de orientação.

Agradeço de forma muito especial aos meus pais, que sempre me incentivaram para o ingresso na vida acadêmica e me aplaudem a cada conquista, assim como me aconselham nos momentos de dificuldades.

Aos meus amigos de toda uma vida que são responsáveis pelas minhas risadas. Obrigada por todo o amor e companheirismo. Sou imensamente feliz e grata por ter vocês ao meu lado.

Ao meu amigo Fred, meu companheiro de estudos, de trabalho e de vida. Agradeço por sempre estar pertinho de mim.

Aos meus colegas de trabalho pela troca de experiências e por dividirem a mesma alegria de lecionar.

Aos meus alunos que torceram por mim. Cada palavra de amor, carinho e admiração proferida serviu de incentivo para este momento.

Aos professores que aceitaram compor esta banca de avaliação. Meu muito obrigada pelo interesse e disponibilidade. Em especial, agradeço ao prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes, por ter me auxiliado em boa parte da elaboração desta tese, principalmente na fase da pesquisa empírica.

Às Instituições de Ensino Superior as quais leciono, Universidade do Sagrado Coração e Faculdades Integradas de Bauru, assim como seus gestores. Obrigada por permitirem que eu exerça a profissão que amo.

Aos responsáveis pelas Instituições de Ensino Superior objeto de estudo que aceitaram compor a amostra desta pesquisa e aos seus profissionais que me concederam as entrevistas. Agradeço pelo acolhimento nas visitas realizadas e pelo fornecimento de informações.

A todos que, em algum momento, me dirigiram uma palavra de incentivo.

"Estamos numa época de grandes transformações, e todos nós temos três opções: temê-las, ignorá-las ou aceitá-las." (JENKYS, 2008, p.9)

Warsaw para Jenkins na apresentação do livro Cultura da Convergência

RESUMO

O cenário atual é caracterizado por mudanças significativas devidas, entre outros fatores, à adoção de novas tecnologias nos campos social, econômico e cultural. A informação tornou-se produto valioso na sociedade contemporânea, a qual é mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). O campo educacional, acompanhando tais mudanças adaptou-se adotando novas tecnologias no ensino. Inovações tecnológicas facilitam a formação dos indivíduos, fomentando a discussão sobre o livre acesso e a democratização da educação. A modalidade a distância na educação superior se expandiu rapidamente, fazendo uso de Materiais Didáticos Audiovisuais (MDAs) de diferentes formatos para a transmissão do conteúdo. Atualmente, a Educação a Distância (EaD) é regulamentada no Brasil e possui diretrizes de qualidade traçadas pelo Ministério da Educação (MEC) em documentos oficiais. Neste contexto, surge a presente pesquisa para analisar a produção dos MDAs em Instituições de Ensino Superior (IES), avaliando a qualidade envolvida em seu processo de produção a partir da ótica das equipes multidisciplinares. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática e, posteriormente, pesquisa documental com a finalidade de embasar o estudo e direcionar a fase empírica, etapa subsequente da investigação. A coleta qualitativa de dados foi realizada em duas IES que ofertam cursos na modalidade a distância, com o objetivo de avaliar a percepção de qualidade dos materiais a partir das entrevistas com os profissionais dos Núcleos de Educação a Distância (NEaDs): gestores, docentes conteudistas e produtores técnicos; e de análise de amostras de MDAs através do método de Análise de Conteúdo de Bardin. Foi possível concluir, por um lado, que a percepção de qualidade em EaD ainda não está suficientemente definida pelas IES, pois a implantação desta modalidade de ensino é trabalhosa e onerosa e, portanto, carece de muito planejamento e uma visão inovadora do conceito de educação por meio da virtualidade. Por outro lado, a expansão desta modalidade de ensino precisa de esforços do Governo Federal para atualização de balizadores sobre qualidade, os Referenciais de Qualidade para a EaD.

Palavras-chave: Educação a Distância. Educação Superior. Referenciais de Qualidade. Materiais Didáticos Audiovisuais. Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The current scenario is characterized by significant changes due to, among other factors, the adoption of new technologies in the social, economic and cultural fields. Information has become a valuable product in contemporary society, mediated by Information and Communication Technologies (ICT). The educational field, following such changes, was adapted adopting new technologies in the teaching. Technological innovations facilitate the training of individuals by fostering discussion about free access and the democratization of education. The distance modality in higher education expanded rapidly, making use of Audiovisual Didactic Materials (MDAs) of different formats for the transmission of the content. Currently, Distance Education (EaD) is regulated in Brazil and has quality guidelines drawn by the Ministry of Education (MEC) in official documents. In this context, the present research to analyze the production of MDAs in Higher Education Institutions (HEI) evaluates the quality involved in their production process from the perspective of the multidisciplinary teams. A bibliographic review was done on the subject and, later, documentary research with the purpose of supporting the study and directing the empirical phase, subsequent stage of the investigation. The qualitative data collection was carried out in two HEIs that offer courses in the distance modality, with the objective of evaluating the perception of quality of the materials from the interviews with the professionals of the Nucleuses of Distance Education (NEaDs): managers, content teachers and technical producers; and analysis of MDAs samples by the Bardin's Content Analysis method. It was possible to conclude on the one hand that the perception of quality in EaD is still not defined enough by HEIs, since the implementation of this modality of education is laborious and costly and therefore lacks much planning and an innovative vision of the concept of education through of virtuality. On the other hand, the expansion of this modality of education needs the efforts of the Federal Government to update validators about quality, the Quality Guidelines for EaD.

Keywords: Distance Education. College Education. Quality Benchmarks. Didactic Audiovisual Materials. Information and Communication Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tipos de Regime em Educação a Distância	25
Figura 2	Lista de Necessidades que Justificam a EaD	26
Figura 3	Definições de Termos Correlatos à EaD	27
Figura 4	Definições de Educação a Distância segundo Autores da Área	28
Figura 5	Principais Aspectos do Decreto nº 5.622/05	42
Figura 6	Indicadores de Qualidade em Educação a Distância	58
Figura 7	Características da Interatividade	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Entrevista Gestor Responsável da IES 1	88
Quadro 2	Entrevista Gestor Responsável da IES 2	90
Quadro 3	Entrevista Docente Conteudista da IES 1	93
Quadro 4	Entrevista Docente Conteudista da IES 2	96
Quadro 5	Entrevista Produtor Técnico da IES 1	99
Quadro 6	Entrevista Produtor Técnico da IES 2	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABED	Associação Brasileira de Educação a Distância
ABT	Associação Brasileira de Tecnologia Educacional
AC	Análise de Conteúdo
AIM	<i>Articulated Instructional Media Project</i>
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
AV	Ambiente Virtual
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BBC	<i>British Broadcast Corporation</i>
CATV	Televisão a Cabo
CEAD	Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância
CIER	Centro Internacional de Estudos Regulares
CNE	Conselho Nacional de Educação
CPA	Comissão Própria de Avaliação
DBS	<i>Direct Broadcast Satellites</i>
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DE	Designer Educacional
DOU	Diário Oficial da União
EaD	Educação a Distância
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ERP	<i>Enterprise Resource Planning</i>
GC	Gerador de Caracteres
IES	Instituição de Ensino Superior
IGC	Índice Geral de Cursos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ITFS	<i>Instructional Television Fixed Service</i>
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
LMS	<i>Learning Management System</i>
MDAs	Materiais Didáticos Audiovisuais
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação

NEaDs	Núcleos de Educação a Distância
PNE	Plano Nacional de Educação
RQESaD	Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância
SBTVD	Sistema Brasileiro de Televisão Digital
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEED	Secretaria de Educação a Distância
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
SESu	Secretaria de Educação Superior
SGA	Sistema de Gestão de Aprendizagem
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TVDi	Televisão Digital Interativa
TVE	Televisão Educativa
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UAs	Universidades Abertas
UNA	Universidade Nacional Aberta
WWW	<i>World Wide Web</i>

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	14
2. EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	21
2.1 Educação a Distância: conceitos e história	24
2.1.1 Conceitos Gerais de Educação a Distância	27
2.1.2 Contexto Histórico da Educação a Distância no Brasil e no Mundo	32
3. LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	41
3.1 Leis e Decretos Regulamentadores	41
3.2 Políticas Públicas e os Referenciais de Qualidade	47
4. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	60
4.1 A Interatividade no Processo Ensino-Aprendizagem	67
4.2 Aprendizagem Colaborativa e Alteridade Proporcionada pelas TIC	72
4.3 Tecnologia e Mídia para Materiais Didáticos em Educação a Distância	74
5. PESQUISA EMPÍRICA: A PERCEPÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DOS NEaDs REFERENTE AO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS AUDIOVISUAIS	82
5.1 Os Métodos de Coleta de Dados e Cuidados Éticos	82
5.2 Coleta de Dados e Análise de Conteúdo	86
5.3 Descrição dos Materiais Didáticos Audiovisuais	103
5.3.1 Material Didático Audiovisual IES 1	103
5.3.2 Material Didático Audiovisual IES 2	105
5.4 Inferências e Considerações sobre a Pesquisa Empírica	107
5.5. Análise dos Resultados	117
6. CONCLUSÃO	124

REFERÊNCIAS	128
APÊNDICES	138
Apêndice 1 - Roteiro de Questões Gestor Responsável pelo EaD	138
Apêndice 2 - Roteiro de Questões Docente Conteudista do EaD	140
Apêndice 3 - Roteiro de Questões Produtor Técnico do EaD	142
Apêndice 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	144
Apêndice 5 - Transcrição na Íntegra das Entrevistas Individuais em Profundidade realizadas na IES 1	146
Apêndice 6 - Transcrição na Íntegra das Entrevistas Individuais em Profundidade realizadas na IES 2	156
ANEXO - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	175

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea – caracterizada por diversidades econômicas, sociais, políticas e culturais –, a informação passa a ser o produto mais valioso. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) interferem na vida dos seres humanos facilitando tarefas, introduzindo novas lógicas de comportamento, produzindo modos de vida e recriando diferenças.

Segundo Castells (2010), os seres humanos contemporâneos vivem na Sociedade da Informação, a qual, por meio de suas características marcantes – mobilidade, fácil acesso à informação e velocidade de operação –, cria oportunidades de colaboração e de construção coletiva do conhecimento. O Capitalismo Informacional, na visão do autor, tem nas TIC seu paradigma para as mudanças sociais que aconteceram na passagem do século XX para o XXI.

Fundamentalmente diversa, a Cultura da Convergência, como denomina Jenkins (2008) referindo-se ao mesmo período, provoca mudança de comportamentos na busca por informação e na construção digital de conteúdos coletivos que se realizam no ambiente virtual: “convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais [...]” (JENKINS, 2008, p.30); sua essência encontra-se na maneira como o conteúdo é veiculado, através de inteligência coletiva que provoca comportamentos migratórios de diversos públicos que habitam o ciberespaço na busca de experiências.

Dentro do contexto da Sociedade da Informação e do Conhecimento, portanto, o modelo escolar dominante¹ perde eficácia, provocando pensar uma nova pedagogia mediada por tecnologia. O uso de TIC para transformar o processo de ensino-aprendizagem objetiva torná-lo atrativo para uma geração que nasceu e cresceu na era da informação, avessa às formas tradicionais de ensino. Segundo Andrade et al (2011), a adesão das novas tecnologias aplicadas à educação é importante, uma vez que facilita acesso ao conhecimento e permite ao aprendiz autonomia para escolher entre diversas fontes de pesquisa.

Na metade do século XX, inicia-se um processo de incorporação de recursos tecnológicos que interferem no *fazer* Educação: o rádio, a televisão, os computadores e as novas plataformas. A aquisição de conhecimento viabiliza-se por meio de telecursos, de vídeo-aulas, de debates sobre documentários e, a partir da década de 90, dos campos abertos pela Internet

¹ O professor como detentor único e absoluto do conhecimento transmitindo informação a alunos aprisionados no modelo *caixa de fósforos* (BIZELLI, 2015).

que possibilitam uma disseminação de conteúdo e interatividade por meio de educação a distância (BELDA, 2009).

Atualmente, informações fluem em grandes quantidades e a velocidades surpreendentes, exigindo atores sociais educados, formados, habilitados a ensinar, aprender e escolher conhecimentos. As mudanças são tão intensas que até mesmo os conceitos de tempo e espaço se modificam (LESSA, 2011). Sob o olhar da Educação a Distância² (EaD) – marcado por processos que utilizam de TIC em relações ensino-aprendizagem –, o tempo e o espaço estão relativizados, pois a *aula* não possui locais ou horários definidos, a aprendizagem vai acontecendo conforme interesses e necessidades de professores e alunos (CASTRO, 2007). A informação é obtida a qualquer hora, exigindo que sejam repensadas as relações de aprendizagem.

Com o contínuo incremento de inovações tecnológicas nos diversos processos produtivos, a EaD traz para a Educação possibilidades para ensinar através de materiais textuais e/ou audiovisuais, de forma síncrona e assíncrona, disponibilizados por computadores ou outras telas e dispositivos conectados à rede. Foi este universo que se colocou como campo para o desenvolvimento desta tese, enquanto as indagações propostas como *problema de pesquisa* foram: Como as Instituições de Ensino Superior (IES) planejam e produzem Materiais Didáticos Audiovisuais (MDAs) utilizados em seus cursos a distância? Secundariamente: Como equipes multidisciplinares de Núcleos de Educação a Distância (NEaDs) consideram possível garantir a qualidade do material produzido?

Devido ao crescimento de cursos oferecidos na modalidade EaD por IES brasileiras³ e à inexistência de parâmetro normativo que garanta qualidade dos Materiais Didáticos Audiovisuais destinados à modalidade⁴, formulou-se a *hipótese* do trabalho: *a qualidade das equipes multidisciplinares que atuam em EaD é, prioritariamente, técnica, deixando a desejar nos aspectos pedagógicos para produção do conteúdo educacional, ou seja, por mais que equipes sejam compostas por profissionais diversificados e habilitados em suas especificidades, a EaD tem um longo caminho a percorrer para que haja MDAs de qualidade auxiliando na aprendizagem de estudantes que optam por essa modalidade de ensino.*

² Apesar de EaD ser considerada um conceito ambíguo e passível de discussão (RIBEIRO, 2008), aqui optou-se pela nomenclatura Educação a Distância, já que a legislação e os documentos regulatórios oficiais brasileiros assim a descrevem, sem aprofundar na distinção entre os termos Educação a Distância e Ensino a Distância.

³ As Instituições de Ensino que oferecem modalidade à distância, segundo Censo da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), eram 231, em 2012, e passaram a 339, em 2015 (CENSO EAD.BR, 2016).

⁴ Embora o MEC tenha publicado o material “Referenciais de Qualidade em Educação a Distância”, não há clareza de condições a serem verificadas e nem estrutura de acompanhamento que garanta sua aplicação.

O objetivo central da pesquisa foi colocado, portanto, no exercício de analisar a produção de MDAs de IES que oferecem EaD e na verificação da qualidade do processo atribuída pela percepção das próprias equipes multidisciplinares envolvidas. Múltiplas tarefas se colocaram como necessárias para a construção da investigação:

- Compreender o conceito histórico e as diretrizes normativas da EaD brasileira, desde seu surgimento até os dias atuais;
- Levantar os indicadores de qualidade da EaD instituído pelo MEC;
- Investigar o planejamento e a produção de MDAs de IES que oferecem EaD;
- Analisar a qualidade percebida pelas equipes multidisciplinares no processo de produção de MDAs para cursos superiores a distância por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin.

Por tudo que foi dito até agora, é possível perceber a importância que ganha a EaD dentro do sistema escolar universitário brasileiro. A modalidade foi vista, durante muito tempo, como *estepe* do ensino regular, utilizada somente quando o ensino presencial era impossível. Foi-se criando, historicamente, uma visão negativa sobre a EaD, a qual estaria voltada apenas para parcela desfavorecida da população (AZEVEDO, 2000). Acrescentam-se agravantes, tais como a ideia de o professor não estar presencialmente disponível ao educando ou de a maior parte do conteúdo ser transmitida via recursos tecnológicos, razões pelas quais criaram-se questionamentos sobre a eficácia da modalidade para a formação do aluno:

Neste quadro de mudanças na sociedade e no campo da educação, já não se pode considerar a educação a distância (EaD) apenas um meio para a solução de problemas emergenciais (como parece ser o caso nas políticas públicas brasileiras) ou para o conserto de alguns fracassos do sistema educacional em dado momento da história (como foi o caso de muitas experiências em países pobres, inclusive o Brasil, nos anos 1970). A EaD tende doravante a se tornar cada vez mais um elemento regular e necessário dos sistemas educativos, não apenas para atender a demandas e grupos específicos, mas com funções de crescente importância, especialmente no ensino pós-secundário, ou seja, na educação da população adulta, o que inclui o ensino superior regular e toda a grande e variada demanda de formação contínua gerada pela obsolescência acelerada da tecnologia e do conhecimento (BELLONI, 2002, p. 152).

A modalidade a distância, assim, foi sendo normatizada cada vez mais no Brasil. A Constituição Federal, que garante o direito à educação, não fez nenhuma objeção à EaD. Além

dela, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação⁵ previu reforço com dispositivos legais, decretos e portarias ministeriais, que ora incentivaram, ora dificultaram a sua implantação nos diversos níveis de educação (CHIANTIA, 2008).

Ainda assim, porém, essa modalidade de ensino é vista com preconceito, de forma “aligeirada e simplificadora da realidade” (RIBEIRO, 2008, p.176). Tal preconceito é infundado, já que, segundo dados do próprio MEC publicados pelo jornal O Estado de São Paulo, os egressos de cursos superiores a distância possuem desempenho superior aos alunos do ensino presencial (VIEIRA, 2016). Segundo Ribeiro (2008), o próprio Conselho Municipal de Educação de São Paulo demonstrou visão preconceituosa ao recomendar à Prefeitura do Município, em concurso público de 2007, que não admitisse professores formados em cursos EaD. Para o autor, um posicionamento infundado, discriminatório, fomentador de uma visão negativa sobre o estudo a distância, colocando em grau de inferioridade os profissionais assim formados. É preciso uma reflexão mais acurada sobre a modalidade, não se sustentando a ideia de que para existir uma ação pedagógica de qualidade é indispensável a presença física.

Estudos focados na análise sobre a qualidade de cursos superiores a distância são de suma importância para avaliar e fortalecer-los. Afinal, a modalidade continua em crescimento, acompanhando a própria evolução da sociedade atual: a Sociedade da Informação (ABED, 2014). Isso significa debruçar-se sobre a qualidade dos MDAs utilizados como conteúdo educativo para estudantes de cursos EaD. Pouco ainda se discute sobre o tema, sobre a qualidade do produto audiovisual utilizado e sobre os pressupostos metodológicos ou pedagógicos envolvidos na formação profissional realizada via modalidade a distância. Este foi o recorte para a investigação realizada, já que a criteriosa produção e utilização dos MDAs pode ser caminho para o combate à imagem negativa da EaD.

Para a consecução da tarefa proposta, estruturou-se um caminho metodológico, já que “é por meio da pesquisa que se pode alcançar e dominar novos conhecimentos de forma metódica. Com esse procedimento técnico o homem redescobre verdades que antes permaneciam obscuras” (SANTOS, 2002, p. 157). A pesquisa adotou, portanto, abordagem qualitativa de caráter exploratório-analítico, composta por três etapas: levantamento bibliográfico, pesquisa documental e pesquisa empírica através de entrevistas com profissionais de equipes multidisciplinares que compõem NEaDs de IES.

⁵ Lei nº 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 23 ago. 2016.

A primeira etapa constituiu-se em levantamento bibliográfico acerca de temas que envolviam a pesquisa: Sociedade da Informação, EaD, Educação Superior e TIC. Bello et al (2012) entendem por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre principais teorias e conceitos que norteiam o trabalho científico. A revisão pode ser chamada de levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica ou fundamentação teórica, e ela pode ser realizada por meio de conteúdo levantado em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet, entre outras fontes adicionais.

Num sentido restrito, [pesquisa bibliográfica] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e procurar a respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2011, p. 51).

Para entender a Sociedade da Informação, cenário em que a EaD mediada por TIC se insere, foram consultados autores como Castells (1999-2003), Levy (1996-1999), Jenkins (2008) e Bizelli (2010-2015). Para estabelecer relação entre conceitos como EaD e TIC, foram utilizadas, principalmente, obras de Moore & Kearsley (2007), Litto & Formiga (2009), Litwin (2001), Belloni (2002) e Mill (2008-2013). Como procedimento de análise, foram selecionadas as obras citadas, que foram lidas de forma crítica e reflexiva. Depois, foram elaboradas sistematizações e sínteses, e, por fim, redigidos os capítulos teóricos da tese.

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para o estágio inicial de investigação, pois embasou os pressupostos adotados e contribuiu com o aporte teórico que permitiu o desenvolvimento da coleta de dados no campo. Ofereceu condições para que a pesquisadora aprofundasse o tema através de investigações pregressas realizadas por outros autores, abrindo veredas para a proposta atual. Como reflete Eco (1996), quando se faz uso de livros, é obrigatório aceitar leis do destino e perceber que não se pode mudar o histórico de um tema de pesquisa, apenas conhecê-lo para aproveitá-lo com objetivo de novas reflexões.

A segunda etapa da investigação caracterizou-se como pesquisa documental, na qual foram verificados documentos indispensáveis para o acompanhamento histórico e normativo sobre o tema pesquisado. Segundo Moreira (2011, p. 271), a pesquisa documental “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. Assim, para construir o cenário político-legal do estudo, foram levantadas as diretrizes normativas da EaD na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Lei nº 9.394/96), em seu Art. 80 – e, mais especificamente,

nos Decretos nº 5.622/05, nº 5.773/06, nº 6.303/07 e nº 9.057/07, na Portaria 11 de 20/06/2017, nos Pareceres (2008) e nos Censos (2014-2015) da EaD elaborados pela ABED.

Para investigar parâmetros de qualidade da EaD instituídos pelo MEC, partiu-se dos documentos intitulados *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância* (2007) e *Instrumentos de Autorização e Avaliação de Cursos de Graduação EaD* (2015), ambos elaborados pelo INEP⁶. Segundo Santos (2000):

A pesquisa documental é realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza – pintura, escultura, desenho –, notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos (SANTOS, 2000, p. 45).

A análise documental – enquanto técnica de pesquisa qualitativa – complementa informações obtidas por outras técnicas (bibliográfica, por exemplo), de forma a desvelar aspectos novos de um tema ou problema de pesquisa, segundo Ludke e André (1986). Assim, o procedimento de análise de dados do levantamento documental foi realizado comparando as fases de normalização da EaD, desde seu surgimento até os dias atuais.

A terceira etapa constituiu-se de pesquisa empírica de abordagem qualitativa, valendo-se de entrevistas submetidas à Análise de Conteúdo (AC), o que permitiu interpretações direcionadas à explicação dos objetivos propostos. O cenário da coleta de dados foi estruturado por escolha de IES privadas brasileiras que ofertam cursos a distância e utilizam MDAs de produção própria como suporte de ensino. Realizou-se levantamento sobre a estrutura, o planejamento e a produção dos MDAs voltados à EaD pelas IES, assim como sobre a percepção da qualidade dos materiais tomada a partir da manifestação de membros de equipes multidisciplinares dos NEaDs. Também foram coletadas amostras de MDAs, que posteriormente foram devidamente descritas e analisadas.

Todo material de pesquisa possibilitou a estruturação da tese em seis capítulos. O primeiro deles, a Introdução, contextualiza a temática, esclarecendo elementos fundamentais para a compreensão das escolhas da pesquisadora ao identificar e justificar o problema de investigação, a hipótese de trabalho, os objetivos a serem atingidos, a metodologia que sustentou as análises e a organização da apresentação final do trabalho. O segundo capítulo é dedicado à reflexão teórica sobre a Educação na Sociedade da Informação, focando nos

⁶ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

conceitos e na história da EaD, no Brasil e no Mundo. No terceiro capítulo são abordadas a Legislação e as Políticas Públicas da EaD no Brasil. Nele, se apresentam as leis, decretos e os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, importante documento do MEC que embasa a presente discussão. O quarto capítulo aborda as TIC na EaD, com especial atenção a questões como Aprendizagem Colaborativa e à relação entre inovações tecnológicas e mídia para a construção de MDAs. O quinto capítulo apresenta a Pesquisa Empírica realizada em duas IES que oferecem cursos a distância. Aqui, os resultados são expostos em quadros compostos através da Análise de Conteúdo, descrições de amostras de videoaulas, análises das informações pesquisadas com os resultados das entrevistas, além de reflexões e considerações sobre o trabalho realizado. A tese é finalizada com o sexto capítulo, que traz conclusões obtidas com a investigação. Seguem Referências, Apêndices e Anexos.

2. EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O cenário educacional contemporâneo apresenta grandes desafios a pesquisadores e profissionais que atuam na Educação. A discussão que se coloca na pauta é a necessidade de traçar caminhos para inovar o processo de ensino-aprendizagem diante das características da contemporaneidade, imersa em transformações econômicas, políticas, sociais, tecnológicas e culturais. A transição exige tempo para adaptação e a sociedade se adéqua em ritmo inferior ao das transformações: a sensação de desorientação é consequência de mudanças radicais provenientes do campo da comunicação e derivadas da revolução tecnológica (CASTELLS, 2010).

A Internet, desde os anos 1990, introduziu rupturas nas rotinas dos seres humanos: em casa, no trabalho, em centros de compras e entretenimento, no transporte público e na comunicação portátil, transformando o modo de viver em sociedade. A virtualidade passou a ser uma dimensão essencial do mundo concreto. Como foi visto na introdução a esta tese, a Sociedade da Informação ou Sociedade em Rede é consequência da ascensão do Capitalismo Informacional ancorado no universo de inovações tecnológicas que reconfiguram o gerar e distribuir riquezas na atualidade (CASTELLS, 2010).

Para além da Internet e da rede mundial de computadores, Lévy (1999) identifica o ciberespaço envolvendo estrutura das redes telemáticas, a forma de manipulação das informações e também dos sujeitos. O ciberespaço não apenas significa a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. A diversidade contida no pensar digital é limitada por aquilo que Jenkins (2008) chamou de Cultura da Convergência, ou seja, toda a informação e a interação coletiva possível dentro universo virtual. A essência da convergência encontra-se na maneira como o conteúdo é veiculado, através de uma inteligência coletiva que provoca comportamentos migratórios de diversos públicos que habitam o ciberespaço na busca de novas experiências.

Habitar o ciberespaço passa a ser direito fundamental do ser humano. Segundo Bizelli (2010), a Cidade Digital⁷ deve oferecer – para além dos direitos consagrados (saúde, educação, desenvolvimento social e humano, cultura, esporte, lazer, ...) – o direito à conexão digital e educação universal para permitir a apropriação livre do universo da rede de computadores. A

⁷ A Cidade Digital surge com a utilização de TIC nas políticas públicas. Posteriormente, a Cidade Radical oferece: 1) conexão a todos os cidadãos através de infovias públicas; 2) educação universal através da rede e 3) estruturas de governo abertas à participação popular digital (BIZELLI, 2010).

atual sociedade proveniente da Era do Conhecimento e, portanto, baseada na utilização de TIC, abre caminho para um ambiente de inovação em diversos campos de atividade, inclusive no educacional, pois modifica as relações sociais, permitindo, por exemplo, o ciberativismo como pode ser visto em Castells (2013) e em Bizelli (2013).

Assim, na Era do Conhecimento, a educação tradicional vai ser invadida por inovações que, cada vez mais, atendem aos ditames da tecnologia digital. A inserção de TIC no meio educacional provoca debate constante na busca por alternativas para transformar o processo de ensino-aprendizagem:

[...] é conveniente lembrar que a sociedade contemporânea está passando por uma série de modificações estruturais que nos obrigam a reavaliar aquilo que estamos fazendo em Educação, e tentar alinhar este esforço à realidade que existe fora da instituição acadêmica (LITTO, 1998).

No entanto, educar-se para os meios não é simples, exige força de vontade e comprometimento com a criação de ambientes colaborativos entre profissionais que precisam de novas interlocuções nos ambientes de trabalho e que se organizam no ciberespaço. Os que se dedicam a ela acabam por esconder-se em um movimento de hiperespecialização, que os protege de outros profissionais, inviabilizando produções compartilhadas (BIZELLI, 2013).

A geração inserida na Era do Conhecimento, a chamada Geração Nativa Digital ou *N-Generation*, lida de forma natural com tecnologias e com a construção colaborativa de conteúdos, incorporando o que Lévy (1999) denominou Inteligência Coletiva, um dos pilares da Cultura da Convergência. Segundo Sathler (2008, p.8) “nativos digitais são as pessoas que cresceram no contexto das tecnologias digitais, que adotaram desde a infância o computador, telefone celular, internet, *websites*, *podcasts* e outras formas de TIC, o que altera sua percepção de mundo e o próprio estilo de aprendizagem”.

O mundo globalizado – no qual as relações sociais são pautadas pela intensidade e velocidade das informações – exige uma discussão aprofundada sobre novas formas de ensinar. Assim, há um direcionamento para refletir como converter pedagogicamente inovações tecnológicas em métodos educativos escolares. A escola pode amenizar o alerta que Castells (2010) faz sobre a centralidade da Internet em muitas áreas e as consequências da falta de acesso ou do acesso limitado, que pode tolher o desenvolvimento dos sujeitos excluídos. O autor coloca

que a Sociedade em Rede pode construir uma “divisão digital”, dada a desigualdade existente no acesso⁸ aos avanços tecnológicos.

A diferenciação entre os que têm e os que não têm Internet acrescenta uma divisão essencial às fontes já existentes de desigualdade e exclusão social, numa interação complexa que parece aumentar a disparidade entre a promessa da Era da Informação e sua sombria realidade para muitos em todo o mundo. (CASTELLS, 2010, p. 203).

Diante de potencialidades e limites identificados na Sociedade da Informação, pesquisadores têm chamado a atenção para a necessidade de um novo modelo pedagógico mediado pela tecnologia. A reflexão aborda questões como a adaptação que escola e gerações de docentes formados antes da revolução tecnológica tiveram que passar. O velho modelo – de escola e de docentes – foi *engolido* pelos alunos nativos digitais, deixando explícita a necessidade de reformulação do modelo educacional existente: o conhecimento não é apenas *transmitido*, é produzido de forma *interativa* em um processo no qual o professor atua como *facilitador* do conhecimento (TAPSCOTT, 1999).

O consumo das novas tecnologias de comunicação, em especial da internet e da televisão são uma realidade inquietante, não só pela quantidade de tempo que diariamente são dedicados a estes meios, mas também, pelos valores das mensagens transmitidas. Hoje em dia, praticamente tudo é visto pela tela da televisão ou pela tela do computador. Assim, é necessário que a instituição escolar esteja preparada para educar com estes meios. A educação terá de formar pessoas que irão enfrentar um mundo diferente do nosso, o digital. Consequentemente, terá que fazer com que estas pessoas sejam competentes na utilização dessas novas tecnologias (AMARAL et al, 2004, p.54).

A tecnologia foi inserida no processo de ensino-aprendizagem, dentro e fora do ambiente escolar. Na sala de aula, ela abre uma nova janela para a educação presencial; fora da sala, é mediadora do processo de ensino-aprendizagem na EaD, permitindo formas diferentes de transmissão de conhecimento e o aprendizado colaborativo. Tendências apontam alternativas para utilizar TIC em processos educativos, delineando um cenário para ações pedagógicas futuras que ultrapassem o educar para os meios digitais. Vertente interessante é o edutretenimento que pode se dar através de *games*, *media literacy* ou mídia-educação e EaD.

⁸ Bizelli alerta que a desigualdade digital não se dá apenas pelo *acesso*, mas pode se dar também pela diferença nas habilidades educativas, o que comprometeria a capacidade de *apropriação* da informação e o uso da liberdade de escolha (BIZELLI, 2015)

Conforme afirma Chagas-Ferreira (2014, p.37), “a tecnologia está presente em todas as ações do cotidiano, o que transformou consideravelmente as relações humanas”, ou seja, a disseminação das inovações tecnológicas para todos os campos da vida humana dá folego para pensarmos um educar através de múltiplas plataformas utilizando EaD.

2.1 Educação a Distância: conceitos e história

A EaD – apesar de não ser modalidade nova de ensino – vem ganhando força e representatividade, exigindo uma discussão séria no campo educacional. Realizar essa tarefa prescinde, porém, de uma análise de sua história. Tomar-se-á como definição que EaD acontece quando estudante e professor não estão, presencialmente, na instituição de ensino participando de atividades e interagindo em classe física. Castro (2007) afirma que a EaD usa processo de ensino-aprendizagem que não implica na presença física do professor no local onde a mensagem é recebida, ou seja, um processo de ensino-aprendizagem no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas.

Moore e Kearsley (2007) concordam com essa ideia e definem a EaD como situações nas quais estudante e professor, em locais diferentes, durante todo ou grande parte do tempo, estabelecem relação de ensino-aprendizagem. Porém, acrescentam que como as figuras de professor e estudante estão em locais distintos, torna-se necessário o uso de tecnologia para transmitir informações e proporcionar um meio de interação:

Educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais (MOORE; KEARSLEY, 2007, p.2).

Em documentos oficiais brasileiros sobre a EaD, encontra-se a mesma marca distintiva.

Caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL. DECRETO N° 5.622, 2005).

Para estabelecer a EaD, instituições se organizam de acordo com o público-alvo em questão e suas características de infraestrutura. Existem três tipos de regime de aprendizado a distância, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1: Tipos de Regime em Educação a Distância

Tipos de Regime EaD	Descrição
EaD Puro	Realizado pelo estudante com características de autodidata, em que tem condições de escolher o melhor horário e local para seu estudo, não sendo necessária nenhuma atividade presencial, exceto os exames finais.
EaD	É caracterizado pela exigência de algumas atividades presenciais pelo estudante, como por exemplo, a frequência esporádica em sala de aula para determinadas atividades como seminários e oficinas.
Misto de EaD e Educação Convencional	Caracterizado quando a instituição de ensino presencial oferece atividades complementares em EaD. O MEC autoriza por meio da Portaria 4.059, de 10/12/04 que até 20% da carga total do curso siga o modelo semipresencial e seja ministrada via <i>web</i> .

Fonte: Adaptado de Coelho (2007, *apud* SIMÃO, 2011, p.11).

O número de instituições de ensino, públicas e privadas que oferecem cursos na modalidade a distância tem crescido significativamente no Brasil, depois da publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996. Apesar do avanço recente da EaD, muitos pontos sobre a modalidade ainda não foram discutidos profundamente ou abrigam controvérsias: seus objetivos, formas de transmissão, provedores de tecnologia, público-alvo, organização de projetos pedagógicos, métodos de avaliação, entre outros. Políticas públicas têm sido traçadas, mas o sistema de acompanhamento do aprendizado discente, a formação de professores, os métodos e a sistematização de resultados, os critérios de credenciamento de instituições e autorização de cursos carecem de regulamentação mais detalhada (MUGNOL, 2009).

Questiona-se, ainda, o fato de a EaD não possuir presença física do professor em sala de aula, muito embora se reconheça que isso não diminua, necessariamente, a eficácia da modalidade no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Alguns advogam que a exigência de professor que entenda, faça mediação e estimule o estudante através das tecnologias disponíveis é incentivo à sua formação. O esforço para professor e aluno aprenderem torna-se essencial à construção colaborativa e eficaz do conhecimento.

Na EaD, o estudante é o foco do processo de construção e reconstrução do conhecimento. Tal processo deve acontecer por meio de ambiente colaborativo de aprendizagem sob orientação do professor. O estudante também é o ponto de partida quando se fala em planejamento e, conseqüentemente, em avaliação. O processo avaliativo deve propiciar comunicação e informação para monitoramento, apoio e aperfeiçoamento da aprendizagem dos

discentes. Para tanto, é mais importante um acompanhamento formativo do que o controle ou classificação de resultados (SILVA, 2009).

Referente à inserção de TIC na EaD, evidenciam-se modificações nas noções de tempo e de espaço, já que não existem local nem horário previamente definidos como no ensino presencial e o processo de ensino-aprendizagem acontece conforme interesses e necessidades de professores e estudantes (CASTRO, 2007). Há envolvimento de equipes de mídias como rádio, TV e Internet para produzir e disseminar videojogos, videoaulas, objetos de aprendizagem, *chats*, fóruns e comunicação online que ficam disponíveis em dispositivos móveis. Isso agrega valores ao aprendizado, utilizando alunos como coparticipantes da construção do conhecimento.

Torna-se possível, então, afirmar que a EaD depende de TIC para estabelecer a transmissão do conhecimento. A boa utilização de inovações tecnológicas depende da incorporação de técnicas de comunicação devidamente planejadas e estruturadas, diferentemente do que acontece em sala de aula, e consomem, portanto, mais tempo e recursos financeiros. Como docente, EaD significa reformular concepções e práticas; igualmente para o aluno, que precisa ter e/ou desenvolver aptidões particulares e distintas. Por isso, o ensino a distância costuma agrandar perfis de alunos diferentes do ensino tradicional.

Embora antiga, a EaD ganha força com a Internet, tornando o relacionamento entre professor e aluno mais denso, proporcionando *estudo independente*, tão necessário para o aprendizado. Moore e Kearsley (2007) comentam que responsáveis por políticas institucionais e governamentais têm produzido EaD para atender necessidades importantes, a saber:

Figura 2: Lista de Necessidades que Justificam a EaD

- Acesso crescente a oportunidades de aprendizado e treinamentos;
- Proporcionar oportunidades para *atualizar aptidões*;
- Melhorar a *redução de custos* dos recursos educacionais;
- Apoiar a *qualidade* das estruturas educacionais existentes;
- Melhorar a *capacitação* do sistema educacional.
- *Nivelar desigualdades* entre grupos etários;
- Direcionar campanhas educacionais para *público-alvo* específicos;
- Proporcionar treinamento de emergência para *grupos-alvo* importantes;
- Aumentar as aptidões para a educação *em novas áreas do conhecimento*;
- Oferecer uma combinação de educação *com trabalho e vida familiar*;
- *Agregar uma dimensão internacional* à experiência educacional.

Fonte: Adaptado de Moore e Kearsley (2007, p.8).

Os autores atentam para o fato de que a lista não está completa e que algumas necessidades se sobrepõem. No entanto, seu conteúdo demonstra um direcionamento à reflexão de razões pelas quais a EaD tem despertado interesse de IES em anos recentes. Apesar do interesse e das diferentes motivações diante da EaD, deve-se observar a existência de iniciativas pelo país com o único fato de baratear o ensino. Ribeiro (2008) coloca que a modalidade não significa necessariamente barateamento. Tanto quanto no ensino presencial, educar a distância não é iniciativa barata se o objetivo é qualidade. É necessário contar com uma equipe multidisciplinar preparada para o modelo.

2.1.1 Conceitos Gerais da Educação a Distância

Para compreender melhor o significado de educação a distância é importante conhecer os diferentes conceitos existentes. Segundo Barros (2003, p. 27), “todas as definições expressas sobre o que seja educação a distância trazem diversas formas de relação entre tecnologia, educação, processo ensino-aprendizagem e ação docente, num determinado tempo e espaço diferenciados”. Assim, Barros (2003) expõe termos correlatos sobre EaD:

Figura 3: Definições de Termos Correlatos à EaD

Termos Correlatos à EaD	Definições
Tecnologia Educacional	<ul style="list-style-type: none"> • Envolve pessoas, procedimentos, ideias, recursos e organização acerca do planejamento da aprendizagem humana; • Possui 3 aspectos: recursos destinados à aprendizagem, gestão educacional e desenvolvimento educacional; • Compreende a relação das tecnologias e o processo educacional.
Teleducação	<ul style="list-style-type: none"> • Utiliza meios eletrônicos para formar e informar a distância; • Também chamado de “telensino”.
Educação Aberta	<ul style="list-style-type: none"> • Implica ausência de barreiras que limitam acesso ao ensino, seja em qualificações prévias ou determinação de lugares e tempos determinados para frequência às aulas; • Acesso igualitário; • Política educacional; • A EaD está inserida no processo de educação aberta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando as definições dos termos correlatos à educação a distância, percebe-se que existem algumas semelhanças e diferenças entre eles. Comparando os termos Educação Aberta e EaD, pode-se afirmar que enquanto a Educação Aberta é uma política educacional, a EaD é uma forma de concretização desta política. Já na comparação de EaD com Teleducação, há autores que descrevem que Teleducação vem de “*telos*”, que em grego significa distância, demonstrando total similaridade em suas definições.

Desta forma, discutir diferenças e semelhanças entre eles torna-se fundamental para o entendimento da própria EaD, e pode-se ressaltar que os termos Tecnologia Educacional, Educação Aberta e Teleducação fazem parte de uma só relação da adoção das tecnologias na educação para estabelecer o processo de ensino-aprendizagem (BARROS, 2003).

Referente aos conceitos de EaD, primeiramente é necessário distinguir Educação a Distância de Ensino a distância, mesmo não sendo foco o aprofundamento desta discussão neste trabalho. Apesar de, muitas vezes, serem utilizados sem distinção é preciso levantar a pequena diferença entre eles. Barros (2003) coloca que Educação a Distância é um processo de ensino-aprendizagem que leva o indivíduo a *aprender a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente de seu próprio crescimento*, enquanto Ensino a Distância caracteriza-se pela instrução, transmissão de conhecimentos e informações, adestramento, treinamento. Assim, a Educação a Distância se apresenta como um processo de humanização que alcança o pessoal e o estrutural, partindo da ação educativa e sua relação dialógica. Já o Ensino é o processo em que o “indivíduo-estudante” adquire a instrução em si.

Barros (2003, p.31) expõe como a Lei Francesa (1971) conceitua o Ensino a Distância e auxilia nesta distinção: “o ensino a distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar em que é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas”. A figura 4 apresenta algumas definições de EaD, segundo autores da área.

Figura 4: Definições de Educação a Distância segundo Autores da Área

Autor	Educação a Distância
Moore e Kearsley (2007, p.2)	EaD é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais.

Belloni (1999, p.25, <i>apud</i> BARROS, 2003, p. 31)	EaD pode ser definida como a família de métodos instrucionais nos quais comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem, incluindo aqueles que numa situação presencial seriam desempenhados na presença do aprendente de modo que a comunicação entre o professor e o aprendente deve ser facilitada por dispositivos impressos, eletrônicos, mecânicos e outros.
Niskier (1999, p.50, <i>apud</i> BARROS, 2003, p. 32)	EaD é a aprendizagem planejada que geralmente ocorre num local diferente do ensino e, por causa disso, requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através da eletrônica e outras tecnologias, bem como arranjos essenciais e organizacionais administrativos.
Keegan (1991, <i>apud</i> ALVES, 2011, p. 85)	EaD é quando há separação física entre professor e aluno. O que a distingue do ensino presencial, é a comunicação de mão dupla: estudante beneficia-se de diálogo e da possibilidade de iniciativas de dupla via com possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização.
Chaves (1999, <i>apud</i> ALVES, 2011, p. 85)	A EaD, no sentido fundamental da expressão, é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e propõe-se que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das conceituações apresentadas na Figura 4, é possível perceber duas similaridades importantes:

- 1) Todas as conceituações abordam a questão da distância como característica fundamental da modalidade e que justifica o planejamento de forma diferenciada daquele que ocorre em salas de aula presenciais;
- 2) Todas as conceituações colocam a questão dos recursos tecnológicos como fundamental para estabelecer o processo ensino-aprendizagem.

Assim, o conceito de EaD sempre tem como referência o local e tempo diferentes entre alunos e professor e a necessidade de utilização de recursos tecnológicos para que o processo de ensino-aprendizagem se estabeleça. Também é possível relacionar a EaD com o posicionamento de Paulo Freire ao reconhecer a importância da tecnologia e seu potencial frente a educação. Porém, como ele viveu até 1997, época em que a EaD ainda não era difundida massivamente, não houve tempo de aprofundamento de suas ideias. Assim, muitos estudiosos da área tendem a realizar ensaios que estabelecem a relação das ideias dele com a EaD.

Segundo Castilho (2011), Paulo Freire pensava na educação como ferramenta de um homem que devia sempre se considerar inacabado, imperfeito e, portanto, sempre sujeito ao aprendizado e a mudanças. Pregava o atendimento às características e particularidades de cada estudante, com suas necessidades específicas de aprendizado. Para ele, a educação deve servir para eliminar desigualdades, mesmo que seja preciso enfrentar conflitos.

Assim, Paulo Freire configurou o conceito de Educação Libertadora, que nos leva à reflexão sobre sua relação com o conceito de Educação a Distância. Para estabelecer esta conexão, primeiramente é necessário compreender o conceito da Educação Libertadora de Paulo Freire apresentado por Castilho:

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria trocar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade (CASTILHO, 2011, p.2).

O conceito de Educação Libertadora de Paulo Freire era uma técnica com dinâmicas destinadas ao desenvolvimento do senso crítico capaz de transformar os alunos. Ele acreditava em uma nova educação, que não precisava, necessariamente, estar dentro da escola (CASTILHO, 2011). No site do Instituto Paulo Freire, há um enunciado com a seguinte mensagem:

A Educação a distância (EaD) praticada pelo Instituto Paulo Freire é considerada como o encontro não presencial entre sujeitos que dialogam e constroem relações, conhecimento, práticas, e situações existenciais, problematizando-as no intuito de realizarem intervenções na realidade em que se estão inseridos. Suas atividades envolvem o uso de ferramentas e plataformas livres, em especial a plataforma da UniFreire, por meio da qual são desenvolvidas a maioria dos encontros de formação, que podem ser presenciais ou totalmente a distância (INSTITUTO PAULO FREIRE, *apud* CASTILHO 2011, p.15).

Vallin (2014) aponta que os pensamentos de Paulo Freire podem perfeitamente ser aplicados à EaD, principalmente o conceito de Pedagogia da Autonomia, o qual coloca que os trabalhos educacionais devem ser desenvolvidos não por subordinação, mas sim por colaboração, autonomia e liberdade. Quando se aprende com liberdade existe mais propensão ou facilidade à continuidade espontânea nos estudos. Quando o curso é mais fechado, sem liberdade, as pessoas tendem, com mais frequência, a deixar de estudar e esquecer mais rapidamente o que viram. Porém, esta liberdade deve ser “cuidada”, pois, apesar da distância,

o aluno deve ser assistido o tempo todo. Segundo Vallin (2014, p. 50), “é preciso acompanhar as buscas e descobertas, e não somente o resultado ou os produtos finais”.

Ribas (2010) também estabelece relação entre a interatividade presente no pensamento de Paulo Freire e na Educação a Distância interativa e colaborativa. Paulo Freire defendia que o processo de ensino-aprendizagem deve ser uma constante busca e troca de saberes, ou seja, que o ato de aprender deve ser um diálogo e, portanto, interativo. A Educação a Distância tem a interatividade como ponto central em seu planejamento e execução, já que devido à distância, torna-se necessário interagir com os recursos tecnológicos disponíveis.

Para os profissionais educadores da EaD, muitas vezes, há a dificuldade de estabelecer o diálogo – tão fundamental como colocava Paulo Freire – a distância. Para superar este obstáculo, a reflexão sobre a pedagogia de Paulo Freire torna-se essencial, analisando se sua prática vem ao encontro do conceito de educação dialógica proposto por ele, refletindo sobre a educação dialógica a distância.

Ribas (2010) conclui que é possível estabelecer a relação entre a pedagogia de Paulo Freire e a Educação a Distância, pois ambos buscam formar os sujeitos por meio do diálogo, interações, autonomia, participação e conscientização.

É entendido que para a Educação a Distância seja interativa e colaborativa ela precisa, assim como a pedagogia de Paulo Freire, ser autônoma, promotora da dialogicidade, da conscientização, problematizadora, libertária (RIBAS, 2010, p.9).

Assim, a Educação a Distância deve ser uma modalidade de estudos que questiona, que dialoga e que liberta para a autoria individual e coletiva, em colaboração entre os pares (estudante-estudante e estudante-professor/tutor), indo ao encontro dos pensamentos de Paulo Freire.

Outra questão importante para ser discutida em Educação a Distância é a presencialidade que também abarca o conceito de Educação Libertadora de Paulo Freire. O presencial em EaD não implica necessariamente na presença física, afinal esta presença é ínfima ou inexistente na modalidade, principalmente em cursos de regime de EaD Puro. A presença em EaD é diferente, é virtual. Um aluno da EaD pode estar mais presente do que um aluno da modalidade presencial pois, como já dito, a presença não está associada tão-somente à presença física, mas também à presença mental. Ribeiro (2008, p. 173) aborda esta questão, colocando que a “presença virtual é, de fato, uma possibilidade”. O autor declara que a presença virtual é uma situação nova que não deve ser desconsiderada. Muitos profissionais realizam atualmente encontros e reuniões

utilizando ferramentas tecnológicas. Assim, é preciso reconhecer que há possibilidade de realização de encontros virtuais como acontece em cursos da modalidade a distância.

2.1.2 Contexto Histórico da Educação a Distância no Brasil e no Mundo

Para entender o ensino a distância hoje, além dos aspectos conceituais, é também necessário analisar o seu contexto histórico, pois ao contrário do que muitos pensam, esta modalidade de ensino surgiu muito antes da popularização da Internet. Desta forma, Moore e Kearsley (2007) dividiram a evolução da EaD em cinco gerações, que ilustram sua evolução ao longo dos anos.

- **Primeira Geração: Geração Textual**

A primeira geração da EaD, que teve início nos anos 1880, foi chamada de geração textual por utilizar as correspondências – a tecnologia da época - para a transmissão do conhecimento. Esta modalidade de ensino foi criada pelas primeiras escolas com fins lucrativos e era conhecida também como estudo em casa ou estudo independente, pelas universidades.

O objetivo dos primeiros educadores por correspondência era chegar até aqueles que, de outro modo, não podiam avançar nos estudos. Isso incluía as mulheres, a quem era negado em grande parte o acesso às instituições educacionais formais. Desta forma, as mulheres tiveram papel importante na história e no crescimento do estudo a distância. Um fator que possibilitou o desenvolvimento desse modelo foi o estabelecimento de serviços postais baratos e confiáveis.

- **Segunda Geração: Geração Analógica**

A segunda geração, que teve início na década de 1930, foi chamada de analógica e usava a transmissão dos conteúdos por meio de rádio e televisão. Quando o rádio surgiu no início do século XX, educadores o viram como grande possibilidade de difusão do conhecimento. No entanto, ele não atendeu às expectativas por causa dos interesses distintos entre emissoras e instituições de ensino.

Já a televisão, com as TVs educativas, obteve mais sucesso por conta de contribuições empresariais. Nesta geração, foram oferecidos tanto cursos de curta-duração quanto de nível superior. Foi nesse momento da história que surgiu a transmissão de cursos pela TV a cabo e os chamados Telecursos, que integravam programas de televisão com livros didáticos.

No Brasil, o exemplo mais conhecido é do Telecurso 2000, que oferece, até dias atuais, ensino supletivo, técnico e profissionalizante, utilizando televisão e material impresso.

- **Terceira Geração:** Geração das Tecnologias de Comunicação

A terceira geração, que começou no fim da década de 1960, foi caracterizada por mudanças significativas no contexto da EaD. Foi nela que surgiu o Projeto de Mídia de Instrução Articulada (AIM – *Articulated Instructional Media Project*), que tinha como principal objetivo agrupar várias tecnologias de comunicação para propagar o ensino com custo reduzido.

As tecnologias utilizadas eram materiais impressos, correspondência para orientações, transmissão por rádio e televisão, conferências por telefone, kits para experiências em casa e recursos de bibliotecas locais. Em 1967, foram criadas as Universidades Abertas (UAs) que usavam o rádio e a televisão para transmitir seus conteúdos. As UAs foram criadas pelo governo britânico e não eram vinculadas a outra instituição presencial, como às AIMs. As UAs eram instituições totalmente voltadas à finalidade de ensino a distância a qualquer pessoa que se interessasse.

- **Quarta Geração:** Geração da Teleconferência

A quarta geração surgiu nos Estados Unidos, em 1980, e era baseada na tecnologia da teleconferência e, portanto, elaborada normalmente para o uso de grupos. Era um modo mais próximo ao ensino tradicional, pois os alunos se reuniam em salas de aula convencionais ou outras localidades, como residências e empresas. Entretanto, era necessário o uso de equipamentos específicos para a transmissão e recebimento de áudio e imagens.

No início, a tecnologia utilizada era a audioconferência, realizada através de telefones comuns, pelos quais era possível estabelecer a bidirecionalidade. Posteriormente, foi possível realizar a teleconferência devido às transmissões via satélite, porém era uma comunicação de mão única. Assim, na década de 1990, a videoconferência se tornou realidade através das linhas telefônicas de fibra óptica, que permitiam uma transmissão maior de dados, possibilitando a comunicação nos dois sentidos.

- **Quinta Geração:** Geração Digital

É a geração dos dias atuais e se utiliza do suporte de recursos tecnológicos modernos, as TIC, baseadas no computador e na Internet. As inovações tecnológicas possibilitaram uma nova fase na EaD. Com a Internet, os cursos podem ser acessados a qualquer hora e lugar do computador pessoal dos alunos. Estão à mão textos, vídeos, áudio e outras ferramentas importantes de comunicação, como os *chats* e fóruns de debate.

Essa quinta geração, na qual estamos inseridos desde o ano 2000, está apoiada nas novas tecnologias de informação e comunicação e tem como principal característica a possibilidade de estabelecer maior interatividade entre aluno e professor.

Todas as cinco gerações da EaD também devem ser analisadas conforme suas características de formas de comunicação, tutoria e interatividade. Na primeira geração, em 1880, a forma de comunicação utilizada para estabelecer contato com os alunos era o correio, assim, a tutoria acontecia através de instrução via correspondência e o processo interativo, por meio de material didático escrito. Na segunda geração, em 1921, a forma de comunicação se dava pelo rádio, TV e outros recursos didáticos, e a tutoria acontecia via atendimento esporádico por telefone; aqui, pode-se afirmar, a interatividade não acontecia. Na terceira geração, em 1970, a comunicação era através de uma integração entre rádio, TV e correio nas Universidades Abertas. Nesta fase, a tutoria acontecia nas dependências das Universidades, nas férias, por meio de discussões em grupos, e a interatividade se estabelecia de diversas formas, com materiais didáticos impressos, vídeos, correio, telefone, entre outras. Na quarta geração, em meados de 1980, a comunicação se dava por meio de lições em rádio ou TV e audioconferências, assim, a tutoria e a interatividade ocorriam através de atendimentos síncronos e assíncronos via contatos eletrônicos. Por fim, na quinta geração, a partir do ano 2000, a comunicação acontece com a utilização da Internet de forma síncrona⁹ e assíncrona¹⁰, a tutoria, por sua vez, por meio da figura de um tutor com datas e horários agendados. Agora, a interação pode ocorrer em tempo real ou não, com o tutor ou com os demais colegas de curso.

Observa-se que a EaD, ao longo dos anos, traçou uma história de avanços e retrocessos. No início do século XX, tornou-se uma modalidade capaz de atender a todos os níveis: em programas formais, em que há certificação, e em programas informais, cujo objetivo é oferecer a capacitação para a melhoria no desenvolvimento das atividades profissionais.

Alves (2011) realizou um estudo sobre a história da educação a distância no Brasil. Foram encontrados registros da modalidade a partir do século XX. A seguir estão listados alguns acontecimentos que marcaram este histórico no país.

- 1904 – O Jornal do Brasil registra, nos classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo;

⁹ O formato síncrono de comunicação acontece quando participantes estão conectados simultaneamente.

¹⁰ O formato assíncrono de comunicação ocorre quando os interlocutores interagem em tempos diferentes.

- 1923 – Um grupo liderado por Henrique Morize¹¹ e Edgard Roquette-Pinto¹² criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Tinha início, assim, a Educação a Distância pelo rádio brasileiro;
- 1934 – Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio–Escola Municipal no Rio, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
- 1939 – Surge, em São Paulo, o Instituto Monitor, o primeiro no país a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor;
- 1941 – É criado o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de 4 milhões de pessoas e atualmente possui cerca de 200 mil alunos. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944;
- 1947 – Surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961, mas a experiência do SENAC com a EaD continua até hoje;
- 1959 – A Diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na EaD não formal no Brasil. O MEB utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação de jovens e adultos;
- 1962 – É fundada, em São Paulo, a *Occidental School*, de origem americana, focada na área da eletrônica;
- 1967 – O Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura cria seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio;

¹¹ Francês, naturalizado brasileiro, geógrafo e engenheiro industrial e civil. Contribuiu muito com o avanço e divulgação científica no Brasil no século XIX e início do século XX.

¹² Considerado o pai da radiodifusão, era médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Tinha como objetivo difundir a educação através do rádio nos anos de 1920.

- 1970 – Surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980;
- 1974 – Surge o Instituto Padre Reus, no Rio Grande do Sul, e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, com material televisivo, impresso e monitores;
- 1976 – É criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional;
- 1979 – A Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que, em 1989, são transformados no Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância (CEAD); é lançado o Brasil EaD;
- 1981 – É fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo-Americano, oferecendo Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias em mudança temporária para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro;
- 1983 – O SENAC desenvolve programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominados “Abrindo Caminhos”;
- 1991 – Tem início o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto; em 1995, com o nome “Um salto para o Futuro”, é incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação), tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores;
- 1992 – É criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento bastante importante na Educação a Distância do país;
- 1995 – É criado o Centro Nacional de Educação a Distância, e a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ), que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995, surge o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;
- 1996 – O MEC cria a Secretaria de Educação a Distância (SEED) dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano

também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, dando bases legais para essa modalidade de educação;

- 2000 – É formada a UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil, comprometidas com a democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da Educação a Distância, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão;

- 2004 – Vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EaD, são implantados pelo MEC. Entre eles, o Proletramento e o Mídias na Educação. Estas ações iniciam o processo de criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil;

- 2005 – Surge a Universidade Aberta do Brasil, parceria entre o MEC, estados e municípios, integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância. O Decreto nº 5.622 é publicado;

- 2006 – Entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a distância;

- 2007 – Entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622, estabelecendo as Diretrizes e Bases da Educação Nacional;

- 2008 – Em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial;

- 2009 – Entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 de julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação *in loco* e aponta para outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil;

- 2011 – A Secretaria de Educação a Distância é extinta.

- 2017 – É publicado o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que altera importantes disposições estabelecidas anteriormente sobre a modalidade de ensino.

Durante a década de 1980, o Brasil tentou criar uma Universidade Aberta a Distância semelhante ao modelo britânico da *Open University*, existente desde 1969, em Londres. O País estava atrasado: Venezuela e Costa Rica já tinham suas Universidades funcionando. Por aqui, só havia um centro na Universidade de Brasília que desenvolvia cursos de extensão a distância

e utilizava o correio para envio de materiais. Em 1990, A Universidade Federal da Bahia passou a oferecer cursos de especialização para professores do interior do Estado (CASTILHO, 2011).

Algumas iniciativas realizadas por órgãos oficiais:

- Programa de Formação por Professores Leigos (PROFORMAÇÃO – MEC), 1999;
- Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares (PROGESTÃO, CONSED), 2001;
- Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica (MEC), 2004.

Em seguida, foi criada a Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2005, em Brasília. As atividades foram iniciadas com o curso-piloto de Administração em seis estados: Ceará, Mato Grosso, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com três mil vagas no total. Os objetivos da UAB são:

- Dar oportunidade de formação para todos os funcionários de estatais;
- Formar todos os professores que não possuíam graduação;
- Permitir acesso à universidade para habitantes de todos os municípios do Brasil.

É fundamental o correto entendimento do conceito de Universidade Aberta, que não significa que o acesso à educação é irrestrito. Para Castilho (2011), significa que democratiza o ensino superior, principalmente para as pessoas que não têm recurso. “A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por várias universidades públicas, que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia do ensino a distância” (CASTILHO, 2011, p. 29). Os professores da educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal.

O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, para “o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País”. O objetivo do sistema é promover a modalidade a distância nas instituições públicas de ensino superior, bem como apoiar pesquisas de metodologias inovadoras de ensino superior com a utilização das tecnologias de informação e comunicação (CASTILHO, 2011).

Referente ao histórico da Educação a Distância, é importante também discutir como o ensino superior a distância está sendo difundido no mundo. Na análise realizada por Castilho

(2011), foi verificado que em muitas localidades mundo afora, a educação a distância é uma realidade consolidada e utilizada nos diversos níveis de ensino.

- **Estados Unidos:** Não existe uma universidade aberta. O governo preferiu deixar que as próprias universidades, públicas e privadas, elaborassem seus modelos de cursos EaD em nível de capacitação profissional, nível médio e superior.

- **Cuba:** A Universidade de Havana oferece curso a distância desde 1979, por meio da Faculdade de Estudo Dirigido.

- **Canadá:** A *Athabasca University* é, desde 1973, o mais importante centro de ensino a distância do país. No início de suas atividades, realizava tutoria por telefone.

- **Venezuela:** O país conta com sistema de ensino a distância desde 1950, que inicialmente era realizado por correspondência. No início da década de 1970, houve ensaios de abertura de universidades nesta modalidade, porém somente em 1977 o governo inaugurou a Universidade Nacional Aberta (UNA).

- **Austrália:** O país opera cursos de extensão universitária desde 1910, na Universidade de *Queensland*. Porém várias outras instituições oferecem cursos nos diversos níveis educacionais.

- **Nova Zelândia:** Em 1922, foi implantado um curso por correspondência para crianças que moravam em lugares afastados do país. Em 1946, a *Open Polytechnic of New Zeland* passou a abranger o ensino médio, profissionalizante e de educação continuada, todos a distância. O país não é numeroso em instituições de ensino que trabalham com esta modalidade.

- **Bangladesh:** O ensino a distância só começou em 1956, com transmissões de rádio pelas instituições educacionais. Depois da independência do Paquistão, em 1971, o país se reorganizou e, em 1985, foi implantado um programa governamental de capacitação de professores no *National Institute of Educational Media and Technology*. Com a evolução do programa, em 1990 o Instituto de Educação a Distância de Bangladesh começou a mantê-lo. O país possui uma Universidade Aberta desde 1992.

- **China:** Em 1956, foi criada a Universidade do Povo, com um Departamento de Educação que oferecia ensino a distância por correspondência e rádio. Logo a seguir, as universidades implantaram televisões universitárias que, em 1980, se tornaram o chamado Dianda, o Sistema Chinês de Universidade pela Televisão. Em 1982, a China inaugurou o *East Asia Open Institute*, em Macau. O país tem uma particularidade importante: alguns conteúdos da Internet são censurados.

- **Índia:** Em 1962 foi iniciado um projeto universitário experimental de ensino a distância em algumas universidades. Em 1970, o projeto foi expandido, resultando na Universidade Aberta *Andhra Pradesh*. Atualmente, a Índia possui quase 40 universidades que ofertam ensino a distância.

- **Indonésia:** Existente desde 1950, o ensino a distância na Indonésia teve início com um sistema de aperfeiçoamento de professores. Em 1979, foi criado pelo governo o *Centre for Educational Communication Tchnology* para atender alunos e professores do ensino secundário. Em 1979, foi criada a Universidade Aberta, chamada de *Universitas Terbuka*.

- **Japão:** Desde 1930, há iniciativas no país de cursos por correspondência. Em 1938, foi criada a Escola *Kawasaki* para profissionais de saúde e, a partir de 1948, várias universidades começaram a oferecer programas de ensino a distância. Em 1983, foi criada a Universidade do Ar, que oferecia cursos por rádio e TV.

- **Rússia:** O ensino a distância surgiu em 1930. Em 1966, sediou a II Conferência Internacional de Ensino a Distância do país.

- **Inglaterra:** Iniciou o ensino a distância com a Universidade do Ar, com a estrutura da BBC (*British Broadcast Corporation*) e oferta de cursos pela televisão. A *Open University* do Reino Unido foi criada em 1969, sendo a primeira da Europa; atualmente, possui mais de 200 mil alunos oferecendo, até mesmo, cursos de mestrado nesta modalidade.

- **Espanha:** Em 1972, foi criada a *Universidad Nacional de Educación a Distancia*, sendo a segunda da Europa. Possui atualmente mais de 100 mil alunos que pagam cerca de 40% da mensalidade de uma universidade tradicional.

- **Portugal:** Em 1988, foi criada a Universidade Aberta do país, que, seis anos depois, foi transformada em Universidade Autônoma.

A partir do conhecimento dos conceitos gerais da EaD e seu contexto histórico, no Brasil e no mundo, é possível avançar na discussão, aprofundando os aspectos teóricos e depois a pesquisa empírica. Porém, antes disso, é necessário compreender como se estabeleceu a regulamentação da modalidade EaD nos documentos oficiais do país.

3. LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Na EaD, como já foi visto, as TIC figuram um importante papel: realizar a transmissão da informação entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem e promover a interação entre eles.

As modernas tecnologias resolvem o problema crucial da educação a distância, que é a interatividade. Desenvolveram-se variadíssimas alternativas que permitem aos usuários fazer consultas com especialistas, bem como intercambiar opiniões, problemas ou propostas que atualizam a informação de maneira constante. Assim, entendemos que o acesso e a utilização da informação constantemente renovada surgem como valor agregado (LITWIN, 2001, p. 17).

Neste cenário de inserção das TIC na sociedade, a educação a distância torna-se uma opção cada vez mais viável, apesar de carregar uma visão negativa por parte da sociedade. A EaD no Brasil possui amparo legal e este capítulo tem por objetivo esclarecer as leis e regulamentações da modalidade.

Antes de discutir a legislação brasileira da EaD, porém, é necessário esclarecer dois termos utilizados para definir os atos normativos no nosso país: Lei e Decreto. Para a formação de uma lei, os Poderes Legislativo e Executivo, formados respectivamente por parlamentares e Presidente da República, trabalham em conjunto. O Poder Legislativo apresentando o projeto de lei e o Poder Executivo, sancionando e o transformando em Lei. Já um Decreto é editado pelo Presidente e não depende nem passa por discussão no Congresso Nacional. O Decreto tem suas limitações, pois não tem força para modificar uma Lei, sua função é apenas regulamentá-la (LESSA, 2011).

3.1 Leis e Decretos Regulamentadores

A regulamentação da EaD tem início na Constituição Federal, artigo 6º: “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

A seguir, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dá sequência ao processo de regulamentação da EaD. Apesar dos muitos anos de história, a primeira menção oficial sobre a EaD ocorreu apenas em 1996, na LDB. O texto apresenta o incentivo do Poder Público à implantação de cursos desta modalidade em um dos seus artigos. Vejamos:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada (BRASIL. LEI N° 9.394, 1996).

Esta lei foi responsável por atribuir legitimidade e visibilidade à EaD. Assim, a partir de 1996, com a promulgação da lei, a EaD passou a ser considerada uma alternativa regular de prestação educacional aos brasileiros, deixando de ser uma alternativa permanentemente experimental ou concebida como solução paliativa para atender os excluídos.

Porém, apesar da sua menção na LDB, a alternativa permanecia apenas anunciada e o texto remetia à futuras regulamentações, advindas de decretos regimentadores (LOBO NETO, 2006).

Dando continuidade à elaboração da legislação da EaD no Brasil, o Poder Executivo Federal instituiu um decreto que regulamentaria a Art. 80 da LDB. Alguns textos foram instituídos e revogados, pois “eram tímidos para um Brasil moderno”, segundo Alves (2006). Foi instituído, então, o Decreto n° 5.622/05, que está dividido em seis capítulos e contém 37 artigos. A figura 5 relaciona os principais aspectos do decreto, segundo Alves (2006).

Figura 5: Principais Aspectos do Decreto n° 5.622/05

- a) A possibilidade de mestrados e doutorados a distância, um aspecto extremamente positivo para a EaD no país;
- b) O credenciamento de instituições de pesquisa tanto científica quanto tecnológica para programas de EaD e não apenas instituições de ensino, o que abre um leque maior de variedade de oferta de programas;
- c) Desrespeito à autonomia universitária quando exige credenciamento das universidades por parte da União, o que desrespeita o Art. 80 da LDB, que assegura a autonomia das universidades em criar cursos;
- d) O ensino fundamental e médio regulares não são contemplados no decreto, deixando a orientação da modalidade voltada para educação de jovens e adultos;
- e) A limitação geográfica dos alunos de EaD, contrariando o princípio mundial da EaD de nacionalização dos cursos e programas;
- f) Duração dos programas de EaD iguais aos dos programas presenciais, que torna a modalidade inflexível e sem a possibilidade de aceleração da aprendizagem;
- g) Exigência de momentos presenciais, contrariando os conceitos da moderna EaD presente na atual Sociedade da Informação.

Fonte: Elaborado pela autora.

O último aspecto citado é o que mais recebe críticas de estudiosos da área, como é possível observar no texto encontrado no Art. 1, do Capítulo 1, do Decreto nº 5.622/05. É clara a exigência de momentos presenciais na modalidade EaD.

§1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para: I – avaliações de estudantes; II – estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente; III – defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e IV – atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL. DECRETO Nº 5.622, 2005).

Este artigo do Decreto caracteriza a EaD, restringindo o que é obrigatório acontecer de forma presencial: a avaliação, o estágio, a defesa de trabalhos e, eventualmente, a atividade em laboratório. Isso limita ainda mais a EaD, afinal, uma das principais vantagens ofertadas pela modalidade que é a flexibilidade, acaba sendo comprometida por esta determinação.

Além disso, o artigo 4º deixa claro que a prova presencial deve prevalecer sobre os outros elementos que compõem a avaliação, cuja execução seja feita a distância (trabalhos, participação em atividades, realização de tarefas, entre outros).

Art. 4º - A avaliação do desempenho do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante: I – cumprimento das atividades programadas; e II – realização de exames presenciais. §1º Os exames citados no inciso II serão elaborados pela própria instituição de ensino credenciada, segundo procedimentos e critérios definidos no projeto pedagógico do curso ou programa. §2º Os resultados dos exames citados no inciso II deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação a distância (BRASIL. DECRETO Nº 5.622, 2005).

Segundo Lobo Neto (2006), a partir do momento em que se exige a presença do estudante na EaD, duvida-se de sua eficácia como modalidade de ensino, colocando-o em posição inferior. Segundo o autor, a EaD possui meios altamente confiáveis, operacionalizados pela tecnologia disponível, para avaliação e controle de seus programas. E tal obrigação engessa a evolução da modalidade e inviabiliza projetos inovadores.

Em nenhum momento a lei autoriza a considerar cursos a distância como semicursos, cursos de segunda categoria ou ‘meios informais’ de aprendizagem, cuja proposta pedagógica não é nunca suficientemente qualificada para, no processo – e afirme-se, com todas as letras, também a distância –, verificar e avaliar o desempenho dos alunos. Porque – cabe repetir – no processo e também a distância é possível verificar e avaliar a capacidade

de construir e reconstruir conhecimento, de aplicar conhecimento à solução de problemas, praticar ações e procedimentos, de manifestar atitudes e comprometimento com valores. A questão de sair-se – ao arrepio da lei – em busca do presencial como garantia de verificação e avaliação eficaz e séria é expediente preguiçoso e falacioso de isentar-se da busca dos meios capazes de superar a distância (LOBO NETO, 2006, p. 412).

Para Chiantia (2008), essa exigência não estabelece ligação com o espírito do ensino da modalidade a distância. Por exigir “momentos presenciais”, descaracteriza a essência do Art. 80 da LDB que estabelece que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

Porém há autores que observam a exigência de momentos presenciais, como positiva e uma preocupação do legislador com a qualidade da modalidade.

É possível perceber, portanto, a preocupação constante com a realização de avaliações presenciais, as quais são consideradas na legislação vigente como um fator preponderante para a garantia da qualidade dos cursos ofertados na modalidade de educação a distância, devendo ser cercadas das precauções de segurança, zelando pela confiabilidade e credibilidade dos resultados (LESSA, 2011, p. 24).

Lessa (2011) afirma também que a legislação da EaD sempre procurou formas de garantir legitimidade e autenticidade à avaliação. E, objetivando afastar fraudes, a avaliação presencial deve ser considerada como fundamental para aprovação do aluno.

Posteriormente, mais outros dois decretos foram instituídos relacionados à educação a distância. O primeiro, o Decreto nº 6.320, é de 20 de dezembro de 2007, e o segundo, o Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011. Ambos estruturam o setor responsável pela avaliação, regulação e supervisão da educação a distância (FORMIGA; LITTO, 2012).

No ano de 2016, foi anunciado um novo marco regulatório da EaD, trazendo novas diretrizes para esta modalidade de ensino. Uma das necessidades apontadas pelo então Ministro da Educação, Aloizio Mercadente, para o novo marco regulatório é o crescente número de matrículas na modalidade de ensino, que em 2015 registraram aumento de 18% (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016). Por meio da Resolução nº1, de 11 de março de 2016, algumas mudanças foram anunciadas. São elas:

1) As IES deverão realizar um planejamento único tanto para a Educação a Distância quanto para o ensino presencial. Sobre esta questão, Mercadente declarou que “Muda a relação

entre a educação a distância e a própria instituição, não é mais uma coisa afastada, ela é parte do projeto educacional e pedagógico”.

2) As IES poderão compartilhar polos. Segundo Mercadante “Se você tem um bom polo, por que mais instituições não podem compartilhar? Isso reduz custo e aumenta a capacidade”.

3) As IES passam a poder se credenciar simultaneamente para o EaD e para o ensino presencial. Antes era necessário que a IES primeiro se credenciasse para a modalidade presencial para só então requerer o credenciamento na modalidade a distância.

4) As IES poderão realizar parcerias com outras pessoas jurídicas para o fornecimento de infraestrutura logística e tecnológica, podendo ficar responsável, apenas pelas atribuições pedagógicas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016).

Sobre esta Resolução, a ABED participou de algumas discussões para a sua elaboração, mas demonstrou insatisfação com o texto final homologado. No dia 09 de março de 2016, data em que foi anunciada a nova Resolução pelo ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a associação publicou em seu site um comunicado com a seguinte informação:

Desde Dezembro de 2015 a ABED vem solicitando audiência no Ministério da Educação para apresentar suas considerações ao Marco Regulatório para Educação a Distância no Ensino Superior. [...] resolvemos insistir com nossa comunicação como uma contribuição crítica feita por uma ‘oposição leal’. A ABED reconhece o valor de uma tentativa de atualização no Marco Regulatório, pois as mudanças nas tecnologias e a disseminação dessas tecnologias na sociedade são imprescindíveis, porém, é necessário reconhecer que **o documento levanta questões pedagógicas e gerenciais que merecem uma revisão**. Embora a resposta da ABED seja tardia, oferecemos esse documento que aponta elementos frágeis que, no pensamento dos associados ABED, acarretariam prejuízos para a sociedade brasileira, especialmente aos estudantes de todos os níveis de aprendizagem. A ABED, como sociedade científica nacional, sempre estará à disposição do Ministério da Educação, do INEP, do CNE e da CAPES para colaborar com estudos nas questões de qualidade na EAD, garantindo acesso democrático à Educação. (ABED, 2016, grifo nosso).

Anexado a este comunicado, a ABED disponibilizou uma carta assinada pelo presidente da associação, Fredric Michael Litto, que foi enviada para o Ministério da Educação em 09 de março de 2016, além de um documento detalhado com Recomendações da associação para o Marco Regulatório da EaD. A carta faz críticas ao Marco Regulatório, julgando-o como ultrapassado, autoritário, restritivo e que motiva a sociedade a questionar o MEC e o CNE – Conselho Nacional de Educação – sobre os processos de avaliação de credenciamento acumulados.

[...] o Marco Legal se apresenta de uma forma ultrapassada e restritiva em relação à expansão, autonomia acadêmica e intelectual das Instituições de Ensino Superior – IES – Brasileiras Públicas e Privadas, identifica-se a geração de uma forte concentração de mercado, o que impede os avanços rumo à inovação e às práticas educativas mais abertas, flexíveis, mediadas por tecnologias e a distância. (LITTO, 2016)

Na carta, a ABED deixa claro que não há avanços no texto do novo Marco Legal, o que prejudica a sociedade como um todo, pois está distante de atender as metas do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024). Litto (2016), como presidente da associação, resume as recomendações presentes de forma detalhada em outro documento, também anexado ao comunicado e coloca que as proposições listadas foram discutidas ao longo de todo o processo de elaboração do documento e não estão presentes nas novas diretrizes. São elas:

- Autorização e regulamentação do uso de bibliotecas digitais;
- Autorização e regulamentação de expansão de polos de IES com IGC¹³ superior ou igual a 4, a cada dois anos, sem necessidade de visita prévia para ativação;
- Permissão para que sejam construídas IES com a proposta de oferecer somente cursos na modalidade à distância;
- Definição da modalidade dos cursos considerando o maior percentual da modalidade de ofertas;
- Permissão para que as IES sejam efetivamente autônomas, como definido na LDB n° 9.394/96, para descrever seus projetos, metodologias e modelos didático-pedagógicos para o ensino mediado por TIC;
- Necessidade de revisão dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância¹⁴ (2007) e da Portaria n° 40¹⁵ de 2007.

Em 25 de maio de 2017, foi instituído o Decreto n° 9.057, que anunciou algumas mudanças. Mattar (2017) aponta:

- Possibilidade de parceria entre instituições de ensino e empresas, para a realização de atividades práticas;
- Legalizada a existência de polos de EaD no exterior;

¹³ Índice Geral de Cursos. Instrumento de avaliação do MEC para classificar o desempenho das IES baseado na avaliação de seus cursos. O IGC é divulgado anualmente pelo INEP/MEC, após a divulgação dos resultados do ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes.

¹⁴ Este documento será detalhado ainda neste capítulo.

¹⁵ Refere-se às disposições sobre o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações de processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal.

- É permitida a existência de IES exclusivamente para EaD;
- Possibilidade de que as atividades presenciais sejam realizadas fora da IES ou dos polos;
- As IES têm autonomia para criar os polos, não dependendo mais de visita do MEC para autorizar seu funcionamento;
- Apesar de não ser claro, o Art. 18 sinaliza que os mestrados e doutorados a distância sejam aos poucos permitidos no Brasil.

Em 20 de junho de 2017, foi publicada a Portaria nº 11 que normatiza o Decreto nº 9.057. Algumas determinações merecem destaque (MATTAR, 2017):

- Necessidade de oferta regular de curso de graduação. Ou seja, não adianta criar um curso de graduação para conseguir o credenciamento e depois passar a oferecer somente curso de pós-graduação;
- A avaliação na sede da IES incluirá automaticamente a avaliação dos polos e ambientes profissionais;
- Possibilidade de cursos superiores sem atividades presenciais, desde que atendida a Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso e outras normas do MEC, e autorização prévia da SERES;
- As bibliotecas digitais são permitidas;
- A quantidade anual de abertura de polos está condicionada ao Conceito Institucional, sendo: sem conceito ou 3 – 50 polos, 4 – 150 polos e 5 – 250 polos.

Segundo o MEC, o novo decreto e, conseqüentemente a portaria, apresentam uma modernização para a EaD, possibilitando sua expansão.

3.2 Políticas Públicas e os Referenciais de Qualidade

É perceptível que a demora nas regulamentações acabou por caracterizar a EaD, para muitos, como uma alternativa inferior de ensino. Com isso, as pessoas criaram uma visão negativa sobre sua metodologia. Assim, quando em 1996 aparece, pela primeira vez, a menção da EaD na legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, inicia-se o processo de tornar a EaD uma possibilidade real de democratização da educação no Brasil. E o primeiro obstáculo para alcance desta realidade é a já citada imagem negativa que muitos possuem sobre a modalidade, recheada de dúvidas sobre sua qualidade.

Em diversos países, a EaD já é reconhecida como meio de educação de qualidade e como alternativa à modalidade presencial, uma vez que há muitos indivíduos que, pelos mais

diferentes motivos, não conseguem atingir o nível de conhecimento desejado pelos meios tradicionais. No Brasil, embora avanços tenham acontecido nos últimos anos, ainda há um caminho a percorrer para que a modalidade a distância possa ocupar um espaço de destaque no meio educacional em todos os níveis, vencendo, inclusive, o preconceito.

Segundo Lessa (2011, p.20), “essa atitude é fruto da desconfiança e ignorância que reduz o conceito de EaD ao elementarismo dos cursos técnicos por correspondência, sem controle de aprendizado e sem regulamentação adequada”. Para o autor, o preconceito existe, mas não só contra a EaD, mas também contra tudo o que não se conhece ou que não se sabe como trabalhar e que envolve novos processos de aprendizagem e mudança de posturas. Assim, todas as normas criadas nos últimos anos objetivam trazer segurança à sociedade, para desmistificar a falsa ideia de que existe diferença de qualidade entre curso da modalidade presencial e a distância.

Referente à utilização da modalidade como uma alternativa de democratizar o acesso à educação, Lobo Neto (2006, p. 413) afirma que “a educação a distância só tem sentido quando se realiza como ampliação das possibilidades de acesso à educação, apresentando-se como uma alternativa de democratização da educação e do conhecimento”. É preciso, então, analisar com muita clareza as condições de se ter a Educação a Distância como alternativa de democratização do ensino. Do ponto de vista social, a EaD, como qualquer outra forma de educação, não apenas deve pretender ser, mas precisa concretamente se estabelecer como uma prática social significativa.

Assim, conclui-se que a democratização do acesso à Educação pode ser realizada através da educação a distância, porém de forma condicionada à revisão das normas regulatórias da modalidade, tornando-as mais flexíveis e menos restritivas, sem dúvidas quanto ao seu potencial para ensinar. Ainda há muito trabalho a ser feito para que a EaD seja, efetivamente, um dos meios mais importantes para se democratizar a Educação de qualidade no Brasil (CARAM; BIZELLI, 2013).

Segundo Caetanol, Costa e Quaglia (2014), para estudar políticas públicas é preciso considerar o contexto no qual elas são concebidas e implantadas. Assim, serão apresentadas as políticas públicas voltadas para a área da educação a partir da década de 90 do século XX. No Brasil, a implantação de políticas públicas na área da educação contam com a participação de intelectuais de diferentes formações profissionais. Assim, insere-se o debate acerca das políticas públicas para a educação e a educação a distância no Brasil.

De acordo com Fonseca (2009, p. 155), “a década de 1960 representou um marco na educação brasileira, particularmente pela primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1961) e também pela implementação dos primeiros planos educacionais”.

Considerando as políticas implantadas no âmbito educacional, nota-se que a década de 1990 caracterizou-se pela “reestruturação do sistema econômico mundial e pelas demandas da chamada revolução tecnológica ou revolução informacional” (FONSECA, 2009, p. 168).

A política educacional, particularmente a empreendida no Brasil a partir da década de 1990, se concentra na articulação e na consumação de forças econômicas e políticas hegemônicas que sustentam proposições que revelam forte tendência predominante de cunho liberal ou social-liberal e definem significativamente os rumos das políticas públicas e da educação nacional (DEITOS, 2010). Fica evidente, portanto, que os planos educacionais nacionais expressam marcos ideológicos que orientam a política educacional de cada governo.

Com a instalação do governo de Collor de Melo, em 1990, “implantou-se um ciclo nacional de estudos visando subsidiar o *Plano de Ação* do governo para o período 1990-1995. [...] Em seus princípios, o plano afirmava o compromisso do Estado com a *qualidade social da educação*” (FONSECA, 2009, p. 165), orientada para a formação de profissionais capacitados para atender as demandas modernas e que exerçam a cidadania.

O governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), por sua vez, implantou uma série de mudanças no âmbito da Reforma do Estado, substituindo, por exemplo, a administração pública burocrática pela administração gerencial (CAETANOL; COSTA; QUAGLIA, 2014).

De acordo com Fonseca (2009, p. 169), “as mudanças educacionais implementadas no país seguiram as orientações da Reforma do Estado e foram incluídas no plano plurianual do MEC”.

O governo seguinte adotou a justiça social como marco orientador de suas ações e, no que diz respeito às políticas educacionais, “reiterou o objetivo da gestão anterior, de universalizar a educação básica e de ampliar a oferta do nível médio” (FONSECA, 2009, p. 171). A educação é um produto da ação do Estado que, por sua vez, tende a conformar-se aos padrões impostos e regulados pelos organismos internacionais.

Observa-se, então, que neste mercado global da Sociedade da Informação existe a disseminação da informação, o avanço tecnológico e a exigência cada vez mais crescente de uma mão de obra qualificada, o que leva as instituições de ensino superior a sofrerem transformações, de modo que a EaD se estabeleça como uma alternativa para contribuir com as demandas sociais pela democratização do ensino e com necessidade de uma educação superior.

Em 1961, na primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação no Brasil, Lei nº 4.024/61, já havia a indicação da possibilidade para o ensino por meio da modalidade a distância, sendo, neste momento, oferecido através de cursos supletivos por “rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos” (Art. 25, § 2o.).

Em 1996, a LDB retorna reformulada sob a Lei nº 9.394/96. Neste momento, observa-se que a legislação da educação a distância no Brasil começa a ser delineada, especialmente através do artigo 80 da LDB, que declara ser a educação a distância “válida e equivalente para todos os níveis de ensino, devendo desenvolver-se e ampliar-se sob o respaldo do Poder Público – e que viria a ser regulamentada pelo Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998” (CAETANOL; COSTA; QUAGLIA, 2014).

Assim, as bases legais para a Educação a Distância no Brasil foram estabelecidas pela segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), regulamentada pelo Decreto nº 5.622, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 20/12/2005, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004. Em 03 de abril de 2001, a Resolução nº 01, do Conselho Nacional de Educação (CNE), estabeleceu normas para a pós-graduação, *lato e stricto sensu*. A LDB foi responsável por um novo status da EaD, antes considerada, de certa forma, clandestina.

Para os cursos de pós-graduação e graduação na modalidade a distância, a Lei nº 9.394/96 (LDB), o Decreto nº 2.494/98 e a Portaria MEC nº 3.01/98 informam que tanto as instituições públicas quanto as privadas podem oferecê-los, desde que legalmente credenciado para o ensino superior a distância, através de parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministério da Educação por meio de Portaria publicada no DOU.

O credenciamento é realizado *in loco* por comissão formada por especialistas da área em questão, inclusive envolvendo especialistas em EaD, produzindo análises de fundamental importância. Observa-se que a avaliação segue o tripé: infraestrutura, pedagogia e recursos didáticos. O parecer dessa comissão é encaminhado ao CNE, de modo que o trâmite é o mesmo aplicável aos cursos presenciais e a qualidade do projeto da IES apareça como foco principal da análise (CAETANOL; COSTA; QUAGLIA, 2014).

Há outra possibilidade para instituições que estejam interessadas em implantar a modalidade de EaD iniciarem suas atividades, a qual consiste na oferta de parte da carga horária dos cursos já reconhecidos pelo MEC a distância.

A Portaria n° 4.059 de 10/12/2004 autoriza as Instituições de Ensino Superior a introduzir, na própria organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores devidamente reconhecidos, a oferta de disciplinas que, no todo ou em parte, utilizem métodos não presenciais, cuja porcentagem permitida não pode exceder 20% da carga horária total do curso em questão (CAETANOL; COSTA; QUAGLIA, 2014, p. 1106).

Essa portaria normaliza o processo para que seja gerenciado dentro da IES e para que a Secretaria de Educação Superior (SESu) e o MEC tenham informações sobre a sua implantação. Caetanol, Costa e Quaglia (2014) listam as determinações desta Portaria:

- As IES credenciadas como Universidades ou Centros Universitários têm autorização para alterar o projeto pedagógico de cada curso superior reconhecido visando a oferta de disciplinas que, em todo ou em parte, utilizem métodos não presenciais;
- Os exames finais de todas as disciplinas ou cursos que optarem por essa modalidade deverão ser presenciais;
- Os cursos de graduação reconhecidos podem implantar até 20% da carga horária total do curso na modalidade não presencial, de modo que essa porcentagem pode ser atingida por meio da implementação de disciplinas 100% na modalidade a distância ou pela implementação de porcentagens em algumas disciplinas.

Assim, podemos concluir que o MEC tem incentivado a adoção da modalidade a distância, mesmo que seja de forma gradativa e parcial. A regulamentação de 1998, por meio do Decreto n° 2.494/98, foi revogada pelo Decreto n° 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que define a EaD com as mesmas vantagens e limitações do anterior, embora reconhecendo-a como modalidade educacional e fazendo referência à TIC:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL. DECRETO N° 5.622, 2005).

Assim, nota-se que a EaD é considerada atualmente como uma alternativa para atender as diferentes necessidades de formação superior e de educação continuada.

A educação aberta e a distância aparecem cada vez mais, no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial (BELLONI, 2001, p.4)

Observa-se, também, que EaD tende a se tornar um elemento regular do sistema educacional, necessário para atender as demandas de grupos específicos, assumindo funções de crescente importância, especialmente na educação da população adulta, o que envolve o ensino superior regular e a grande e variada demanda de formação contínua, gerada pela obsolescência acelerada da tecnologia e da informação.

A legislação vai se conformando, bem como suas disposições para dar atendimento e soluções aos problemas que se destacam no cumprimento da Constituição e da LDB, as quais regem todos os encaminhamentos educacionais.

Como marco regulatório da EaD, pode-se considerar o Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, que “dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB”. Esta iniciativa induziu fortemente à expansão da oferta de educação superior pública no país, colaborando com o processo de democratização e interiorização da educação.

Segundo Gomes (2015), os avanços tecnológicos no sistema educacional têm incentivado o poder público a desenvolver políticas públicas voltadas para programas de educação a distância.

Isso pelo fato de que as tecnologias criam novas condições de produção e recepção de conhecimentos em que a presença física do professor pode ser dispensável.

A seguir, estão listados fatores que indicam o potencial de contribuição das políticas públicas voltadas para a EaD se aplicadas corretamente.

- A expansão do ensino em todos os níveis (fundamental, médio e superior);
- A inclusão social (por meio do acesso, da permanência e da qualidade da aprendizagem para a população menos favorecida economicamente);
- A qualificação de professores por meio de programas de aperfeiçoamento com a oferta de ensino de qualidade em todos os cantos do país.

Para colocar em prática as ações e as políticas em EaD, no mesmo ano que a Lei de Diretrizes e Bases – em sua segunda versão – foi promulgada, foi criada também, pelo Ministério da Educação, a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Decreto nº 1.917, Anexo I, Seção 23, Art. 27, de 27 de maio de 1996 (GOMES, 2013).

Vários programas coordenados por essa secretaria tinham o objetivo de garantir educação de qualidade e ampliação do acesso à educação e aos materiais didáticos com menores custos (GOMES, 2015). O objetivo é que o Ministério da Educação, por meio da SEED, atue como:

Um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e das técnicas de educação a distância aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras (GOMES, 2015, p. 14).

Essa secretaria desenvolveu diversos programas e ações importantes para a inserção de tecnologias no cotidiano escolar e para a formação inicial e continuada de professores, tais como: Domínio Público – biblioteca virtual; DVD Escola; E-ProInfo; E-Tec Brasil; Programa Banda Larga nas Escolas; Proinfantil; ProInfo; ProInfo Integrado; TV Escola; Sistema Universidade Aberta do Brasil; Banco Internacional de Objetos Educacionais; Portal do Professor; Programa Um Computador por Aluno – Prouca; Projetor Proinfo. Eles vêm detalhados a seguir:

- Domínio Público – biblioteca virtual: lançado em 2004, propõe o compartilhamento de informações de forma livre e gratuita, colocando à disposição uma biblioteca virtual como referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral (DOMÍNIO PÚBLICO, 2005).
- DVD Escola: oferece caixa com mídias DVD às escolas públicas de educação básica, com 150 horas de programação da TV Escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015a).
- E-ProInfo: é um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem que permite a concepção, administração e desenvolvimento de cursos a distância, complemento de cursos presenciais, projetos de pesquisa, projetos colaborativos e outras formas de apoio a distância ao processo de ensino-aprendizagem (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015b).
- E-Tec Brasil: lançado em 2007, visa oferecer educação profissional e tecnológica a distância com o propósito de ampliar e democratizar o acesso a cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015c).
- Programa Banda Larga nas Escolas: lançado em 2008, objetiva conectar escolas públicas urbanas à Internet, de forma a propiciar qualidade, velocidade e serviços para incrementar o ensino público no país. Este programa é gerido pelo Ministério da Educação juntamente com a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), Ministério das Comunicações, Ministério do Planejamento e Secretarias Estaduais e Municipais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015d).

- ProInfantil: curso de nível médio a distância para professores que atuam em sala de aula da educação infantil sem formação específica em magistério (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015e).
- ProInfo: um programa educacional que objetiva promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica, levando computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais às escolas. Os estados e municípios são responsáveis por garantir infraestrutura adequada e capacitar educadores para o uso das tecnologias (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015f).
- ProInfo Integrado: é um programa de formação voltado para o uso didático-pedagógico das TIC no cotidiano escolar articulado aos programas do Portal do Professor, TV Escola, DVD Escola, Domínio Público e Banco Internacional de Objetos Educacionais para professores e gestores de escola públicas. São ofertados cursos de Introdução à Educação Digital, Tecnologias na Educação, Elaboração de Projetos, Redes de Aprendizagem e Projeto UCA (Um Computador por Aluno) (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015g).
- TV Escola: é uma televisão pública do Ministério da Educação destinada a professores, educadores, alunos e demais interessados em aprender. Não pretende substituir o professor, mas ser uma ferramenta pedagógica disponível ao professor para complementar sua própria formação e de seus alunos (TV ESCOLA, 2015).
- Sistema Universidade Aberta do Brasil: lançado em 2008, é integrado por universidades públicas e oferece cursos de nível superior a distância para a população que tem difícil acesso à formação universitária. Professores da educação básica têm prioridade na formação, seguidos pelos dirigentes, gestores e trabalhadores da educação básica (UAB, 2015).
- Banco Internacional de Objetos Educacionais: é um portal que assessora o professor, oferecendo recursos educacionais gratuitos em diversas mídias e idiomas (áudio, vídeo, animação, imagem, hipertexto, softwares) para educação, da básica a superior, em diversas áreas do conhecimento (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015h).
- Portal do Professor: é um espaço de troca de experiências entre professores do ensino fundamental e médio. Oferece recursos educacionais que facilitam e dinamizam o trabalho dos professores. Seu conteúdo inclui sugestão de aulas e recursos como vídeos, fotos, mapas, áudio e textos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015i).
- Programa Um Computador por Aluno – Prouca: lançado em 2010, promove a inclusão digital pedagógica e o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem de

alunos e professores nas escolas públicas brasileiras mediante a utilização de computadores portáteis (FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2015a).

- **Projeto ProInfo:** é uma iniciativa do MEC que possibilita as escolas públicas adquirirem um computador interativo (projeto multimídia), dispositivo leve e portátil que pode ser levado para as salas de aula. O equipamento é interligado aos laboratórios ProInfo e contém teclado, mouse, portas USB, porta para rede *wireless* e rede PLC, unidade leitora de DVD e um projetor multimídia. Ele permite apresentar conteúdos digitais armazenados no servidor da escola e pode ainda operar como uma lousa digital, transformando a superfície de projeção em um quadro interativo (FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2015b).

Segundo Gomes (2013), em 2011, a SEED foi extinta, sem que alguma explicação oficial fosse dada, e seus programas e ações passaram a vincular-se à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), conforme informa o portal do MEC. Na época, o ex-secretário nacional de Educação a Distância, Ronaldo Mota, criticou em seu Blog Teia Educacional a extinção da secretaria, dizendo que o resultado disso é uma burocratização da EaD:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB, promulgada em 1996, promoveu o avanço possível ao estimular a utilização da modalidade a distância em vários níveis educacionais. No início do Governo Fernando Henrique Cardoso, a criação da Secretaria de Educação a Distância, SEED, no Ministério da Educação, representou uma iniciativa positiva para a institucionalização da modalidade. Porém, por certo os formuladores da LDB ou da SEED eram, compreensivelmente, incapazes de dimensionar o que viria adiante em termos da rede mundial de computadores e das novas tecnologias aplicadas à educação. O Governo Lula em 2005 contribuiu ao formular a Universidade Aberta do Brasil, UAB, tendo como força propulsora inicial estimular a formação inicial e continuada de professores, viabilizando a melhoria da qualidade da educação básica. [...] exploramos pouco a enorme área sombreada onde os nomes das modalidades não se aplicam rigorosamente. A SEED, por sua vez, foi extinta para dar lugar à Secretaria de Regulamentação. Temos o risco de hipertrofiar ainda mais a burocracia de estado. Creio que talvez tivesse sido melhor termos suprimido um excesso de órgãos, siglas e instâncias reguladoras substituindo-os por uma agência autônoma de regulação, típica de estados modernos (MOTA, 2012).

Por fim, Mota (2012) aponta que a extinção da SEED acabou prejudicando o avanço da UAB, que nasceu com a proposta de um programa que tinha por destino se configurar como “uma Universidade independente, ágil e desburocratizada”. Assim, finaliza dizendo que o

Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que criou diversas universidades, deixou a oportunidade de colocar a UAB como uma Universidade próspera e independente.

Pode-se afirmar, então, que na sociedade atual, que é a Sociedade da Informação, em que se exige uma nova forma de organização social, são necessárias transformações na organização do trabalho, na produção, nos mecanismos de relacionamento social, no acesso à informação; abre-se espaço para o crescimento e solidificação da EaD como forma de propagação e democratização do ensino no país.

Desta forma, é constatado que a discussão sobre a educação a distância passa pela discussão de questões políticas do país. E que, os avanços tecnológicos no sistema educacional incentivam o poder público a desenvolver políticas voltadas para a valorização da modalidade a distância.

Sobre as questões de qualidade em EaD, o primeiro documento apresentado pelo governo brasileiro sobre estas referências que as instituições de ensino a distância deveriam se apoiar para elaborar seus cursos foi escrito em 1998, por Carmen Moreira de Castro Neves, Diretora de Política de Educação a Distância da SEED na época. Sob o título Critérios de Qualidade para a Educação a Distância, foi publicado na página do MEC com o propósito de aprofundar um primeiro texto escrito em 1997 e publicado na revista de Tecnologia Educacional da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT, em 1998. Como a aceitação pelos educadores foi imediata, o documento passou a ser uma referência para as comissões que analisavam os processos de autorização de cursos de graduação a distância no país (CASTRO NEVES, 2003). Tanto que em 2000, a SEED publicou no site do MEC um novo documento intitulado Indicadores de Qualidade para Cursos de Educação a Distância, utilizando o texto de Castro Neves como referência.

Assim, Castro Neves (2003) reeditou este primeiro texto, de 1998, e publicou uma nova versão em 2003, que ganhou caráter mais amplo. Como a autora escreve em seu texto de apresentação do documento:

As mudanças são para que possa servir de orientação também para outros cursos que não sejam apenas os de graduação. Continua sendo um texto que trata de um referencial básico, sem a pretensão de esgotar a complexidade e abrangência de um projeto de curso a distância. De fato, a educação a distância com todo o potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação ainda é um objeto de aprendizado para nós, educadores. Ou seja, parodiando Umberto Eco, é uma *obra aberta*, e como tal deve ser apreendida e enriquecida por cada um de nós. Com criatividade, conhecimento e competência, caminhos mais complexos podem ser trilhados (CASTRO NEVES, 2003).

Em 2007, uma nova atualização foi publicada no site do MEC. Esta versão, intitulada de Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, é utilizada até hoje para nortear a elaboração de cursos nesta modalidade. Esta última alteração é justificada pelas mudanças provocadas pelo amadurecimento dos processos, principalmente referentes às diferentes possibilidades pedagógicas, à utilização de tecnologias de informação e comunicação e às discussões teórico-metodológicas no meio acadêmico (BRASIL, 2007).

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância não possuem força de lei, porém apresentam um roteiro norteador com indicadores para as IES. Estes indicadores devem orientar os gestores com o objetivo de garantir que a autorização de cursos a distância venha atrelada ao empenho por maior qualidade em seus processos e produtos (VERSUTI, 2008).

Nas versões de 1998, 2000 e 2003, o documento apresentava dez indicadores, porém nas duas primeiras esses indicadores são diferentes dos dez indicadores da terceira, de 2003. Já na versão de 2007, os indicadores foram reorganizados, somando apenas oito.

Os indicadores são articulados entre si de forma que a ausência de um é capaz de comprometer o desenvolvimento de todos os demais. Para isso, faz-se necessário que instituições de ensino a distância os adotem de forma global na construção de seus projetos, pois também irão orientar as Instituições e Comissões de Especialistas na análise dos cursos, tanto na autorização quanto no reconhecimento dos cursos (VERSUTI, 2008).

Na Figura 6, a seguir, estão apresentados, em um quadro descritivo, os indicadores divididos por versões do documento do MEC.

Figura 6: Indicadores de Qualidade em Educação a Distância

INDICADORES DE QUALIDADE EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM DOCUMENTOS OFICIAIS DO MEC		
VERSÃO 1998 E 2000	VERSÃO 2003	VERSÃO 2007
1 - integração com políticas, diretrizes e padrões de qualidade definidos para o ensino superior como um todo e para o curso específico;	1 - compromisso dos gestores;	1 - concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem;
2 - desenho do projeto: a identidade da educação a distância;	2 - desenho do projeto;	2 - sistemas de comunicação;
3 - equipe profissional multidisciplinar;	3 - equipe profissional multidisciplinar;	3 - material didático;
4 - comunicação/interatividade entre professor e aluno;	4 - comunicação/interação entre os agentes;	4 - avaliação;
5 - qualidade dos recursos educacionais;	5 - recursos educacionais;	5 - equipe multidisciplinar;
6 - infra-estrutura de apoio;	6 - infra-estrutura de apoio;	6 - infra-estrutura de apoio;
7 - avaliação de qualidade contínua e abrangente;	7 - avaliação contínua e abrangente;	7 - gestão acadêmico-administrativa;
8 - convênios e parcerias;	8 - convênios e parcerias;	8 - sustentabilidade financeira.
9. edital e informações sobre o curso de graduação a distância;	9 - transparência nas informações;	
10. custos de implementação e manutenção da graduação a distância.	10 - sustentabilidade financeira.	

Fonte: Caram e Bizelli (2013).

Pode-se afirmar, então, que apesar da visão negativa atribuída à EaD durante anos no Brasil – justificada pelo seu histórico¹⁶ e sua regulamentação tardia –, a modalidade atualmente possui amparo legal ainda apresenta documentos que trazem indicadores de qualidade que foram estabelecidos pelo órgão regulamentador da educação no Brasil, o MEC.

Sob o aspecto legislativo, quando em 1996 aparece, pela primeira vez, a menção da EaD na legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, inicia-se um longo processo para tornar a EaD uma modalidade de ensino de plena credibilidade no Brasil. Ainda com o mesmo propósito, surgem os documentos oficiais do MEC, sem força de lei, que

¹⁶ Fato de ter sido considerado como opção secundária de ensino no início de seu surgimento.

sinalizam os indicadores de qualidade em educação a distância. Estes documentos direcionam os gestores de cursos EaD a elaborarem e implantarem projetos pedagógicos mais alinhados, garantindo a qualidade do processo ensino-aprendizagem mediado pelas TIC.

Estes documentos, sem dúvida, demonstram um importante caminho a percorrer em busca da qualidade e, conseqüentemente, da credibilidade plena da modalidade de ensino. Desta forma, os documentos que apresentam os indicadores de qualidade vêm, desde 1998, sendo reformulados em novas versões com o objetivo de aprofundar as discussões sobre como garantir a qualidade na EaD.

Com o entendimento dos documentos oficiais que regulamentam e legitimam a Educação a Distância no Brasil, é possível avançar na reflexão, destacando as possibilidades de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação nesta modalidade de ensino.

4. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EaD

“A revolução tecnológica fez com que as pessoas gradualmente atrelassem as suas relações interpessoais aos meios de tecnologia, trazendo a essas relações um caráter virtual, mas também de normose¹⁷” (CHAGAS-FERREIRA, 2014, p. 37). Segundo a autora, processos de desenvolvimento humano e de virtualização passaram a ser cada vez mais mediados pela tecnologia desde o século passado. Ao longo do processo evolutivo, os seres humanos foram adaptados a vários vetores de virtualização não mediados por computador, como a memória, a criatividade, a religião e a imaginação. Os processos, os conhecimentos e os instrumentos vistos como ultrapassados deram suporte às novas formas de virtualização, agora mediadas por computador (LÉVY, 1996).

O processo a distância da modalidade discutida está apoiado na questão da “nova¹⁸” virtualidade, assim, para iniciar a abordagem e reflexões acerca da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, neste contexto, é preciso abordar o conceito de virtualidade. Lévy (1996) relata que o conceito de virtualização é costumeiramente adotado, erroneamente, como oposição do real. Quando o termo virtual é adotado desta forma, pode ser interpretado como ilusão.

[...] o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude¹⁹ de presença física imediata. (LÉVY, 1996, p. 2)

A visão errônea de que o termo virtual refere-se à ilusão, no contexto da Educação a Distância, pode reforçar a imagem negativa da modalidade já discutida nesta tese. Assim, Mill (2008, p.29) sugere que se deve adotar como significado de virtual “aquilo que existe em potencial e não como o antônimo de real”. Ou seja, o virtual é complemento do real.

Referente aos processos de virtualização mediados por computador, Chagas-Ferreira (2014) diz que a Internet transformou de forma considerável as relações humanas, possibilitando às pessoas um grau de desenvolvimento mais complexo. Assim, a introdução das tecnologias no cotidiano gerou a necessidade de adaptação para os meios digitais, inclusive na educação.

¹⁷ Refere-se a normas, crenças e valores de uma sociedade que causam angústia e sofrimento.

¹⁸ “Nova” virtualidade é entendida aqui, por meio de ensinamentos de Lévy (1996), como a virtualidade mediada por computador com acesso à Internet.

¹⁹ Compreendido, neste contexto, como “trivialidade”.

Referente à utilização de TIC na EaD, é importante ressaltar que devido a suas características próprias, que são legítimas, deve-se trabalhar de forma autônoma e cada vez mais criativa, pois a modalidade aponta desafios para seus gestores e educadores. É preciso, então, se distanciar da antiga referência do presencial para fomentar a oferta de possibilidades – inclusive, mais criativas e atrativas – para estudantes.

A Educação a Distância, apesar de seu crescimento, também carece de revisão quanto aos seus métodos, que muitas vezes são uma réplica do modelo presencial de ensino. O nível de enfrentamento desses novos desafios adaptativos para o cenário educativo, além de fomentar uma discussão acirrada, vai delineando um novo horizonte de aplicabilidade e usabilidade dessas ferramentas tecnológicas (CHAGAS-FERREIRA, 2014, p.47)

A autora complementa, apontando que é necessário imergir na atual sociedade, que coloca muitos desafios, de forma a propor novas soluções, ferramentas e maneiras de pensar e fazer em EaD. Assim, antes de se planejar o uso de uma nova ferramenta tecnológica, é preciso planejar a forma e o contexto em que ela será utilizada para facilitar a interação entre os agentes do processo (estudantes, professores, tutores e conteúdo).

[...] na prática ainda observamos cursos ou disciplinas construídas em ambientes virtuais de aprendizagem que seguem a centralidade do processo educacional no professor e não no potencial das comunidades de aprendizagem virtual, enfatizam a transmissão de conteúdos, assemelhando-se às práticas convencionais do ensino presencial. Esse processo de ensino resulta no não rompimento das didáticas tradicionais de transmissão de conteúdos e na dificuldade de reorientar a gestão da aprendizagem para a ‘co-construção’ de saberes (ARDIZZONE; RIVOLTELLA, 2003 *apud* CHAGAS-FERREIRA, 2014, p.110)

Diante disso, é possível afirmar que não basta a adoção de novas Tecnologias de Informação e Comunicação na EaD. É preciso que os agentes do processo saibam realizar um trabalho consistente de mediação da produção do conhecimento, baseado em uma aprendizagem colaborativa, conceito que é trabalhado ainda neste capítulo. “Parece-nos claro que a incorporação das tecnologias digitais no âmbito da educação traz implicações diversas, e, em muitos casos, as inovações tecnológicas são confundidas com inovações pedagógicas” (MILL, 2013, p. 17). Assim, a adoção de novas tecnologias deve ser fundamentada, planejada e muito bem preparada pelos gestores e educadores.

Moore e Kearsley (2007) relacionam a EaD com as características da Sociedade da Informação quando afirmam que ela está relacionada às mudanças da contemporaneidade. Os autores listam alguns fatos em evidência para estabelecer esta relação:

- O volume de informações está se ampliando, como também os meios para acessá-las, que, por sua vez, estão se aperfeiçoando para atender pessoas afastadas dos centros, onde as informações costumam ser armazenadas e para pessoas com interesses especializados;
- O caráter das informações também está se modificando, portanto, é necessário conhecer como gerenciar estas informações e convertê-las em conhecimento;
- Em virtude de as informações mudarem continuamente e as pessoas terem que lidar com este fato na vida adulta, muitos recorrem ao aprendizado a distância;
- Haverá novas tecnologias, porém os princípios de ensino a distância são relativamente estáveis e consolidados;
- É necessário mais capacitação dos educadores e de outros profissionais relacionados à área para que exista mais compreensão da teoria da EaD como meio de provocar menos confusão na terminologia;
- Mudanças nas estruturas organizacionais das instituições de ensino que oferecem EaD estão previstas;
- Assim como também são previstas mudanças no modo como a educação a distância é elaborada e implementada de forma a aumentar o uso de objetos de aprendizado;
- A globalização, por um lado – positivo –, oferece mais escolha e liberdade ao estudante da EaD; por outro lado – negativo –, existe o risco de degradação do currículo movido por interesses comerciais (MOORE; KEARSLEY, 2007).

É perceptível, então, que a Sociedade da Informação que aponta para mudanças globais no campo social é resultado de modificações na tecnologia, cujos avanços bem como as tendências econômica, demográfica e pedagógica, convertem e se reforçam mutuamente para criar um impulso que resulte em mudanças aceleradas (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Neste cenário, a EaD é uma possibilidade viável para que os indivíduos da sociedade contemporânea tenham outra forma de adquirir informações e construir conhecimento. O aparecimento de inovações tecnológicas na Sociedade da Informação reconfigura o cenário comunicacional e, conseqüentemente, o educacional, na medida em que o modelo linear de transmissão de informação passou a ter outras configurações, e a interação entre os agentes – emissor e receptor – passou a ser o foco de discussões. Sendo assim, a comunicação passou a ser atividade recíproca com bidirecionalidade.

Em um mundo globalizado, no qual as relações sociais são pautadas pela intensidade e velocidade das informações, não tem como não discutir a educação, num contexto em que se

demandam novas formas de ensinar. A necessidade social e política pela introdução de TIC em todos os ambientes sociais, principalmente educacionais, se torna realidade. Assim, alguns pesquisadores têm defendido que na presente Sociedade da Informação torna-se necessário um novo modelo pedagógico mediado pela tecnologia.

O uso de tais tecnologias tem como objetivo transformar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais atrativo para uma geração que nasceu e cresceu na era da informação e que, devido a isso, está cada vez mais imersa no mundo virtual, distanciando-se da realidade objetiva que a cerca (WEILER, 2006).

As relações humanas vão sendo substituídas por conversas em *chats*, conteúdos de *blogs* e postagens em mídias sociais. Sendo assim, surge o desafio de transmitir o conhecimento de forma eficiente para uma geração muito diferente das anteriores, incapaz de ser educada pelos mesmos métodos tradicionais que se baseavam em ferramentas como giz e lousa. É fundamental compreender, porém, que somente a adoção de recursos tecnológicos não torna o processo educacional diferente; é preciso que esses recursos sejam utilizados como uma nova linguagem para novos conteúdos. Se assim não acontecer, o resultado será apenas uma mudança “mais do mesmo”, ou seja, a reprodução do velho modelo, antes transmitido de forma analógica e agora de forma digital (BIZELLI; CARAM, 2011).

O pensar digital rompe com as formas antigas de inteligência, introduzindo a interatividade que destrói com a imagem de um receptor passivo e cria as premissas básicas do novo modelo de educação para a sociedade da informação.

As mídias devem ser utilizadas não como meros instrumentos tecnológicos. Elas podem servir como meio de incentivar e despertar o desejo pela pesquisa e participação, tornando o ambiente de aprendizagem colaborativo (MUNHOZ, 2002, p.49).

A educação voltada aos meios tecnológicos visa à apropriação coletiva do conhecimento, proporcionando um saber interativo (WEILER, 2006). O uso de TIC na educação traz consigo uma matriz que transforma o aprendizado via conteúdos transmitidos para conteúdos interativos (TAPSCOTT, 1999). A educação não se restringe apenas aos ambientes formais de ensino, nos quais o aluno recebe um certificado ou diploma. A educação também acontece em meios informais, onde conteúdos diversos são absorvidos.

As TVEs²⁰ foram criadas inicialmente com esta finalidade. Como exemplo, pode-se citar a TV Cultura, que sempre dispôs em sua grade programas de conteúdo educativo, principalmente para o público infantil. Se por um lado, os educadores precisam absorver as TIC no seu ‘fazer’ dentro das salas de aula, por outro, é preciso que eles tenham ciência de que conteúdos educativos já estão presentes na TV e Internet.

Mesmo os conteúdos informais tendem a ser utilizados em ambientes formais, como quando um professor leva um vídeo de uma matéria de telejornal para ser discutido em sala de aula. Quando se fala em usar novas tecnologias em favor da educação para uma geração que se formou na escola tradicional e que se acostumou nos paradigmas do espaço retangular provido de carteiras e da mesa do professor e com a lousa e o giz, o desafio é enorme.

Só através do olhar de alunos interagentes do mundo virtual, capazes de perceber e entender as possibilidades advindas do uso das novas tecnologias, é que a escola pode mudar. Os docentes têm que reconhecer o potencial das novas tecnologias como um aliado e não como seu substituto. É necessário, portanto, pontuar, de forma inequívoca, todo o potencial do uso das novas tecnologias na educação (BIZELLI; CARAM, 2011). Agora, serão apresentados três importantes meios tomados como ferramentas educacionais na Educação a Distância: a Televisão Analógica, a Internet e a TV Digital Interativa.

- **Televisão Analógica**

Devido à popularização dos preços dos aparelhos, dos interesses da veiculação de produtos comerciais nas grandes emissoras, da linguagem atrativa e do fácil acesso, a televisão analógica rapidamente se tornou a principal – e muitas vezes a única – fonte de informação da população brasileira. A TV surgiu com o intuito de fornecer à sociedade entretenimento, informação e educação. O mercado televisivo atende as duas primeiras funções, já a terceira – a de educar –, sempre ficou em plano secundário nas grades de programação de emissoras privadas, que se sustentam por meio da venda de espaço publicitário. Em mais de cinquenta anos de existência, a televisão brasileira nunca foi utilizada em todo seu potencial para a educação (SCHIAVONI, 2011).

Até as emissoras de TVs que surgiram com a finalidade de levar educação à população, as TVEs, não obtiveram sucesso em seus objetivos. Elas tiveram que enfrentar anos de história de desregulamentação, que as fez se render às práticas de TVs comerciais, captando recursos necessários no mercado para manter a qualidade de suas programações, desviando-as, assim,

²⁰ Televisão Educativa.

do seu propósito inicial. Desta forma, é admirável que algumas experiências tenham obtido sucesso, como exceção, em seus objetivos educacionais, a exemplo do Telecurso 2000. Schiavoni (2011) relata que no uso da TV na educação, o sujeito se constitui, em frente da tela, apenas como espectador, sendo então impossível efetuar, de fato, a atividade de interação, ferramenta tão necessária para a educação. Com o surgimento da Internet, a esperança era que este problema fosse superado.

- **Internet**

Este meio tecnológico que teve sua difusão em 1999 foi, sem dúvida, o mais revolucionário inserido na Sociedade da Informação. Com a rede de computadores, a educação coloca à disposição dos estudantes conteúdos de interesses específicos, introduzindo estímulos à aprendizagem para além da figura do professor como detentor do conhecimento. O aluno tem a possibilidade de acesso ao conteúdo, antes mesmo da aula acontecer.

A Internet é um campo infindável de informações guardadas esperando consumo, com grandes potencialidades e variedades. Porém, muitas vezes, há uma falta de estrutura no montante de informações, diferentemente do que ocorre em uma biblioteca, por exemplo, o que deixa o usuário sem orientação e instrução para suas pesquisas. Assim, cabe ao professor promover o seu uso, esclarecendo dúvidas e direcionando o aluno a pensar e a *aprender a aprender* através deste meio. O professor deve ser um incentivador da aprendizagem, propiciando uma troca de saberes (WEILER, 2006).

Bauerlein, em entrevista para Szklarz (2008), afirma que o desafio maior é fazer com que os jovens vejam a Internet como fonte de informação e educação, pois, segundo o autor, eles não possuem esse interesse e visitam apenas sites de relacionamento, *games* e músicas. Bauerlein ainda afirma que a *web* poderia ser útil para o conhecimento, mas os jovens não se importam com isso. Para ele, os jovens não visitam um site de um grande museu para ver pinturas, pois preferem visitar seu perfil pessoal na Internet ou fazer *upload*²¹ de fotos, ou ainda escrever em seus *blogs*. A Internet para eles é um meio social.

Por isso que utilizar a Internet na educação formal requer um planejamento, para que os alunos sejam estimulados a usar este recurso da forma correta e em todo o seu potencial. Nos dias de hoje, a Internet também é muito utilizada na educação formal. Cada vez mais, são oferecidos cursos de capacitação, graduação e pós-graduação na modalidade EaD, os quais têm como plataforma principal a rede mundial de computadores. Os estudantes baixam conteúdo

²¹ Ato de enviar uma informação em forma de arquivo para um computador remoto.

dos sites, assistem vídeo-aulas, participam de *chats* com tutores e outros estudantes, além de postar trabalhos utilizando a rede.

É imprescindível também refletir sobre a educação informal neste processo, pois é infinita a quantidade de informações encontradas na Internet que podem contribuir para a formação intelectual de uma pessoa. A Internet é uma fonte de cultura e conhecimento de extrema importância que deve sempre ser considerada.

- **Televisão Digital Interativa**

Enquanto a televisão corresponde ao meio mais eficaz de disseminação de informação no Brasil, a TV Digital Interativa (TVDi) surge como um novo modelo de comunicação fundamentado em tecnologia digital de transmissão de informação, sendo utilizada como tecnologia de informação e comunicação para a transmissão do conhecimento a fim de viabilizar a educação formal dos indivíduos.

De acordo com o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, a TV digital nasceu com os seguintes objetivos:

Art. 1º Fica instituído o Sistema Brasileiro de Televisão Digital SBTVD, que tem por finalidade alcançar, entre outros, os seguintes objetivos: I - promover a inclusão social, a diversidade cultural do País e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação; II - propiciar a criação de rede universal de educação à distância; III- estimular a pesquisa e o desenvolvimento e propiciar a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionadas à tecnologia de informação e comunicação (BRASIL. DECRETO Nº 4.901, 2003).

Tendo em vista que é objetivo dessa nova plataforma, propiciar a educação e inclusão social para a sociedade brasileira, os educadores devem utilizar-se da TVDi para desenvolver cursos na modalidade EaD. Este modelo de televisão é capaz de oferecer uma série de novidades para a maior parte da sociedade brasileira: um número maior de canais – multiprogramação, melhor definição de imagem e som, portabilidade da transmissão digital, comunicação interativa e acesso a serviços *online*.

A TVDi na educação traz a possibilidade do uso da interatividade, uma das principais características da plataforma. Assim, o processo de ensino-aprendizagem deixa de ser unilateral e absorve a interação professor-estudante, construindo um processo participativo que resulta em novos conhecimentos produtivos (CASTRO, 2007).

Desta forma, deve-se pensar em projetos que levem em consideração o público interessado – os estudantes –, pois a interatividade e as tecnologias permitem novas formas de

abordar o conhecimento e os processos de aprendizagem, levando em conta o saber do outro, gerando um aprendizado colaborativo. Com a utilização da interatividade da TVDi, o estudante pode produzir conteúdos mostrando aos outros seu modo de ver a vida, contar suas histórias, reforçando sua identidade e autoestima. Porém, as iniciativas de desenvolvimento de aplicações de EaD em TVDi tentaram migrar abordagens já consolidadas na *web* para ambientes de Televisão Digital. Contudo, devido às diferenças entre TVDi e Internet, muitas dessas abordagens acabaram fracassando, necessitando de uma evolução no sentido de se adaptar às especificidades da plataforma (MONTEZ; ANDREATA, 2007).

4.1 A Interatividade no Processo Ensino-Aprendizagem

O termo interatividade teria sido adotado inicialmente na década de 1960, no contexto da informática, com o objetivo de qualificar a nova relação “mais flexível” entre usuário e computador. Este termo é recente, pois foi incorporado pelos dicionários da Língua Portuguesa apenas nos últimos 30 anos. Entretanto, o conceito de interação, do qual a interatividade é derivada, vem de longe e pode ser a base para se entender seus significado e origem.

Becker e Montez (2005, p.47) relatam que na física, a interação “refere-se ao comportamento de partículas cujo movimento é alterado pelo movimento de outras partículas”. Em sociologia e psicologia social, a premissa é “nenhuma ação humana ou social existe separada da interação”. Já na filosofia, existem diversas abordagens sobre interação, como é o caso do pragmatismo e sua maneira de enxergar o ser humano. Nos estudos referentes à geografia e a biologia, o termo também está presente, como a meteorologia que se ocupa, por exemplo, das interações entre componentes dos oceanos e atmosfera terrestre para avaliar a variação climática do planeta, ou a biologia, explorando o conceito nas explicações sobre genética.

Alguns autores definiram interatividade como um termo muito mais associado à tecnologia, de forma que hoje até podemos esquecer as suas diversas aplicações em outras áreas do conhecimento.

Os conceitos de interação e interatividade vêm sendo usados com diferentes significados nos últimos anos, especialmente relacionados às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). O conceito ‘interatividade’ é de fundamental importância para o estudo da comunicação mediada, da educação a distância, da engenharia de *software* e de todas as áreas que lidam com a interação homem-máquina e homem-homem via meios digitais interativos. Sendo assim é impossível definir um conceito único de interatividade (WAISMAN, 2006, p.26).

Santaella (1996) afirma que a interatividade ocorre entre um emissor e um receptor que devem estar na mesma sintonia num processo de comunicação. E tal processo resulta em uma interatividade entre ambos. Santaella relata também que em um processo de comunicação, toda pergunta gera uma resposta e, toda resposta gera outra resposta, criando um círculo vicioso que resulta na interação entre pessoas ou coisas.

Segundo Piaget (1996, p.18 *apud* WAISMAN, 2006, p.26), do ponto de vista educacional, a interatividade figura como ponto elementar da construção do conhecimento, sendo que todo conhecimento é fruto de uma interação.

Os conhecimentos não partem, com efeito, nem do sujeito (conhecimento somático ou introspecção) nem do objeto (porque a própria percepção contém uma parte considerável de organização), mas das interações entre sujeito e objeto, e de interações inicialmente provocadas pelas atividades espontâneas do organismo tanto quanto pelos estímulos externos (PIAGET, 1996, p.39 *apud* WAISMAN, 2006, p.26).

Logo, o conhecimento é construído interativamente entre sujeito e objeto e entre sujeito e outro sujeito. Porém, no processo de ensino-aprendizagem no ensino a distância, a interatividade só pode acontecer em sua totalidade quando existir um canal de retorno, ou seja, quando o aluno puder estabelecer uma comunicação com tutores/professores e também colaborar na produção de conteúdos.

Desta forma, os termos “interação” e “interatividade” possuem estreita relação, a qual deve ser analisada. Alguns autores distinguem os termos, outros, derivam interatividade de interação, e também os que preferem não utilizar o termo interatividade (TEIXEIRA, 2009).

Becker e Montez (2005, p.49) distinguem os conceitos “a interação pode ocorrer diretamente entre dois ou mais entes atuantes, ao contrário da interatividade que é necessariamente intermediada por um meio eletrônico, usualmente um computador”.

Algumas características importantes da interatividade devem ser pontuadas, pois devem prevalecer quando o objetivo for estabelecer a interatividade de fato. A figura 7 a seguir demonstra essas características, segundo Becker e Montez (2005):

Figura 7: Características da Interatividade

- **Interruptibilidade:** cada um dos participantes deve ter a capacidade de interromper o processo e ter a possibilidade de atuar quando julgar necessário;
- **Granularidade:** refere-se ao menor elemento após o qual se pode interromper. Em uma conversação, poderia ser uma frase ou uma palavra. Portanto, para que haja interatividade, essas circunstâncias devem ser levadas em conta;
- **Degradação suave:** esta característica refere-se ao comportamento de uma instância do sistema quando não se tem resposta para a indagação. Quando isso ocorrer, o outro participante não deve ficar sem resposta, assim, os participantes devem ter a capacidade de aprender quando e como podem obtê-la quando não está disponível no dado momento;
- **Previsão limitada:** existe uma dificuldade em programar todas as indagações possíveis. Apesar disso, um sistema interativo deve prever todas as instâncias possíveis de ocorrências;
- **Não-default:** o sistema não deve forçar a direção a ser seguida por seus participantes. A inexistência de um padrão predeterminado dá liberdade a seus participantes, remetendo ao princípio da interruptibilidade, pois diz respeito à possibilidade do usuário parar o fluxo de informações ou redirecioná-lo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Referente exclusivamente à TV Digital, Crocomo (2007) divide a interatividade deste meio em três níveis:

- Nível 01 ou interatividade local: ocorre quando a unidade receptora não possui acesso ao canal de retorno e, desta forma, o usuário pode interagir localmente com os conteúdos e aplicativos recebidos pelo *broadcast* em seu *set-top-box*;

- Nível 02 ou interatividade parcial: quando o usuário possui acesso ao canal de retorno, mas este não está presente durante todo o tempo. Utiliza-se como canal de retorno geralmente via telefônica/*modem*. É necessária a ação (mesmo que automática, via terminal de acesso) de “abrir” o canal para envio dos dados e a conexão é realizada apenas para essa transmissão dos dados;

- Nível 03 ou interatividade plena: utilizado para o canal permanente de retorno às tecnologias como ADSL, *Wimax* e a via cabo de TV, é possível enviar e receber informações, incluindo vídeos. Aqui, o usuário da TV Digital pode deixar de ser telespectador e passar a ser coautor, já que os vídeos e notícias de sua comunidade podem integrar pautas e programas da TVD interativa.

Também é possível classificar as mídias em geral em quentes e frias, de acordo com o seu nível de interatividade. As mídias quentes são aquelas que não deixam nenhum ou muito pouco espaço de interação, pois distribuem mensagens prontas, sem a possibilidade de

intervenção, como por exemplo, o rádio, o cinema, a fotografia e o teatro. Já as mídias frias são as que permitem interatividade, deixando lugar livre, onde usuários podem preencher interagindo, como televisão, telefone e computadores (BECKER; MONTEZ, 2005).

Para proporcionar interatividade ao processo de ensino-aprendizagem utilizando a Internet, é possível fazer uso dos Sistemas de Gestão de Aprendizagem (SGA). Porém, para entender os SGAs, é necessário entender também o termo Ambiente Virtual (AV). Enquanto o ambiente virtual, mais nomeado de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), corresponde ao espaço propício para estabelecer o processo de ensino-aprendizagem, os Sistemas de Gestão de Aprendizagem são *softwares* desenvolvidos com base em uma metodologia pedagógica para auxiliar a promoção do ensino presencial ou semipresencial (SIMÃO, 2011).

Os SGAs ou *Learning Management System (LMS)* são ferramentas imprescindíveis ao processo de ensino-aprendizagem, pois permitem organizar as ofertas de situações didáticas e acompanhar a construção do conhecimento individual dos estudantes por meio de registro de discussão, reflexão e colaboração.

Sendo assim, os sistemas oferecem suporte ao ensino a distância via *web* através de funcionalidades de armazenamento, distribuição e gerenciamento de conteúdos, além de recursos de comunicação entre os participantes. É possível registrar e apresentar atividades dos estudantes, bem como seu desempenho, além da emissão de relatórios, propiciando o aperfeiçoamento ao processo de ensino-aprendizagem (MONTEIRO et al, 2010). Assim, os SGAs oferecem e facilitam formas de interação entre estudantes e estudantes, entre estudantes e conteúdo, e entre estudantes e professor. São características importantes:

- Recursos interativos;
- Controle das atividades e monitoramento das interações e acesso dos estudantes;
- Gestão do conteúdo por parte dos instrutores, possibilitando a criação de cursos e organização das informações de forma que os usuários encontrem facilmente o que precisam;
- Sistema colaborativo de aprendizagem, que permite o trabalho em grupos de forma a promover a interação e compartilhamento de conteúdos;
- Customização de recursos por parte do estudante.

Segundo Passos (2006 *apud* MONTEIRO, et al, 2010, p.3), SGAs trazem vantagens às práticas educativas, tais como:

- Redução de custos;
- Rápida distribuição e alteração dos conteúdos;

- Permite ao estudante fazer seu próprio recurso;
- Recursos interativos como e-mail, fórum, sala de discussão, videoconferências, entre outros, que sistematizam as intervenções;
- Disponibilidade a qualquer hora e local.

Como maiores exemplos de SGAs temos o TelEduc e o *Moodle* utilizados para compor AVAs para cursos presenciais e semi-presenciais. O TelEduc foi desenvolvido por pesquisadores do Núcleo de Informática Aplicada à Educação – o NIED, da Unicamp –, considerando as necessidades dos usuários e, em razão disso, tornando fácil o uso para pessoas que não são da área da informática e não possuem grande habilidade em lidar com ferramentas computacionais. O TelEduc possui recursos agrupados em três grupos: coordenação, comunicação e administração. São eles: correio eletrônico, fórum de discussão, *chat*, videoconferência e editor de texto colaborativo.

Já o *Moodle* é um SGA que se tornou popular entre educadores de todo o mundo. Foi desenvolvido por Dougiamas e Taylor com o objetivo de apoiar e promover a integração entre pessoas interessadas em desenvolver ambientes de aprendizagem construtivista. Entre os recursos disponíveis estão: o *chat*, materiais, avaliação do curso, diário, fórum, glossário, lição, pesquisa de opinião, questionário, tarefa, trabalho com revisão e *wiki*. O *Moodle* foi homologado pelo MEC como plataforma oficial para EaD no Brasil (SIMÃO, 2011).

Para entender os recursos disponibilizados pelos SGA é preciso, primeiramente, analisar a divisão deles de acordo com a interatividade que proporcionam aos usuários em ensino a distância, podendo ser classificados em: Sem Interatividade e Com Interatividade. Não há interatividade quando o usuário apenas recebe informações disponibilizadas - comunicação unilateral - ; já quando o usuário pode interagir, retornando informações, há interatividade e a chamada comunicação bidirecional.

Os recursos interativos podem ainda ser classificados de acordo com o tempo de resposta da interação:

- a) Síncrono - quando a resposta é fornecida no mesmo momento em que a pergunta é enviada. Exemplos: *chats* e videoconferências;
- b) Assíncrono - quando a resposta é fornecida em tempo diferente da pergunta. Exemplos: correio eletrônico, fóruns de discussão, materiais, diário ou mural, glossário, sessão de tarefas, questionários e *wiki* (SIMÃO, 2011).

4.2 Aprendizagem Colaborativa e Alteridade Proporcionada pelas TIC

Na temática de EaD, é importante discutir a questão da colaboração na construção do conhecimento e a alteridade envolvidas no processo. A aprendizagem colaborativa pode ser considerada uma inovação no processo de ensinar que vai ao encontro das características da Sociedade da Informação. Seja por meio do uso da tecnologia ou atividades que prescindem de seu uso, aprender apoiando-se em uma construção coletiva do conhecimento é uma proposta cada vez mais utilizada pelos educadores. A aprendizagem colaborativa envolve metodologias pedagógicas que buscam promover a relação ensino-aprendizagem através de esforços colaborativos entre estudantes que trabalham em uma determinada tarefa (CARNEIRO et al, 1999).

Tanto Vygotsky quanto Piaget apontam – em suas contribuições para a criação dos novos paradigmas de desenvolvimento psicoemocional – para a necessidade da relação cognitiva entre sujeito e objeto, passo fundamental para o estabelecimento de uma troca ativa entre o objeto a ser apreendido e o ser humano em desenvolvimento pela aprendizagem. Piaget acreditava que o crescimento cognitivo só ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto de seu conhecimento. Por consequência, a teoria construtivista de aprendizagem tem como pressuposto que a ação – ou mais especificamente a interação – é requisito fundamental para sua prática (CARAM; DUCI; LODI, 2011).

Assim também Paulo Freire muito contribuiu para a construção do olhar sobre a educação brasileira, propondo a substituição do *ensino bancário*, aquele no qual a didática era exercida pelo método da repetição, por outra metodologia que tomasse o processo ensino-aprendizagem como uma busca conjunta de educador e de educando sobre o desvendar do universo de ambos, base para a construção de uma relação de coautoria.

A minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la (FREIRE; PAPERT, 1996).

Desta forma, abre-se espaço para uma metodologia pedagógica que viabiliza a concretização de uma nova relação ensino-aprendizagem, a qual proporciona um pensar cognitivo mais profundo entre o estudante e o objeto a ser conhecido, apreendido e apropriado em forma de conhecimento concreto. A forma é a de uma aprendizagem colaborativa, na qual os atores/autores (educando/educando e educador/educando) podem construir o conhecimento através de troca de informações. O educando transforma-se: passa de um ser passivo de

recepção dos conhecimentos para um ser ativo, responsável pelo próprio desenvolvimento. O educador, por sua vez, perde seu posto de detentor absoluto do conhecimento e passa a ser aquele que fomenta a busca de nível cognitivo mais elevado (CARNEIRO et al, 1999).

As TIC precisam ser utilizadas como fontes integradoras entre os indivíduos, de maneira que a educação seja um caminho para a emancipação criativa do educando em seu processo de construção de conhecimento, este que se materializa de forma colaborativa. É por meio de ações coletivas que se constrói uma sociedade mais justa e, acima de tudo, autônoma. Assim, pode-se mais falar em ação colaborativa e desenvolvimento de autonomia, sem falar da integração das TIC no processo educacional (ABEGG, 2009).

Desta forma, o processo colaborativo de ensino apoia-se na questão da alteridade, que retrata o estado ou qualidade do que é do outro. A alteridade, segundo Jovchelovitch (1998), fornece ao sujeito as referências em relação à subjetividade da sua identidade interna e externa, possibilitando que o sujeito seja capaz de reconhecer, acessar, avaliar e até mesmo rejeitar o externo, ou o *outro*.

Neste contexto, aprender colaborativamente significa construir de forma conjunta o conhecimento por meio do tratamento das informações recebidas. O processo de ensino-aprendizagem mediado pela tecnologia depende da interação entre os pares e da interação entre educandos e entre educandos e professor adotando como suporte dessa construção o “outro” enquanto sujeito. A proposta de aprendizagem colaborativa se apresenta como uma perspectiva educacional baseada na relação aproximada com as TIC e com os caminhos apontados pela pedagogia construtivista – concepção filosófica, psicológica e pedagógica -, a qual se relaciona diretamente ao contexto pós-moderno em que vivemos.

A busca é pela superação do modelo do século XX de transmissão que separa emissão e recepção na lógica da distribuição. A ideia reforça que o educador não é mais aquele que prevalece em sala de aula como o único capaz de gerar conhecimento, mas sim como aquele que apresenta uma perspectiva complexa do conhecimento à participação ativa dos estudantes. O processo de colaboração e coletividade na construção do conhecimento é tido como ponto elementar para que a lógica educando/educador e a transmissão do saber subvertam os processos tradicionais e conservadores de ensino. A proposição é a realização do processo de coautoria na formação inicial, a qual possibilitaria a concretização de uma prática educativa mais interativa e emancipatória.

A principal analogia que nos permite compreender melhor esse processo de ensino-aprendizagem é a que se refere ao *parangolé* de Hélio Oiticia, artista plástico, que propõe o argumento da necessidade de não acabar uma obra, um conhecimento, mas permitir suas

inúmeras resignificações através da interatividade e coautoria dos participantes do processo de aprendizagem. É a passagem do espectador passivo para o sujeito operativo.

A participação do aluno se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor. Exatamente como o Parangolé, em vez de se ter obra acabada, têm-se apenas seus elementos dispostos à manipulação. O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. [...] Uma pedagogia baseada nessa disposição à coautoria, à interatividade, requer a morte do professor narcisicamente investido do poder (SILVA, 2000).

Deste modo, o processo de coautoria na formação inicial possibilita a concretização de uma prática educativa mais interativa e emancipatória, apoiando-se no conhecimento construído pelo “outro” para que o sujeito construa seu próprio conhecimento no aprendizado.

4.3 Tecnologia e Mídia para Materiais Didáticos em Educação a Distância

O foco desta pesquisa volta-se para os materiais didáticos audiovisuais em Educação a Distância, assim como seu processo de produção, de forma a garantir a adequada emissão da mensagem para o público receptor, no caso o aluno de EaD, visando a qualidade descrita nos Referenciais de Qualidade em Educação a Distância instituídos pelo MEC.

Porém, é preciso, num primeiro momento, pontuar as possibilidades de materiais didáticos que podem ser utilizados para dar suporte à EaD a partir das diferentes tecnologias e mídias disponíveis. Moore e Kearley (2007) dizem que todos os materiais didáticos são de certa forma, tecnologias, até mesmo os impressos. Assim, listam as principais tecnologias que podem ser utilizadas para dar suporte à Educação a Distância.

- **Mídia Impressa**

Moore e Kearsley (2007) colocam que o texto é, sem dúvida, a mídia mais comum empregada na Educação a Distância e que, apesar do crescimento da comunicação *online* que utiliza o texto, a maioria ainda é veiculada na forma impressa para os alunos, assumindo diversas formas como livros didáticos, manuais, anotações de aula e guias de estudo. Podemos considerar o fato também de, muitas vezes, os materiais em texto serem oferecidos de forma digital, porém os alunos ainda preferem imprimi-los pelo motivo do histórico apego ao papel. Os Guias de Estudo como materiais impressos são comentados pelos autores. Este recurso

apresenta a organização e a estrutura do cursos e é muito utilizado quando se trabalha prioritariamente com materiais audiovisuais ou outras tecnologias eletrônicas.

Com o advento dos computadores, a editoração eletrônica ganhou importância na elaboração dos materiais impressos, mas sua produção e desenvolvimento requerem muito planejamento e diferentes perfis de profissionais. Além dos especialistas nos conteúdos ministrados, é necessário desenvolver ilustrações, providenciar autorizações dos detentores de *copyright*²², entre outras, o que torna muitas vezes sua elaboração demorada.

Entretanto, a mídia impressa também pode ter limitações. Para se estudar a distância via material impresso é necessário o pré-requisito de letramento e uma atenção automotivada, diferentemente de conteúdos audiovisuais, que são mais intuitivos. Outra limitação é a eventual baixa qualidade dos materiais impressos, o que acaba desmotivando os alunos em EaD. Moore e Kearsley (2007, p. 81) apontam que “muitos guias de estudo e outros materiais impressos são produzidos de modo muito econômico e displicente como suplementos de um programa transmitido eletronicamente e terminam exercendo pouca atração e sendo desinteressantes”. Assim, as limitações não são especificamente da tecnologia impressa, mas sim advindas de como os educadores e/ou produtores de conteúdo as planejam e as utilizam na Educação a Distância.

- **Mídia Audiovisual**

Ainda, segundo Moore e Kearsley (2007), materiais de áudio e vídeo se tornaram uma grande possibilidade para a EaD a partir dos anos 1970 devido, por um lado, à ampla disponibilidade de aparelhos de áudio e vídeo com cassete, e, por outro lado, à facilidade e à economia de se enviar o material via correio para estudantes. No final dos anos 1990, aparelhos de CD e DVD tornaram-se tecnologias dominantes, provando ser mais duráveis e de menor custo do que cassetes. Os discos de CD-ROM também surgiam como possibilidade de aprendizado, baseando-se no computador para incorporar os componentes audiovisuais.

A utilização da mídia audiovisual na Educação a Distância exige criatividade e conhecimento profissional especializado em comunicação para a produção de programas de boa qualidade, o que requer tempo e investimento financeiro. Muitas instituições não estão dispostas a investir nestes recursos para a produção de um material audiovisual de qualidade. O resultado disso é a subutilização dessas mídias.

²² Direito autoral.

- **Rádio e Televisão**

A transmissão de conteúdo audiovisual por rádio e TV foi utilizada para fins educacionais durante muitos anos. O ensino pela TV, especificamente, tornou-se popularizado após o surgimento das redes de satélites: é preciso considerar diferentes formas de transmissão televisiva, como o Serviço Fixo de Televisão Educativa (ITFS²³), a Televisão a Cabo (CATV), os Satélites de Transmissão Direta (DBS²⁴) e o Vídeo Transmissível.

O ITFS usa transmissão por microondas e antena especial para receber o sinal. Por ser uma tecnologia de custo acessível, tornou-se uma forma popular de transmissão do ensino para pequenas áreas. Geralmente é utilizada conexão telefônica para permitir que alunos tenham contato de áudio com o instrutor durante o programa para formular ou responder perguntas. Por ser transmissão via ar, costumeiramente, apresenta problemas de interferência. A CATV envolve distribuição de sinal via cabo coaxial ou fibra óptica. A programação educativa geralmente é provida por escolas e faculdades locais e muitas das instituições possuem em suas instalações sistemas de circuito fechado para distribuir seus programas interna ou externamente. Os DBS utilizam antena parabólica para realizar transmissões. Por ser pequena e barata, torna-se viável que alunos recebam o conteúdo em suas residências ou escritórios. Por fim, o Vídeo Transmissível se utiliza da Internet como apoio para disseminação. Com o surgimento da *World Wide Web*²⁵ e o crescente acesso à Internet, o Vídeo Transmissível tornou-se formato amplamente utilizado (MOORE; KEARLEY, 2007).

O rádio e a TV possuem como vantagem a atração de serem imediatos. “Quando os programas são transmitidos em combinação com um guia de estudos e tarefas escritas, ajudam a manter os alunos interessados e proporcionam segurança quanto ao curso como um todo”, afirmam Moore e Kearsley (2007, p.84). Os programas proporcionam aos estudantes a sensação de fazerem parte de um grupo de pessoas envolvidas com o tema, facilitando a compreensão e troca de informações.

- **Teleconferência**

A teleconferência em EaD descreve a instrução por meio de alguma forma de tecnologia de comunicação interativa, sendo divididas em quatro diferentes tipos: áudio, audiográfica, vídeo e computador ou baseada na *web*.

²³ ITFS é sigla de *Instructional Television Fixed Service*.

²⁴ DBS é sigla de *Direct Broadcast Satellites*.

²⁵ Também conhecida como WWW, é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet.

As audioconferências conectam seus participantes por meio de linha telefônica. A tecnologia é negligenciada por boa parte dos educadores, que associam a EaD inteiramente ao computador. A tecnologia audiográfica agrega imagens visuais ao áudio por meio de *slides* fotográficos em telas de computador e também utiliza linhas telefônicas para conectar seus participantes. As videoconferências permitem a transmissão nos dois sentidos de imagens televisadas: via satélite ou a cabo. Requer vários equipamentos para sua realização como o decodificador da compactação (codec) nos locais de transmissão e recepção, monitores de TV, gravadores, microfones, câmeras e computadores (MOORE; KEARSLEY, 2007). Por fim, tem-se o recurso de transmitir a conferência via computador, como se detalha a seguir.

- **Aprendizado Baseado em Computador**

Refere-se a programas de estudo autogerenciados em que o aluno usa sozinho quando opera sozinho um computador pessoal. A principal vantagem da instrução por computador, segundo Moore e Kearsley (2007), está no fato de oferecer uma oportunidade de alta qualidade para o aluno interagir com a disciplina, sob seu controle, em tempo integral.

O aprendizado baseado em computador pode ser dividido em três diferentes tipos. O primeiro deles é a Conferência por Computador que permite a interação de alunos e professores de como assíncrono ou tempo real, usando computadores pessoais para transmissão de texto, voz, imagens visuais e vídeos. O método mais utilizado historicamente é o bate-papo ou *chat*. O segundo tipo abrange os Sistemas de Aprendizado via *Web*. Muito utilizado na educação superior, possibilitam a utilização de um ambiente para estabelecer a comunicação entre os sujeitos. Também chamados de AVA no Brasil têm como maiores exemplos o TelEduc e o Moodle, como já definidos anteriormente. O terceiro tipo de aprendizado baseado em computador são os Sistemas de Gestão do Conhecimento, que objetivam captar e distribuir o aprendizado coletivo e cumulativo, possibilitando o armazenamento de um banco de dados de estudos, distribuindo boletins e série de seminários.

Referente às tecnologias e mídias para elaboração de materiais didáticos em EaD, Moore e Kearsley (2007) ainda listam alguns pontos de reflexão importantes para avançar na discussão da temática. São eles:

- Quase todos os cursos de EaD usam tecnologia impressa na forma de guias de estudos e livros didáticos;
- Todas tecnologias e mídias disponíveis para elaboração de materiais didáticos em EaD receberam impacto da rápida ascensão e popularidade da Internet e da *World Wide Web*;

- Não existe uma tecnologia certa ou errada para cursos em EaD. Cada mídia e cada tecnologia têm suas vantagens e desvantagens;
- É um equívoco restringir-se a apenas uma mídia em EaD²⁶;
- Para escolher a mídia para um curso, é necessário observar os objetivos de aprendizado de alunos e do ambiente, o que demanda análise diferente para cada curso;
- Deve-se selecionar combinação de mídias para atender a diversidade do tema, perfil e necessidades de alunos, com o objetivo de oferecer repetição e flexibilidade no curso EaD;
- O modo como uma mídia é utilizada é mais importante do que a seleção da combinação de mídias, indicando a importância das considerações de criação, elaboração e implementação dos materiais produzidos.

Não é recente o uso da tecnologia audiovisual na educação. Antes mesmo do surgimento do computador e da Internet, que são atualmente considerados indispensáveis na utilização deste recurso, as tecnologias audiovisuais eram amplamente utilizadas no ensino presencial (MILL, 2013). Nos dias atuais, a tecnologia audiovisual é utilizada na Educação à Distância como um importante aporte ao processo ensino-aprendizagem.

Sendo o foco desta pesquisa este tipo de material didático na Educação a Distância, torna-se fundamental uma discussão mais aprofundada sobre suas possibilidades de formatos, funcionalidades e aplicações. Carneiro (2003) elucida a evolução das tecnologias sob a ótica da televisão, vídeo e interatividade em Educação a Distância. A autora reflete sobre as possibilidades ofertadas nas experiências educacionais de TV e vídeo no Brasil, que “combinaram linguagens, reconceituações, descobertas de ricas consequências educativas e incentivaram explorar as interações tecnológicas disponíveis” (CARNEIRO, 2003, p. 97).

Todos os experimentos de vídeo de TV analisados pela autora apresentam, segundo sua visão, uma tendência de aproximar o receptor usando uma linguagem do meio e buscando utilizar estratégias distantes dos procedimentos tradicionais de sala de aula. Quando se utiliza TV e vídeo em educação, o objetivo é “promover a união entre a finalidade educativa e a especificidade da linguagem audiovisual; incorporar conflitos, o imaginário; discutir; incentivar a crítica e a interpretação [...]” (CARNEIRO, 2003, p. 97).

²⁶ Sobre esta ideia os próprios Moore e Kearsley (2007, p.101) complementam que “nenhuma tecnologia isolada tem possibilidade de atender a todos os requisitos de ensino e aprendizado de todo um curso ou programa completo, satisfazer as necessidades dos diferentes alunos ou atender às variações em seus ambientes de aprendizado”.

- **Teleaula ou videoaula**

É uma modalidade de programa educativo de TV ou vídeo didático com formato de aula presencial, conferência, palestra ou debate. O professor/apresentador ou o “teleprofessor” expõe um conteúdo que se pretende ensinar. Pode ser considerado sinônimo de vídeo ou programa educativo. Neste recurso, a relação entre emissor e receptor da mensagem é mecânica e o receptor é passivo (JACQUINOT, 1977 *apud* CARNEIRO, 2003).

Cabe ao teleprofessor, apenas a transmissão do conteúdo, sendo então necessário garantir a aprendizagem por meio de um professor-tutor que esteja disponível para complementar explicações, eliminar dúvidas e garantir o sistema de avaliação de aprendizagem.

A vantagem da teleaula em vídeo gravado (exibida via TV digital sob demanda ou internet, ou ainda vídeo gravado digitalmente) é oportunizar a flexibilização do estudo por meio das funções de avançar, retroceder, pausar e rever. Carneiro (2003) aponta que em projetos para a EaD, a teleaula pode assumir algumas variações que descaracterizam a aula expositiva, como por exemplo, substituir o teleprofessor por um especialista, ator ou jornalista e variar quantidade e qualidade de recursos visuais, sonoros e de animação.

Um exemplo conhecido de teleaula é o “Telecurso Segundo Grau”, da Fundação Roberto Marinho e Fundação Padre Anchieta, que contratou o ator Antonio Fagundes para figurar como um professor de biologia, além de outros atores que também chegaram a interpretar este papel de educador. A partir dos anos 1990, as teleaulas foram associadas às teleconferências com o objetivo de garantir o tempo real na exposição do conteúdo e, conseqüentemente, a interatividade e troca de informações imediatas, assumindo uma identidade de aula expositiva novamente (PETERS, 2001, p.251 *apud* CARNEIRO, 2003).

- **Série Ficcional Didática**

Segundo Carneiro (2003, p. 99), a Série Ficcional Didática “trata-se de um programa de TV com finalidade didática que utiliza dramatização e estrutura-se em capítulos/episódios independentes, e não sequenciáveis como séries televisivas”. Caracteriza-se como uma estrutura em que a partir de uma narrativa principal agregam-se outras secundárias, além de quadros pedagógicos de diversos formatos, trabalhando com situações-problema para discutir com o espectador-aprendiz.

Em cursos a distância, o vídeo ficcional didático é comum para a formação de professores, apresentando casos vividos por alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem com o intuito de buscar a reflexão, discussão e avaliação. Um exemplo histórico

utilizado no Brasil de modalidade ficcional-didática é o “Telecurso 2000”, da Fundação Roberto Marinho, em que se busca utilizar a teledramaturgia na educação.

- **Audiovisual Didático ou Vídeo Didático**

Enquadram-se neste formato vídeos educativos que combinam a “linguagem de cinema, TV, vídeo, rádio, quadrinhos, computação gráfica” (CARNEIRO, 2003, p. 102). Possui um modelo linear e analítico que usa imagem fixa ou animada, palavras escritas na tela, segmentos de diferentes formatos, trechos de filmes, imagens de arquivo, dramatização, fotografia, desenhos, diagramas, mapas, música e sons. O programa “Nossa Língua Portuguesa”, com Pasquale Cipro Neto, caracteriza um produto audiovisual didático, já que busca, através do apresentador, o olhar direto ao espectador por meio da lente da câmera.

- **Vídeodocumentário**

Diferentemente dos exemplos anteriores, o vídeodocumentário não trabalha com a ficção, mas com a apreensão ao real. Caracteriza-se por uma metodologia mais ativa de ensino, passando uma situação verídica em que predominam objetivos científicos, culturais, informativos e didáticos. É o mais antigo gênero do cinema, utilizado para a educação em seus primórdios para “demonstrar técnicas cirúrgicas em circuitos fechados de universidades” (PFROMM NETTO, 1998, p. 101 *apud* CARNEIRO, 2003, p.103).

- **Vídeoreportagem**

“Apoia-se na entrevista e no depoimento” (CARNEIRO, 2003, p. 103). Segundo a autora, este formato utiliza documentos preexistentes e oferta uma visão temática, esgotando o acontecimento, causas, consequências e estimulando o debate. Caracteriza-se pela realização e transmissão no instante do fato, podendo ser chamado também de “reportagem ao vivo”.

- **Entrevistas, Debates e Mesas Redondas**

Formatos fundamentados em diálogos, enfatizando maior ou menor grandeza de apresentadores, âncoras, entrevistadores e entrevistados (MACHADO, 2000 *apud* CARNEIRO, 2003). A entrevista busca informação e se aproxima de quem a detém; o debate polemiza um tema promovendo enfrentamento aberto das partes com opiniões divergentes, e, por fim, a mesa redonda é o debate em grupo de um tema determinado.

- **Série Interativa de Debates**

Carneiro (2003) aponta que o formato pode ser identificado na EaD por meio de uma série modular que estreou em 1991: “Um Salto para o Futuro”, da Fundação Roquette Pinto/MEC, veiculada na Rede Brasil de Emissoras de TVs Educativas. A série explora as perspectivas tecnológicas interativas da TV, disponibilizando fax, telefone, internet e carta como meios para participação ao vivo de professores organizados em telessalas pelo país.

O programa reúne uma série de debates semanais de aproximadamente uma hora de duração e aborda sobre temas de interesse dos docentes brasileiros. A proposta é que três debatedores interajam com telespectadores e um mediador recebe perguntas pelas tecnologias disponíveis, intercalando-as com curtos vídeos pré-preparados (CARNEIRO, 2003).

A partir da assimilação dos conteúdos teóricos referentes à Educação na Sociedade da Informação, aspectos conceituais, históricos e regulatórios da EaD e a aplicação de TIC na EaD, foi aberto caminho para a pesquisa empírica, próxima fase de investigação deste trabalho, apresentada na sequência.

5. PESQUISA EMPÍRICA: A PERCEPÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DOS NEaDs REFERENTE AO PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS AUDIOVISUAIS

A comunicação e a tecnologia são extremamente importantes para a concepção da Educação a Distância. Porém, não se faz EaD apenas com educadores. Esta modalidade de ensino exige uma equipe multidisciplinar com diferentes conhecimentos e habilidades para a realização de um trabalho consistente, eficaz e de qualidade.

Definitivamente não é necessário ter um conhecimento especializado a respeito de como as tecnologias operam nem ser capaz de remediá-las caso apresentem problemas. Como educadores a distância, dependemos de programadores especializados, operadores de câmera, engenheiros e produtores, a fim de assegurar que as tecnologias que transmitirão o ensino operem do modo que devem (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 77).

Assim, equipes multidisciplinares foram eleitas como agentes centrais da pesquisa para fornecer subsídios, a partir do relato de suas experiências e opiniões, para as reflexões da tese. Neste capítulo, portanto, apresentam-se a coleta de dados da pesquisa empírica, a Análise de Conteúdo das manifestações verbais dos entrevistados, a descrição e análise dos materiais didáticos audiovisuais colhidos e as inferências e considerações, de forma a direcionar para uma análise dos resultados enriquecedora e, em seguida, para a conclusão.

5.1. Os Métodos de Coleta de Dados e Cuidados Éticos

Esta pesquisa empírica possui abordagem qualitativa e caráter analítico-exploratório. Como já descrito na Introdução, esta fase foi composta de visitas em IES privadas brasileiras que ofertam cursos a distância e que, obrigatoriamente, produzem seus próprios MDAs. O objetivo das visitas foi levantar informações referentes à estrutura, planejamento e produção dos materiais didáticos audiovisuais voltados à EaD pelas IES, assim como a percepção de qualidade destes materiais a partir da ótica das equipes multidisciplinares dos NEaDs envolvidas neste processo.

A escolha por IES privadas foi motivada pela hipótese de que elas investem em equipe especializada tanto de comunicação quanto de educação (a distância), que requer profissionais com conhecimento específico. Tais IES também necessitam investir em estrutura física e instrumental para a produção dos materiais audiovisuais, como estúdios, câmeras, iluminação e ilhas de edição.

Para tanto, investigou-se a realidade de 2 (duas) IES por meio de visitas *in loco*, momento em que foram realizadas entrevistas individuais em profundidade com os profissionais dos NEaDs. Como procedimento de análise de dados, recorreu-se ao método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016). O produto final deste processo, o MDA produzido, também foi objeto de análise para complementação dos dados. Foram colhidas amostras do material durante as visitas para posterior descrição e análise, de forma a direcionar para a reflexão sobre sua produção de conteúdo, cruzando com os resultados levantados nas entrevistas.

A seleção das IES visitadas foi condicionada ao aceite de participação na pesquisa por parte dos gestores das instituições contatadas. Inicialmente, planejava-se realizar esta coleta de dados em três IES, porém em razão da dificuldade de aceitação, esta fase foi finalizada após a visita em duas IES que concordaram em participar e conceder as entrevistas e amostras de materiais.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com 3 (três) profissionais diferentes de cada IES: o gestor responsável pela EaD e dois produtores de conteúdo, sendo um docente conteudista e um responsável pela produção técnica dos materiais. Foram aplicados roteiros de questões²⁷ diferentes para cada tipo de profissional com o intuito de levantar informações específicas, considerando a atividade exercida por cada um deles, conforme indicado a seguir:

- Gestor Responsável pela EaD: as questões do roteiro foram feitas para compreender como a IES administra a EaD em respeito à legislação vigente e como garante a qualidade do MDA que norteia o processo de ensino-aprendizagem. Também foi direcionado para levantar a posição da IES quanto ao investimento em recursos financeiros, estruturais e humanos na modalidade.
- Docente Conteudista: a entrevista foi voltada para a discussão referente ao processo de planejamento do conteúdo realizado pelo docente, levando em consideração que a sua transmissão é realizada a distância por meio de recurso audiovisual. Nesta discussão, foi investigado se o docente recorre a adaptações em seu planejamento, se comparado com o ensino presencial. Foi levantada a participação do profissional no processo de elaboração dos MDAs, assim como sua visão sobre a garantia de qualidade do modelo de ensino.

²⁷ Disponíveis em apêndice.

- Produtor Técnico: as questões do roteiro buscaram levantar como são planejados e executados os processos técnicos de produção dos MDAs, assim como sua visão em relação à garantia de qualidade do ensino por meio deste recurso.

As entrevistas foram gravadas em áudio para permitir, em momento posterior, a transcrição, codificação e análise do conteúdo das manifestações verbais colhidas. Referente ao método de entrevistas em profundidade, Duarte (2011) explica:

[...] é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2011, p.62).

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil e aprovado com o Parecer nº 1.771.089²⁸. Na etapa de coleta de dados, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado e assinado pelos entrevistados, apresentando o seu “de acordo” com a utilização das informações coletadas nesta investigação e futuras publicações. Os responsáveis pelas IES visitadas também assinaram uma autorização para que a coleta de dados fosse realizada.

Na apresentação dos resultados da pesquisa empírica, as identidades das IES foram preservadas, pois não se buscou em nenhum momento, neste trabalho, promover uma comparação com finalidade mercadológica entre as instituições. O objetivo central foi levantar como as IES brasileiras estão gerindo seus cursos superiores de Educação a Distância visando à qualidade, focando na produção do conteúdo audiovisual.

O procedimento de análise de dados da pesquisa empírica foi realizado de forma qualitativa por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Para tanto, foi realizada a transcrição, codificação e interpretação dos dados coletados em campo, que totalizaram em 6 (seis) entrevistas.

A Análise de Conteúdo é um procedimento baseado na dedução que oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade (BARDIN, 2016). Envolve um trabalho de investigação de mensagens com o objetivo de verificar sentidos a partir de uma leitura mais atenta e aprofundada do objeto analisado. Um dos pioneiros do método foi Laswell que iniciou seus estudos em 1915, nos Estados Unidos. Inicialmente, o método era aplicado somente de

²⁸ Disponível em anexo.

forma quantitativa em estudos da área de jornalismo e, em seguida, de propaganda, em que o principal objetivo era verificar a frequência de mensagens de cunho político veiculadas na mídia. Nos anos de 1940 a 1950, vários outros pesquisadores começaram a adotá-lo, como por exemplo: N. Leites, R. Fadner, J. M. Goldsen, A. Gray, I. L. Janis, A. Kaplan, D. Kaplan, A. Mimntz, I. de Sola Pool e S. Ykobson. A partir dos anos de 1950, ocorreu uma expansão das aplicações do método. Berelson foi um dos pesquisadores responsáveis por isso. O plano metodológico, antes caracterizado como quantitativo, passa então a também ser utilizado de forma qualitativa.

[...] a querela entre a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa absorve cabeças. Na análise quantitativa, o que serve de informação é a **frequência** com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a **presença** ou **ausência** de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração (GEORGE, 1959 apud BARDIN, 2016, p.26-27, grifo do autor).

Fonseca Júnior (2011) também comenta sobre esta característica híbrida do método, colocando que a Análise de Conteúdo oscila entre dois polos, qualitativo e quantitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. “Apesar da introdução da inferência, a empatia pelos números não desapareceu” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p.285). Ou seja, mesmo em um estudo caracterizado como qualitativo, os números podem ser utilizados de forma simplificada para apresentar a frequência com que um conteúdo aparece no objeto analisado, se o pesquisador assim optar.

A Análise de Conteúdo, além de enriquecer a pesquisa de caráter exploratório, tem como objetivos a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. Em outras palavras, a aplicação do método é importante para mensurar se a visão do pesquisador sobre o significado do objeto analisado é generalizável (BARDIN, 2016).

Na visão de Bardin (2016), todo objeto de comunicação, ou seja, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, deveria ter seu conteúdo analisado para um entendimento mais aprofundado da mensagem. Nesta pesquisa, os objetos de comunicação analisados são as entrevistas transcritas realizadas com os profissionais dos NEaDs das duas IES visitadas. Sendo assim, o tipo de análise se caracteriza como uma Comunicação Dual (diálogo) de código linguístico e suporte oral. Tal classificação refere-se, justamente, a “entrevistas e conversas de qualquer espécie” (BARDIN, 2016, p. 40).

Para esta pesquisa, optou-se por utilizar a técnica de Análise Categorial por tematização, cronologicamente a mais antiga e mais utilizada do método de Análise de Conteúdo. “Funciona por desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo agrupamentos analógicos” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p.301). “Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou Análise Temática, é rápida e eficaz na condição de se ampliar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (BARDIN, 2016, p. 201).

Nas fases iniciais da aplicação da técnica é importante que aconteça uma descrição analítica do objeto analisado para que, assim, seja possível categorizar as manifestações verbais²⁹ dos sujeitos e, por fim, direcionar para as inferências e interpretações (FONSECA JÚNIOR, 2011).

Desse modo, a aplicação do método de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2016), é composta por três grandes fases: a Pré-Análise, a Exploração do Material e o Tratamento dos Resultados e Interpretações. Na fase de Pré-Análise é necessário realizar uma “leitura flutuante”³⁰ do objeto, formular hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores que irão nortear a interpretação. Na fase de Exploração do Material são realizadas a codificação e a categorização do texto, em que são estabelecidas as unidades de registro³¹ e unidades de contexto³², além da enumeração³³, se for opção do pesquisador. Por fim, na fase de Tratamento dos Resultados e Interpretações são realizadas as inferências (deduções lógicas) que direcionam para as reflexões interpretativas (BARDIN, 2016).

5.2 Coleta de Dados e Análise de Conteúdo

Inicialmente, foram listadas IES brasileiras que ofertam cursos de graduação a distância e produzem seus MDAs. Primeiramente, foi feito contato, por telefone, momento em que foi explicada a intenção da pesquisa e solicitado um endereço de e-mail de um responsável para o envio de mais informações, incluindo o projeto com os roteiros de questões e termo de

²⁹ No caso do objeto analisado ser o resultado de entrevistas, como nesta pesquisa.

³⁰ Bardin (2016) considera a “leitura flutuante” como leitura comum, ou seja, “leitura rasa”. É uma fase inicial e necessária na Análise de Conteúdo que exige, em um segundo momento, leitura mais aprofundada e crítica.

³¹ “É a unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial.” (BARDIN, 2016, p.134). Pode ser um tema, uma palavra ou uma frase.

³² “[...] serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.” (BARDIN, 2016, p. 137). Pode ser a frase quando na unidade de registro for utilizada a palavra e o parágrafo para quando for utilizado o tema.

³³ Mensura a frequência de aparições de uma categoria no objeto analisado. Pode-se utilizar números.

consentimento. Foram contatadas, no total, 13 (treze) IES. Destas, apenas 5 (cinco) retornaram à solicitação, sendo 3 (três) de forma negativa e 2 (duas) de forma positiva.

As maiores dificuldades encontradas nesta fase foram conseguir dialogar via telefone com um responsável pela IES e/ou conseguir o e-mail do responsável para realizar a solicitação de coleta de dados. Quando o e-mail era enviado, a maioria dos destinatários não retornava. Depois de um período de 15 dias a 1 mês, foi estabelecido novo contato via telefone com a IES, sem sucesso de retorno. Das IES que retornaram à solicitação com a negativa, os motivos alegados foram: “a reitoria não autorizou a pesquisa” (sem mais explicações), “a reitoria acredita que a IES não tem muito para contribuir com a pesquisa, já que a implantação da EaD é recente, sugere que a pesquisadora contate IES que realizam um trabalho mais consolidado” e “devido a mudanças na gestão, a IES não está aceitando colaborar com pesquisas científicas em 2016 e 2017. A partir do ano de 2018 abrirá suas portas novamente para este tipo de atividade”.

A primeira IES que aceitou participar da coleta de dados marcou a data da visita após 40 dias do contato e a segunda, solicitou que fosse realizado um segundo contato no final do ano (de 2016), pois foi considerada uma época mais oportuna para a direção receber visitas. Depois do segundo contato feito conforme pedido, a visita foi marcada.

A visita à primeira IES ocorreu no dia 13 de outubro de 2016, das 10h às 12h30 (2h30 de duração), na cidade de São Paulo - SP. Na segunda IES, a visita foi no dia 06 de dezembro de 2016, das 10h às 15h30 (5h30 de duração), em uma cidade do interior do Estado do Paraná - PR³⁴. Na primeira IES, um dos profissionais (docente conteudista) que deveriam participar de uma das coletas de dados não estava presente, sendo acordada, então, sua participação via e-mail, após alguns dias da visita. Todas as outras entrevistas ocorreram de forma pessoal, como planejado.

Após a realização das visitas em cada IES, as entrevistas foram transcritas³⁵ na íntegra para que fosse possível a realização da primeira etapa da Análise de Conteúdo: a “leitura flutuante”. Assim, apresentam-se, a seguir, em quadros demonstrativos, as etapas de codificação e categorização das manifestações verbais colhidas. Estes elementos foram organizados em colunas nos quadros para auxiliar o processo de reflexão analítica. É apresentado um quadro por entrevista realizada, na seguinte sequência: Quadro 1 refere-se à entrevista do Gestor Responsável da IES 1; Quadro 2, à entrevista do Gestor Responsável da

³⁴ A cidade não será identificada como forma de preservar a identidade da IES.

³⁵ Disponíveis em apêndice.

IES 2; Quadro 3, à entrevista do Docente Conteudista da IES 1; Quadro 4, à entrevista do Docente Conteudista da IES 2; Quadro 5, à entrevista do Produtor Técnico da IES 1, e, por fim, Quadro 6, à entrevista do Produtor Técnico da IES 2.

Quadro 1 – Entrevista Gestor Responsável da IES 1

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Implantação da EaD na IES	Percepção sobre o processo de implantação do EAD na IES.	Demorado; desgastante; exigente; investimento financeiro; burocrático; pouco atrativo.	<p><i>“O credenciamento da IES junto ao MEC para oferecer cursos a distância foi demorado [...].”</i></p> <p><i>“Todo este processo é desgastante devido às suas muitas exigências.”</i></p> <p><i>“As diretrizes do MEC, tanto para o EaD quanto para o Presencial, são muito exigentes.”</i></p> <p><i>“É necessário muito investimento financeiro.”</i></p> <p><i>“[...] Estas exigências impactam muito no processo de implantação, tornando-o demorado, burocrático e pouco atrativo.”</i></p>
	Montagem da Equipe Multidisciplinar do NEaD.	Equipe privilegiada; formados.	<p><i>“A nossa equipe é privilegiada.”</i></p> <p><i>“Todos os profissionais possuem curso universitário e são formados nas áreas em que atuam [...].”</i></p>
Qualidade da EaD	Entendimento de qualidade em EaD pela IES.	Igual do ensino presencial.	<i>“A nossa IES utiliza os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância e entende que a qualidade em EaD deve ser a mesma da educação presencial, inclusive trabalhamos com o mesmo quadro de professores nas duas modalidades.”</i>
	Conhecimento da equipe gestora dos RQESaD ³⁶ .	Conhece.	<i>“Conheço o documento. Inclusive suas diretrizes foram utilizadas para o processo de implantação do EaD na nossa IES [...].”</i>
	Percepção da equipe gestora dos RQESaD.	Exigente; necessita de revisão.	<i>“O documento possui diretrizes exigentes. Inclusive os Referencias estão sendo objeto de revisão para acompanhar a realidade do país.”</i>

³⁶ Sigla estabelecida nesta pesquisa – somente para a elaboração dos quadros – para Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.

Produção dos MDAs	Tipos de materiais didáticos produzidos pela IES.	Videoaulas; teleaulas; guia do aluno; materiais impressos.	<p><i>“A infraestrutura já existente na IES anteriormente para dar aporte ao ensino presencial é utilizada também para esta finalidade. [...] Usamos esta estrutura para a gravação de suas videoaulas e transmissão via satélite das teleaulas.”</i></p> <p><i>“Já os materiais impressos, como o Guia do Aluno, é elaborado pela equipe multidisciplinar do EaD. Temos, também, um AVA em que são postados materiais impressos, objetos de aprendizagem, videoaulas e acervo da biblioteca (também disponível para o ensino presencial).”</i></p>
	Adequação das mídias utilizadas para os materiais versus o perfil socioeconômico dos alunos.	Digital e impresso; adequada ao perfil do aluno devido ao acesso por meio de dispositivos móveis.	<p><i>“Os materiais impressos são disponíveis de forma digital e de forma impressa. O acesso ao AVA pode ocorrer de qualquer lugar que o aluno esteja por meio de dispositivos móveis, desde que possua o mínimo de banda de internet necessário.”</i></p> <p><i>“Tentamos minimizar qualquer dificuldade que o aluno tenha em função de um perfil socioeconômico baixo.”</i></p>
	Existência do Guia Geral do Curso	Existe.	<i>“Existem dois Guias, o do aluno e o do curso que são disponibilizados em pdf no ambiente virtual.”</i>
	Recursos Financeiros e Estruturais do NEaD	Muito investimento.	<i>“Estamos em processo de investimento, ainda sem o retorno. [...]. Todos estes recursos estruturais demandaram muito investimento.”</i>
	Importância do MDA	Presença do professor é importante para aluno e para mercado; o MDA é muito importante.	<p><i>“A presença do professor, mesmo que pela videoaula, é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Este material é o mais importante neste processo.”</i></p> <p><i>“É muito importante para o mercado reconhecer que o aluno tem acesso ao professor.”</i></p> <p><i>“É muito importante. [...] É da equipe que depende o sucesso do processo.”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o Quadro 1, que apresenta os recortes das manifestações verbais do Gestor Responsável pelo EaD da IES 1, é possível destacar algumas informações em cada uma das categorias:

- **Implantação da EaD na IES:** O Gestor Responsável na IES 1 considerou o processo de implantação da EaD em sua instituição desgastante, burocrático e demorado devido às muitas exigências do MEC. Para a montagem da equipe multidisciplinar no processo de implantação da modalidade, a IES optou por profissionais com nível universitário formados nas áreas em que atuam, objetivando um trabalho mais eficaz.

- **Qualidade da EaD:** Para o entrevistado a qualidade da modalidade a distância deve ser a mesma do ensino presencial. A IES enxerga que uma forma de garantir a paridade de qualidade é utilizar o mesmo quadro de professores para ambas modalidades. Há conhecimento dos Referenciais de Qualidade da Educação Superior a Distância por parte do entrevistado – que possui a função caracterizada nesta pesquisa de Gestor Responsável – e suas diretrizes são utilizadas nas atividades do NEaD, porém o entrevistado possui a percepção que há a necessidade de revisão deste documento para acompanhar a realidade do país.

- **Produção dos MDAs:** Além das videoaulas, a IES produz outros materiais didáticos, inclusive o Guia Geral do Curso, que são apoiados em mídias que atendem o perfil socioeconômico dos alunos da instituição, como, por exemplo, a possibilidade de acesso dos materiais de dispositivos móveis. Para a produção dos MDAs, a IES utiliza uma estrutura já existente anteriormente. Esta produção é vista como onerosa, mas de extrema importância para o aluno, pois é uma forma de garantir a “presença” do professor no processo de ensino-aprendizagem. Este material é visto como o mais importante para a IES. Segundo o entrevistado, os MDAs também são importantes para a visibilidade dos cursos a distância da instituição para o mercado, pelo mesmo motivo de demonstrar que há “presença” e acesso ao professor por parte do aluno, mesmo que a distância.

Quadro 2 – Entrevista Gestor Responsável da IES 2

Categories	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Implantação da EaD na IES	Percepção sobre o processo de implantação do EAD na IES.	Com qualidade; cuidadoso; planejado.	<i>“A partir do momento que recebemos a autorização do MEC, ficamos mais 1 ano, já autorizados sem implantar. Isso aconteceu por que a IES tem como princípio de trabalho as questões de qualidade. [...] às vezes, para atingir a qualidade é necessário ‘dar um tempinho’ para ter maturação de processos, processos bem desenhados, não é um ‘fazer e depois vai ajustando’. [...] Então a implantação foi muito cuidadosa neste sentido. [...] Este processo foi cuidadoso, levando a EaD muito a sério, devido aos princípios que a própria IES tem. Foi um processo cuidadoso e planejado e, até hoje, tudo o que fazemos em EaD é assim.”</i>
	Montagem da Equipe Multidisciplinar do NEaD.	Trabalho em equipe; multitarefas; soma de saberes.	<i>“Aqui no EaD temos uma engrenagem. Ninguém faz nada sozinho em EaD. [...] se não houver conversa, vai enroscar em muitos pontos.”</i> <i>“Dentro de todas estas diretorias existem equipes multidisciplinares de tudo. Por que não dá para pensar isolado. [...] Então é somar os saberes de cada um para manter a qualidade. [...] quando o trabalho é fragmentado, deixa de ser coletivo e perdemos força.”</i>

			<p><i>“Este é o entendimento de multiequipes e de multitarefas e, na EaD, isso inicia na direção e desce em toda a estrutura organizacional.”</i></p>
Qualidade da EaD	Entendimento de qualidade em EaD pela IES.	<p>A qualidade perpassa por: professor; material próprio; avaliação; atendimento ao aluno e demais serviços de secretaria; projeto pedagógico e acompanhamento.</p>	<p><i>“Eu posso ter professor de qualidade, posso ter 80% dos professores mestres e doutores. Só isso me garante qualidade? Não. Todo o nosso material é produzido interno, não temos material produzido fora, não compramos conteúdo, todo o conteúdo é produzido aqui. Não compramos por que não queremos um conteúdo que seja mercadológico, queremos um conteúdo que seja dialógico, que converse com o aluno, que traga anseios, que traga as preocupações de mercado, que seja atualizado. Então, toda a nossa equipe de produção de material é interna. A qualidade na educação perpassa pelo professor, pela qualidade do material e pela qualidade da avaliação. Alguém pode achar isso ultrapassado, mas para nós não é. É uma forma de verificação de aprendizagem do meu aluno, verificar se ele aprendeu ou não aprendeu.”</i></p> <p><i>“Então, qualidade pra nós perpassa em todos os processos: no atendimento, na entrega rápida de documentos, nas pessoas, no projeto pedagógico do curso e no acompanhamento.”</i></p>
	Conhecimento da equipe gestora dos RQESaD.	<p>Conhecimento a partir de uma diretoria específica da IES.</p>	<p><i>“Temos um cuidado muito grande com legislação. Os Referenciais de qualidade são de 2007, mas ainda tem muita coisa importante lá. Claro que precisaria revisá-lo, renová-lo, remodelá-lo. Mas eu vejo como um documento muito importante. [...] Temos uma Diretoria de Planejamento Institucional que é responsável por todos os processos legais referentes ao MEC e implantação de cursos. [...] quando vamos montar um curso ou quando vamos mudar a metodologia, por exemplo, os Referenciais sempre veem para a mesa. Usamos muito os Referenciais, por que eles nos dão norte. Levamos muito em consideração estes documentos. Todo ano a Diretoria de Planejamento faz programa de formação para coordenadores de curso e para NDE sobre estas questões de legislação. Eles conhecem o documento, pois suas diretrizes estão no dia a dia.”</i></p>
	Percepção da equipe gestora dos RQESaD.	<p>Percepção positiva do documento; porém com necessidade de ampliação e atualização.</p>	<p><i>“Eu, particularmente, gosto muito dos Referenciais [...] tem pontos que precisamos repensar, por exemplo a questão de tutoria, ou outros pontos que precisam ser ampliados, que são passados de forma superficial. E atualizá-lo, pois na EaD sempre temos que atualizar devido ao avanço da tecnologia, ou seja, o documento também deve seguir essas atualizações.”</i></p> <p><i>“[...] o referencial não pode pensar na realidade de uma IES pequena, também precisa pensar na realidade de uma IES grande. Então, a atualização do documento é algo muito importante neste sentido.”</i></p> <p><i>“Então, os Referenciais como qualquer outro documento devem acompanhar esta realidade para manter a qualidade, pois o que foi estabelecido em 2007 não está mais de acordo.”</i></p>

Produção dos MDAs	Tipos de materiais didáticos produzidos pela IES.	Livros digitais e impressos; objetos de aprendizagem e videoaulas.	<p><i>“Temos livros, temos objetos de aprendizagem. O aluno recebe o livro no polo, temos um controle. Trabalhamos de forma modular, então em todo módulo o aluno recebe o livro do módulo posterior. Ele tem este livro em pdf disponível, recebe o livro impresso, ele tem aulas conceituais disponíveis, ele tem aulas extras disponíveis, tem objetos de aprendizagem disponíveis dentro da plataforma.”</i></p> <p><i>“Temos muito cuidado na edição dos audiovisuais. Nossa equipe de produção hoje é composta por 178 pessoas, para produzir todos os materiais: livro, áudio, etc.”</i></p>
	Adequação das mídias utilizadas para os materiais versus o perfil socioeconômico dos alunos.	Infraestrutura de polo é fundamental; preocupação que o aluno tenha acesso a todos recursos.	<p><i>“A infraestrutura de polo é fundamental. [...] Temos que ter esta preocupação de infraestrutura de polo.”</i></p> <p><i>“Em [um dos polos], implantamos a única internet da cidade. Envolveu infraestrutura de satélite. Lá não chega internet banda larga. Eles utilizam por meio de rádio”</i></p>
	Existência do Guia Geral do Curso	Existe.	<p><i>“Temos um Guia em que tratamos de todas as questões de metodologia, orientação para o aluno. Temos na internet, na ferramenta Gomo – que é interativa – dentro do AVA e também entregamos impresso na mão de aluno.”</i></p> <p><i>O primeiro desafio é aprender a ser um aluno do ensino a distância.”</i></p>
	Recursos Financeiros e Estruturais do NEaD	Há bastante investimento por parte da IES.	<p><i>“Todo ano fazemos o planejamento, por exemplo, para o ano que vem vamos construir mais um estúdio.”</i></p> <p><i>“[...] compramos a câmera de realidade aumentada de 360 graus e estamos fazendo testes. Todo o final do ano levamos os projetos para avaliação de investimento, devido ao nosso entendimento de que um material bom, um material bem editado e bem gravado, contribui para a qualidade do ensino.”</i></p>
	Importância do MDA	Importante para o aluno e para o mercado; sua produção é onerosa.	<p><i>“[...] Estão casados, o áudio com o impresso. É um recurso que os alunos usam muito.”</i></p> <p><i>“Temos todo um trabalho de marketing e de pesquisa que vem trabalhando com a gente essa visibilidade dos cursos”</i></p> <p><i>“É uma parte onerosa, sem dúvida nenhuma. [...] A nossa produção é cara. Se eu comprasse o material sairia mais barato, mas não sai do nosso jeito.”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Após avaliar as informações constantes no Quadro 2, que retrata as manifestações verbais do Gestor Responsável da IES 2, é possível observar:

- **Implantação da EaD na IES:** Para o entrevistado, o processo de implantação da EaD na IES foi realizado com muito cuidado, sem pressa e de forma planejada, visando à qualidade. Para a montagem da equipe multidisciplinar, o senso de trabalho em equipe em toda

a estrutura organizacional da IES é o ponto central, visando à soma de saberes para garantir a qualidade dos processos.

- **Qualidade da EaD:** O Gestor Responsável da IES 2 enxerga que a qualidade em EaD está em garanti-la em todos os processos: no ensino do professor, no material didático próprio com característica dialógica, na avaliação, no atendimento ao aluno e demais serviços de secretaria, no projeto pedagógico e no acompanhamento. A equipe gestora conhece os Referenciais de Qualidade para Ensino Superior a Distância, utiliza as suas diretrizes e o enxerga como muito importante, porém acredita que por ser do ano de 2007, necessita de uma revisão e ampliação das recomendações, considerando a realidade de IES maiores. Segundo o entrevistado, para se manter a qualidade é preciso acompanhar a realidade, e como o documento foi escrito em 2007, não está mais de acordo com o cenário atual.

- **Produção dos MDAs:** A IES possui diversos tipos de materiais didáticos de produção própria e se preocupa em fornecer infraestrutura de polo – principalmente de Internet – para atender os diversos perfis socioeconômicos dos alunos. A IES demonstra preocupação com o lado social da Educação a Distância, que visa a democratização da educação, já que prioriza localidades afastadas do país para instalar seus polos. A IES oferece o Guia Geral do Curso, pois considera que o primeiro passo é o aluno aprender a ser um aluno de EaD. A IES investe muito, financeiramente, em estrutura para a produção dos MDAs, sempre adquirindo novidades em equipamentos e entendendo que a qualidade técnica deste material é fundamental para garantir a qualidade pedagógica em EaD. Apesar de ter uma produção onerosa, a IES enxerga que o MDA é muito importante para o aluno do EaD, assim como o Material Impresso, além de considerar que este investimento é indispensável, pois um material comprado – que é mais barato – não atenderia as necessidades da instituição e de seus alunos.

Quadro 3 – Entrevista Docente Conteudista da IES 1

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
	Atuação na EaD e no Presencial. Processo de Adaptação.	EaD e Presencial. Adaptação sem dificuldades.	<i>“Sim, sou docente no presencial. Sou pós-graduada em Tecnologias Aplicadas à Educação, de maneira que não enfrentei grandes dificuldades para atuar na EaD.”</i>
	Diferenças das funções do Docente Conteudista e Tutoria.	Conteudista necessita de conhecimento; Tutor habilidade de interlocução.	<i>“Do ponto de vista do conteudista, requer bastante conhecimento sobre o público e domínio de estratégias de ensino, bem como capacidade de traduzir em linguagem mais acessível o conteúdo a ser apresentado. Além disto, o professor deve ter uma visão global</i>

Trabalho Docente na EaD			<p><i>do que trabalhará e recursos que utilizará para que as diversas ferramentas e texto ‘conversem’ entre si, considerando o conceito de hipertexto.”</i></p> <p><i>“Como tutor, precisará ter a habilidade de interlocução, incentivo, sensibilidade para perceber diferenças nos processos individuais, além de conhecer, ou estar bem instruído, sobre o conteúdo sob sua supervisão.”</i></p>
	Interação do Docente com os alunos e <i>Feedback</i>	Interação constante.	<p><i>“[...] o professor conteudista exerce também o papel de tutor. Os alunos reportam todo o tempo dificuldades que apresentam, dificuldades no sistema, questionamentos sobre notas, inclusive tecendo elogios, quando julgam pertinente”</i></p>
Qualidade da EaD	Entendimento de qualidade em EaD pelo Docente.	Conhecer o perfil do aluno do EaD.	<p><i>“Qualidade é, em primeiro lugar, reconhecer que o perfil de alunos de EaD, sob alguns aspectos, é completamente diferente do aluno presencial.”</i></p>
	Conhecimento e Percepção do Docente dos RQESaD.	Conhece; Necessidade de aprofundamento, principalmente nos processos de avaliação.	<p><i>“Sim, conheço. Embora o documento apresenta uma visão abrangente, um tema que poderia ser mais aprofundado diz respeito ao processo de avaliação dos alunos.”</i></p>
	Avaliação dos Sistemas de Comunicação utilizados pela IES.	Necessidade de plataformas menos engessadas.	<p><i>“Ainda carecemos de plataformas menos engessadas e que permitam, de fato, criar um contexto favorável à aprendizagem, e que possam também ser livremente adaptáveis, principalmente tendo coerência com os princípios que norteiam a internet. A maior dificuldade são sistemas de backoffice, pois não são sistemas que se relacionam.”</i></p>
Produção dos MDAs	Tipo de Participação do Docente na produção dos MDAs da IES.	Das disciplinas que ministra.	<p><i>“Das disciplinas que ministro. Atualmente sou coordenadora de curso também, o que me permite ter uma visão ampla dos materiais.”</i></p>
	Participação do Docente na produção dos MDAs.	Participação ativa do Docente na produção; Material é satisfatório.	<p><i>“O professor tem participação ativa na sugestão de imagens, elaboração de roteiros de gravação e compete a ele a aprovação final de todos os materiais produzidos.”</i></p> <p><i>“Como depende de minha aprovação, as coisas saem como planejado.”</i></p>
	Percepção do Docente quanto aos MDAs.	Rico de conteúdo.	<p><i>“É um material rico do ponto de vista de conteúdo e bem trabalhado no aspecto visual.”</i></p>
	Importância do MDA no processo ensino-aprendizagem.	O MDA é fundamental.	<p><i>“É fundamental a existência de várias mídias para apoio ao processo de ensino. No meu entendimento, as coisas se complementam mas, o aparato audiovisual torna o processo</i></p>

			<i>mais lúdico e compreensível. Apenas fazer uso de conteúdo textual não é educação.”</i>
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

As informações do Quadro 3, que correspondem às manifestações verbais do Docente Conteudista da IES 1, direciona para:

- **Trabalho Docente na EaD:** O docente entrevistado atua nas duas modalidades de ensino e não enfrentou grandes dificuldades no processo de adaptação para o ensino a distância. O entrevistado expõe que, para ele, o conteudista necessita de conhecimento para exercer a sua função, além de habilidade para traduzir o conteúdo para uma linguagem acessível, utilizando as ferramentas de comunicação disponíveis, enquanto o tutor necessita de habilidade de interlocução, além de domínio do conteúdo que está sob sua supervisão, exercendo um papel motivador no processo de ensino-aprendizagem. Na IES 1, o docente conteudista também exerce o papel de tutor e, assim, possui uma interação constante com os alunos.

- **Qualidade da EaD:** Para o docente conteudista da IES 1, qualidade em EaD é conhecer o perfil do aluno EaD, que é diferente do perfil do aluno do ensino presencial. O docente entrevistado conhece o documento dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância e acredita que, apesar de apresentar uma visão abrangente, necessita de aprofundamento nas diretrizes referentes ao processo de avaliação.

- **Produção dos MDAs:** Na visão do docente conteudista entrevistado, os sistemas de comunicação utilizados por sua IES precisariam ser menos engessados para permitir uma flexibilização que proporcionasse um contexto favorável à aprendizagem. O docente relatou que participa ativamente da produção de todos os materiais didáticos das disciplinas que ministra. Especificamente na produção dos Materiais Didáticos Audiovisuais, participa sugerindo imagens, elaborando roteiros e aprovando as versões finais das videoaulas. Avalia que, devido a esta participação ativa, os Materiais Didáticos Audiovisuais são satisfatórios, apresentando riqueza de conteúdo e sendo atrativos visualmente. Por fim, avalia que é fundamental a diversificação das mídias utilizadas para elaboração e distribuição dos materiais didáticos em EaD, mas também coloca sobre a importância do Material Audiovisual, que, na sua visão, torna o processo de ensino-aprendizagem mais lúdico e, portanto, mais compreensível. Finaliza apontando que somente o conteúdo textual não é educação.

Quadro 4 – Entrevista Docente Conteudista da IES 2

Categories	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Trabalho Docente na EaD	Atuação na EaD e no Presencial. Processo de Adaptação.	EaD e Presencial. Adaptação gradativa com apoio da IES.	<p>“Eu trabalho faz 12 anos no ensino presencial e no EaD eu trabalho há mais ou menos 4 anos.”</p> <p>“Eu tive um período para me adaptar. Quando eu entrei, eu fui contratada e, a partir da contratação, eu passei a participar de algumas aulas ao vivo aos poucos [...]. E foi tudo aqui. Não recorri a nenhuma capacitação externa.”</p>
	Diferenças das funções do Docente Conteudista e Tutoria.	Tutor dividido em online e mediadores, se relacionam mais com o aluno; Conteudista elabora a disciplina; Papéis diferentes.	<p>“Tem os tutores presenciais que ficam nos polos, os tutores online que é o pessoal que faz o recebimento de provas e temos os tutores mediadores que são os tutores que se relacionam mais com o aluno mesmo. Os online e os moderadores ficam todos aqui na sede.”</p> <p>“[...] papel do conteudista, formular a disciplina e ministrar as aulas ao vivo.”</p> <p>“São papéis bem diferenciados”</p>
	Interação do Docente com os alunos e Feedback.	Função Docente dividida em duas: conteudista e formador. O formador possui interação.	<p>“Aqui temos duas divisões: o professor conteudista e o professor formador. O conteudista prepara o livro e as aulas conceituais que são baseadas no livro. Já o professor formador é a pessoa que vai preparar, em cima do material que ele já tem, as aulas ao vivo. Às vezes acontece de o professor conteudista ser também o professor formador, às vezes não. Quem tem o momento de interação com o aluno é o professor formador.”</p> <p>“O professor formador consegue ter o feedback com os alunos por meio das enquetes em aula, os comentários que os alunos deixam do chat, então temos diversos mecanismos que conseguimos ter o retorno. Além disso, tem a própria CPA³⁷, que avalia cada disciplina.”</p>
Qualidade da EaD	Entendimento de qualidade em EaD pelo Docente.	Interação com o aluno.	<p>“Eu acho que é a interação. Eu tenho a interação com o aluno, se você consegue chegar ao aluno você está executando uma ação de qualidade. É claro que o material é muito importante, a formação, todo o conteúdo da aula que você vai passar, mas muitas vezes você tem uma excelente aula mas não conseguiu atingir o aluno.”</p>
	Conhecimento e Percepção do Docente dos RQESaD.	Em partes.	<p>“Acredito que eu conheça em partes, pois nestas capacitações temos as orientações, o que deve ser feito, o que não deve, neste sentido. De alguma forma nós recebemos a informação.”</p>

³⁷ Comissão Própria de Avaliação

Produção dos MDAs	Avaliação dos Sistemas de Comunicação utilizados pela IES.	Variados.	<i>“São bem variados e cada aluno se adapta de uma forma aos canais. Temos o SAE que é o Sistema de Atendimento ao Estudante. Temos contato telefônico mesmo. Tem alunos que gostam desta interação mais próxima, pelo telefone. O telefone para ele é importante, então atendemos desta forma.”</i>
	Tipo de Participação do Docente na produção dos Materiais Didáticos da IES	Aulas ao vivo; materiais extras; estudos de caso; mural de avisos; “sala do café” – espaço de discussão.	<i>“[...] participo do planejamento e elaboração das aulas ao vivo, dos materiais extras, dos estudos de caso, do mural de avisos em que os moderadores colocam o professor, a sala do café, que é um espaço de discussão em que, às vezes, o professor indica uma reportagem. Como professor formador eu não participo do planejamento e elaboração do livro da disciplina [...].”</i>
	Participação do Docente na produção dos MDAs.	Participa da produção das videoaulas com apoio de outros profissionais; Material é satisfatório, se o aluno tem dúvidas, ajustes são realizados.	<i>“[...] participa da elaboração de um roteiro da aula. Quando os vídeos das aulas são muito específicos, o professor tem o apoio de um profissional de audiovisual para elaborar este roteiro. No caso da aula ao vivo, o professor faz um roteiro da aula, faz os slides e esses slides são enviados para a produção de materiais. Lá [...], eles são revisados [...]. Se não tem problema nenhum neste material, ele é enviado para o estúdio. Assim, o professor utiliza deste material durante a aula ao vivo. Então, o roteiro da aula ao vivo explica toda a parte estrutural e auxilia o pessoal do estúdio a se preparar para aquela aula, com vídeos, com sites, pois o professor pode abrir sites ou não durante a aula. A parte do conteúdo da aula, o professor tem um roteiro que são os slides que ele montou. Assim, ele segue aquela formulação que ele mesmo planejou.”</i> <i>“Acredito que sim. [...] Temos professores mediadores no chat. Então, de repente, o aluno não entendeu algum ponto e o professor mediador já tira a dúvida. [...] Se percebemos que os alunos não compreenderam o conteúdo, fazemos ajustes nas outras aulas. [...] Você trabalha uma aula e observa a reação dos alunos naquela aula, durante a semana é possível fazer alguns ajustes.”</i>
	Percepção do Docente quanto ao MDAs.	Muito bom, mas pode melhorar.	<i>“Acho que podemos melhorar. Mas temos um material muito bom. Pelo próprio processo que o material passa, são processos bem detalhados e críticos. [...] Eu acredito que não foge em nada do que um professor, em âmbito presencial, poderia oferecer.”</i>
	Importância do MDA no processo ensino-aprendizagem.	Mesma importância para todos os tipos de materiais didáticos.	<i>“Dou a mesma importância aos materiais. Em um vídeo bem produzido, é possível suprir o que o aluno leria no impresso. São estilos diferentes, cada pessoa tem uma facilidade maior com um estilo. Mas eu acredito que todos os estilos podem passar o conteúdo de uma forma satisfatória.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 4 demonstra as informações organizadas advindas das manifestações verbais colhidas na entrevista com o Docente Conteudista da IES 2, na qual foi possível verificar:

- **Trabalho Docente na EaD:** O entrevistado relatou que atua como docente na modalidade a distância e na modalidade presencial e que seu processo de adaptação com a EaD ocorreu de forma gradativa com o apoio da IES. Na referida IES, há várias subdivisões das funções docentes. Os tutores se dividem em presenciais, que exercem sua função dos polos, além do tutor online e do moderador, que exercem suas funções na sede e se relacionam mais com os alunos, pois utilizam a Internet em seu trabalho, atuando com maior alcance. O conteudista formula a disciplina, prepara o livro didático e ministra as aulas conceituais. O formador ministra as aulas ao vivo, portanto, possui interação com o aluno. Às vezes, acontece de o professor conteudista ser o mesmo que exerce a atividade de formador. Segundo o entrevistado, são papéis bastante diferenciados.

- **Qualidade da EaD:** Segundo o docente entrevistado, seu entendimento de qualidade em EaD passa pela interação com o aluno. Se o aluno for atingido, a ação foi executada com qualidade. O entrevistado relatou que conhece os Referenciais de Qualidade para Ensino Superior a Distância em partes. O conhecimento referente ao conteúdo de suas diretrizes é adquirido por meio de capacitações e orientações que a IES oferece.

- **Produção dos MDAs:** Os docentes da IES 2 participam da produção dos MDAs com o apoio de outros profissionais. Estão presentes na elaboração de roteiros – juntamente com o roteirista – e elaboração de slides para as aulas ao vivo, por exemplo, que são revisados por profissionais capacitados e utilizados como guia do docente e dos profissionais de audiovisual para a realização da gravação. Os MDAs são considerados muito bons e podem ser ajustados conforme a necessidade observada através do *feedback* dos alunos no *chat*. O entrevistado alega que mesmo sendo considerados muito bons, não fugindo do que um professor em âmbito presencial oferece, os MDAs ainda podem melhorar. O entrevistado atribui a mesma importância para todos os tipos de materiais didáticos. Alega que cada aluno tem mais facilidade com um tipo, pois possuem estilos diferentes, que atendem necessidades diferentes. Segundo o docente entrevistado, todos os estilos podem passar o conteúdo de forma satisfatória.

Quadro 5 – Entrevista Produtor Técnico da IES 1

Categories	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Equipe Técnica	Capacitação e Perfil	Composta por profissionais de produção, de audiovisual e de tecnologia.	<p>“A nossa IES conta com 10 funcionários na equipe do planejamento da produção dos materiais didáticos audiovisuais no NEaD, porém a produção, de fato, ocorre no setor de audiovisual.”</p> <p>“Todo o processo para gravação das videoaulas é de responsabilidade do setor de audiovisual [...]. Este setor realiza a gravação e encaminha um link de acesso do produto final ao NEaD. Para a transmissão das videoaulas, o NEaD conta com um técnico na equipe, mas também com o apoio de um outro setor de tecnologia da IES. Estes setores de apoio ao NEaD são compostos por estúdios e diversos equipamentos de gravação para a realização destas produções, inclusive foi campo de pesquisas na época da implantação da TV Digital.”</p>
Qualidade da EaD	Conhecimento dos RQESaD pela equipe de produção técnica e utilização das suas diretrizes.	Os designers conhecem. Demais membros da equipe sabem suas diretrizes por meio da prática.	“Os designers da equipe conhecem. Os demais funcionários técnicos não conhecem o documento em si, mas sabem de suas diretrizes pela prática do trabalho e o que é exigido deles. Toda a produção dos materiais didáticos audiovisuais é realizada seguindo as exigências do documento.”
	Percepção de qualidade dos MDAs.	Representa a imagem da IES.	“É um material que representa a imagem na IES. Há um cuidado visual, com conteúdo, de revisão dos textos e identidade visual agradável, pois o NEaD não quer que o aluno assista o vídeo e não tenha motivação. A preocupação é de atrair o aluno com o material e já recebemos feedbacks positivos quanto a isso.”
	Disponibilização	Sob demanda e por transmissão ao vivo.	“São disponibilizados das duas formas. Os links de acesso são fechados no Moodle apenas para os alunos.”
Produção dos MDAs	Percepção sobre o MDA produzido pela IES.	Visualmente agradável; curta duração.	<p>“O material é visualmente agradável [...].”</p> <p>“As videoaulas não são longas, possuem 15 minutos de duração, pois é o tempo que o NEaD considera ideal para que o aluno preste atenção sem se dispersar, considerando a realidade e perfil do jovem atual. Ou seja, há uma preocupação com o visual do material e com a motivação do aluno em assisti-lo.”</p>
	Percepção sobre o Processo de Produção.	Equipe reduzida; Dificuldade com professores o que gera retrabalho.	“Não há muitas pessoas envolvidas neste processo. O maior problema encontrado pela IES é que a maioria dos professores não estão adaptados à esta realidade, o que gera muito retrabalho. A maioria dos professores não está acostumada a elaborar o material. A maior dificuldade é o professor entender o conceito do EaD, que é necessário um texto dialógico.”

	Realização de Pré-testagem.	Acontece informalmente. Os designers e o coordenador do curso avaliam o material.	<i>“A pré-testagem acontece informalmente. Os designers validam a identidade do material. A validação do conteúdo é realizada pelo coordenador do curso ao longo da produção. Há um calendário de validações para o coordenador cumprir. Porém, acontece de alguns pequenos erros passarem e serem percebidos somente pelos alunos.”</i>
	Percepção referente à Infraestrutura para Produção.	Muito boa; Superior a outras do mercado.	<i>“A nossa infraestrutura é muito boa e superior a muitas outras no mercado. Isso acontece porque produzimos nossos próprios materiais, contando com estúdios, câmeras e profissionais que produzem para o canal de TV da IES. São profissionais da área capacitados, não temos amadores. No trabalho do planejamento dos vídeos pela equipe multidisciplinar do NEaD também temos infraestrutura adequada, contando com os recursos necessários para a produção de todos os materiais.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Passando para os Produtores Técnicos, o Quadro 5 apresenta trechos das manifestações verbais do entrevistado da referida função da IES 1. As principais informações colhidas são apresentadas a seguir:

- **Equipe Técnica:** A equipe técnica da IES 1, segundo o entrevistado, é composta por profissionais de produção, de audiovisual e de tecnologia. A equipe técnica do NEaD se apoia em profissionais de outros setores da IES para a execução do seu trabalho.

- **Qualidade da EaD:** Segundo o Produtor Técnico entrevistado, somente os designers conhecem os Referenciais de Qualidade para Ensino Superior a Distância. Os demais membros da equipe conhecem suas diretrizes na prática, a partir do que é exigido deles. Toda a equipe técnica utiliza as diretrizes do documento na realização do seu trabalho. Para o entrevistado, os MDAs produzidos pela IES possuem qualidade e representam a imagem da IES, de grande reconhecimento no mercado. Os referidos materiais possuem cuidado visual e de conteúdo em sua elaboração, além da revisão de texto, trazendo motivação para o aluno da EaD.

- **Produção dos MDAs:** O entrevistado avalia os MDAs produzidos pela IES como agradáveis visualmente e motivadores devido a sua característica de curta duração – 15 minutos – que são disponibilizados sob demanda e com transmissões ao vivo. Sobre o processo de produção, foi relatado que a equipe envolvida é reduzida e que enfrentam problemas com a maioria dos professores, que não estão acostumados com o vídeo e com o conceito do EaD, apresentando dificuldade de trabalhar com uma linguagem mais dialógica, o que resulta em muito retrabalho da equipe de produção. Os MDAs produzidos pela IES são pré-testados informalmente. Os designers e o coordenador do curso os avaliam e os aprovam ou não. Alguns

equívocos são percebidos apenas pelos alunos. Na visão do Produtor Técnico entrevistado, a infraestrutura disponibilizada para a produção é muito boa e superior a outras do mercado.

Quadro 6 – Entrevista Produtor Técnico da IES 2

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Equipe Técnica	Capacitação e Perfil	Equipe boa, mas dispersa inicialmente. Atualmente melhorou após a assimilação do conceito do EaD; tem formação em outra área.	<p><i>“Quando eu cheguei aqui, eu vi uma equipe boa, mas dispersa em relação aos conhecimentos do EaD.”</i></p> <p><i>“[...] precisa ter todos eles [a equipe] com conceitos de educação a distância muito claros. O cinegrafista precisa ter muito claro como ele deve enquadrar o professor para que esta imagem seja bem assistida pelo aluno. [...] o editor também tem que estar muito integrado nisso. Eu cheguei à conclusão de que tem mais um ator muito importante nesta equipe que é o designer educacional. Ele passa a ter uma posição importantíssima, pois ele é uma ponte direta entre o professor e o aluno. Vai fazer com que esta codificação, o conhecimento do professor venha para o aluno de uma forma bem mais eficiente. Coisa que, muitas vezes tecnicamente, o editor pode não ter, o designer vai ter, pois ele teve o contato com o professor.”</i></p>
Qualidade da EaD	Conhecimento dos RQESaD pela equipe de produção técnica e utilização das suas diretrizes.	A direção conhece. São elaborados manuais de produção para a equipe técnica, assim diretrizes são passadas.	<i>“[...] existe sim o conhecimento por parte da direção. O pessoal da equipe de produção de materiais [impressos] elabora manuais de como a produção de vídeos deve fazer e seguimos estes materiais. Estes manuais foram aprovados pela diretoria para passar para os departamentos pertinentes. A mensagem está sendo transmitida por meio destes manuais que foram elaborados baseados nos Referenciais.”</i>
	Percepção de qualidade dos MDAs.	Conteúdo com qualidade técnica.	<i>“Eu acho que é uma união de conteúdo com qualidade técnica. O conteúdo que o professor está disponibilizando para o aluno tem que ter uma capacidade de informação, aliado a uma formação didático-pedagógica que o aluno possa receber aquilo da melhor maneira possível. E ele oferecendo isso, eu tenho que transmitir ao aluno da forma mais fiel possível, esse conteúdo e a forma de como o professor está expondo não pode se perder neste processo. Tem que estar, no mínimo, igual. E a nossa intenção é que melhore.”</i>
	Disponibilização	Sob demanda e por transmissão ao vivo.	<i>“Das suas maneiras. O pessoal assiste um pouco menos o ao vivo. Os horários da transmissão são a noite, mas temos a vantagem do aluno assistir como quiser no horário que quiser. Temos estes números. Recebemos diariamente os relatórios de transmissão. As videoaulas ficam disponíveis o curso inteiro para o aluno. As disciplinas já cursadas continuam disponíveis ao aluno. O aluno pode revisar o conteúdo, algo que não temos no ensino presencial.”</i>

Produção dos MDAs	Percepção sobre o MDA produzido pela IES.	Muito bom, acima da média.	<p><i>“Modéstia à parte, eu acho um dos melhores que eu já vi. Nós pesquisamos muito tudo isso e temos uma qualidade em todos os sentidos. Vai desde o equipamento que vai gerar esta aula até o produto final, de conceito, de conteúdo e de didática. Eu acho que é de uma qualidade, muito acima da média.”</i></p> <p><i>“Fazemos o máximo possível. [...] Quanto mais maluca for a ideia melhor, desde que nos mandem recursos. Que nos deem a possibilidade de mostrar para o aluno algo diferente. Eu sei que o aluno vai vibrar do outro lado.”</i></p>
	Percepção sobre o Processo de Produção.	Processos estão em constante atualização. Quantidade de produção e equipe grandes.	<p><i>“Os processos estão sempre sendo atualizados. Mas o que temos hoje é resultado do que há um bom tempo vem sendo estudado e vem sendo apresentado. Temos uma equipe muito grande. Temos uma produção muito grande.”</i></p>
	Realização de Pré-testagem.	O Designer Educacional realiza uma avaliação das aulas gravadas. Equipe experiente e boa estrutura possibilitam baixo índice de erros e retrabalho.	<p><i>“A maioria dos vídeos que produzimos, passa pelo DE [Designer Educacional] que faz a avaliação. Os cursos ao vivo não tem jeito. Mas sempre levando em consideração que já temos os professores experientes, equipes experientes, toda uma estrutura que possibilita que isso vá para o aluno com o melhor índice de problemas possível. [...] Dento do processo, hoje, eliminamos muito o retrabalho.”</i></p>
	Percepção referente à Infraestrutura para Produção.	Muito boa; Muito investimento por parte da IES.	<p><i>“Temos o que tem de melhor aqui dentro. Estivemos em uma feira em São Paulo agora no meio do ano [2016] pra tentar ver o que tinha de melhor pra trazer pra cá. [...] Se você observar a estrutura de EaD que temos hoje, nós somos maior que a Record de Bauru.”</i></p> <p><i>“Eu cheguei aqui em agosto, em novembro já começou a montar o estúdio para o ano seguinte. E o diretor me pediu pra fazer uma lista do que eu precisava pra montar o estúdio. Eu vim de uma instituição que não gostava tanto de investir assim. Eu fiz uma lista do que eu achava que dava pra trabalhar. Quando eu entreguei o diretor falou: ‘Tá bom, não precisa de mais nada?’. Compraram tudo o que eu pedi. Você percebe que a Instituição está a fim de investir. Aqui não temos este problema. [...] É muito bom trabalhar assim. Em investimento tecnológico, o que nós pedimos, a diretoria compra. Não alugamos equipamentos. Só alugamos drone³⁸ para testar e depois compramos.”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Após análise das informações do Quadro 6, que apresenta manifestações verbais do entrevistado Produtor Técnico da IES 2, é possível observar:

³⁸ Drone é uma câmera instalada em um veículo aéreo não tripulado e controlado remotamente. É utilizado para captar imagens aéreas.

- **Equipe Técnica:** Segundo o entrevistado, inicialmente, a equipe técnica da IES 2 era considerada boa, mas dispersa e sem assimilação necessária dos conceitos da EaD, indispensáveis para o desenvolvimento desta modalidade de ensino. É necessário um trabalho em equipe e o Designer Educacional auxilia muito neste processo.

- **Qualidade da EaD:** O Produtor Técnico entrevistado relata que a equipe técnica conhece as diretrizes dos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância a partir dos manuais de produção que a direção – que conhece o documento – pede para elaborar e que tem como objetivo apontar os caminhos para este tipo de produção com qualidade. Sobre os MDAs, o entrevistado avalia que há qualidade técnica aliada à qualidade de conteúdo. Segundo ele, é necessário que o conteúdo de qualidade elaborado pelo professor seja passado com qualidade para o aluno por meio dos referidos materiais. A qualidade não pode se perder no meio do processo e a intenção é que os produtos finais sempre sejam melhorados.

- **Produção dos MDAs:** Os MDAs da IES 2, segundo o Produtor Técnico, são disponibilizados sob demanda – durante todo o curso para o aluno – e ao vivo. A modalidade EaD possibilita que o conteúdo seja sempre disponibilizado para o aluno para que ele possa revisá-lo, algo que não acontece no ensino presencial. Segundo o entrevistado, o MDA é muito bom e acima da média. O seu processo de produção está em constante atualização e conta com equipes numerosas, com volume grande de produção. O Designer Educacional da Instituição avalia os materiais e afirma que não há muito retrabalho, já que a equipe é experiente, o que resulta em um baixo índice de erros. A IES 2 conta com uma excelente infraestrutura – na visão do entrevistado –, fruto de muito investimento por parte da IES, que não economiza na montagem e atualização de equipamentos, o que redundava na qualidade pretendida do material.

5.3 Descrição dos Materiais Didáticos Audiovisuais

Nesta seção, as amostras de cada uma das IES visitadas referentes aos MDAs coletados são descritas com o objetivo enriquecer a reflexão, cruzando com os relatos colhidos nas entrevistas.

5.3.1 Material Didático Audiovisual IES 1

O material coletado na primeira IES visitada não corresponde a uma videoaula em si, mas sim a um material institucional que demonstra o *making-of*³⁹ de produção dos MDAs. No momento da solicitação de participação da IES na pesquisa, foi descrito que a necessidade era

³⁹ Refere-se a um documentário dos bastidores de uma gravação, registrando seu processo de produção.

uma amostra do Material Didático, porém no momento da visita foi alegado que esses materiais não estavam finalizados, já que a IES está em fase de início das atividades do EaD. Assim, foi disponibilizado um outro material audiovisual. A partir dele é possível compreender algumas características da videoaula e sua produção.

O material possui 8 minutos e 12 segundos⁴⁰ de duração e exemplifica algumas videoaulas e algumas particularidades do processo de produção destes materiais na IES. Inicia com a exemplificação de uma videoaula de um módulo nomeado de Gestão Empresarial, com o tema de Comportamento Organizacional. Há uma vinheta da IES seguida da aparição de uma professora do curso dando boas-vindas aos alunos. Há a apresentação da professora por meio de um GC⁴¹. Durante o vídeo, os enquadramentos variam entre planos mais fechados, como o chamado “*close-up* ou *close*”, e planos medianos, como o chamado “*medium shot*”. A professora inicia sua fala expondo o tema trabalhado e os objetivos da aula. Possui o apoio de um monitor instalado ao seu lado no estúdio, que aparece somente no enquadramento de plano médio. A professora se posiciona em pé, utiliza um microfone de cabeça e segura um controle remoto que muda os slides expostos no monitor. É possível perceber que a professora hesita em sua fala, porém, de forma geral, transmite o conteúdo sem maiores dificuldades. A primeira ação da professora relacionada ao conteúdo da aula é a exibição de um vídeo que ilustra o tema trabalhado.

Após a exibição, a professora retorna à tela, questionando se os alunos gostaram do vídeo. Isso demonstra a utilização de uma linguagem mais proximal com o aluno. No enquadramento de plano médio em que o monitor de apoio da professora aparece na tela, é possível notar que o conteúdo exibido são *slides* com texto e imagens ilustrativas. Muito semelhante ao que é utilizado atualmente por professores do ensino presencial. A exibição dos *slides* varia entre o enquadramento do plano médio, em que a professora também aparece, e plano exclusivo para o conteúdo presente no *slide*, ou seja, o seu conteúdo é colocado de forma completa na tela. Em sequência, é apresentado um *podcast*⁴² em que um locutor de voz masculina explica a sua finalidade, que é de fornecer conteúdos extras que apoiam o tema central da aula.

⁴⁰ Na entrevista com o Produtor Técnico foi informado que os Materiais Didáticos Audiovisuais possuem 15 minutos de duração. Portanto, a duração de 8 minutos e 12 segundos corresponde apenas ao material audiovisual disponibilizado pela IES para esta pesquisa.

⁴¹ Significa Gerador de Caracteres. Recurso de videografismo utilizado em materiais audiovisuais para escrever palavras na tela com a finalidade de ilustrar melhor o conteúdo apresentado em vídeo.

⁴² *Podcast* é uma mídia de transmissão de informações. Assemelha-se a um programa de rádio, porém com a diferença e vantagem de ter o conteúdo sob demanda.

Em seguida, inicia-se mais uma exemplificação de videoaula, desta vez referente ao módulo Ambientação, com o tema de Hábitos de Estudo. Uma professora – diferentemente da primeira exemplificação – aparece na tela juntamente com o CG que a identifica para os receptores do vídeo. Ela começa explanando sobre o tema trabalhado, aparecendo em plano médio, porém sem a presença do monitor da exemplificação anterior. Esta professora também utiliza um microfone de cabeça e expõe o conteúdo com boa desenvoltura verbal.

Na sequência, o vídeo apresenta um *making-of* de “teste de teleaula” de uma outra professora. Nesta parte, são mostrados os profissionais que participam da produção e da infraestrutura, como as ilhas de edição, maquiagem, estúdio, cenários, iluminação e câmeras. Após esta apresentação, é exibido o teste da professora, que aparece, inicialmente, em plano fechado e usando um microfone de cabeça. Ela cumprimenta os alunos, se apresenta – juntamente com a exibição do GC –, apresenta o tema que será trabalhado – Desenvolvimento Pessoal –, explica os objetivos da aula e, em seguida, em plano médio, o monitor de apoio aparece com a exibição de um *slide* com o conteúdo da aula. A professora, com o auxílio do controle remoto, muda os *slides* que são apresentados em plano de forma exclusiva na tela do vídeo. Novamente, o conteúdo é composto por texto e imagens ilustrativas. Enquanto a professora explica, são perceptíveis algumas hesitações em sua fala, porém, de uma forma geral, o conteúdo é transmitido sem maiores dificuldades. Sobre esta hesitação, é importante lembrar que o vídeo demonstra um teste de teleaula e não a videoaula finalizada, mas percebe-se que existe dificuldade dos professores em trabalhar com a linguagem audiovisual, mesmo que seja apenas na primeira vez em que realiza o teste de aula.

É possível perceber, no plano médio, que a professora está sentada em um banco alto de madeira e alterna sua postura entre se encostar neste banco e permanecer em pé. Quando a professora comenta que preparou um exercício sobre o conteúdo exposto, é possível perceber que é utilizada uma linguagem proximal com o aluno, muito semelhante do que ocorre no ensino presencial. Em seguida, ainda sobre esse teste de teleaula, aparece no vídeo uma tutora de um polo enviando um pergunta dos alunos para a professora sobre o tema que está sendo trabalhado. A professora reaparece no vídeo, em plano fechado, respondendo o questionamento do estúdio para, em seguida, se despedir. O vídeo é finalizado com a vinheta da IES.

5.3.2 Material Didático Audiovisual IES 2

A segunda IES disponibilizou 11 (onze) MDAs de dois cursos diferentes. Foi selecionado 1 (um) deles para descrição e análise. A seleção foi aleatória.

A videoaula selecionada possui duração de 36 minutos e 51 segundos e inicia com uma vinheta exclusiva do curso ao qual se refere, no caso, Educação Física. Após a vinheta, é identificado o tema trabalhado: Corridas. O professor aparece em plano médio cumprimentando alunos e identificando a aula, sendo a Unidade 2 da disciplina Fundamentos do Atletismo que é nomeada de Fundamento das Corridas, Saída de Blocos e Revezamento. O professor também apresenta os objetivos da aula e o plano de estudo. Estas informações, além de faladas pelo professor, aparecem em forma de caracteres na tela, ao lado do professor. Não é utilizado nenhum tipo de monitor para isso; o texto aparece na tela com recursos de videografismo. Ao mesmo tempo que isso ocorre, o professor é identificado no GC.

O professor expõe o conteúdo com excelente explanação oral. O conteúdo também aparece em forma de caracteres na tela, conforme descrito anteriormente. Em determinado momento, ele explana sobre a pista da prática do atletismo e é utilizada uma imagem em forma de desenho na tela inteira para ilustrar a fala. Posteriormente, mais uma imagem é utilizada, porém nesta há animação representando, em forma de desenho, um atleta correndo. Após a exibição da imagem animada, é mostrado, em imagem real, um atleta correndo em pista de atletismo. O atleta está com roupa adequada à prática esportiva – com o logo da IES. Percebe-se, então, que a sequência é fruto de uma gravação externa e de produção própria da IES. Nesta sequência, é utilizada uma trilha sonora instrumental de fundo.

Em seguida, o professor retorna ao vídeo continuando a explicação do conteúdo e a sequência do atleta correndo em pista de atletismo é utilizada novamente. O professor retorna à tela, continuando a explicar o conteúdo da aula com o apoio dos caracteres do que é considerado mais importante de sua fala. Novamente é apresentada uma sequência de um atleta correndo em uma pista de atletismo, porém nesta há a utilização da câmera lenta, ou *slow-motion* como também é conhecida esta forma de gravação. A tecnologia permite a visualização de detalhes do movimento feito pelo atleta. A cena se repete em seguida com o plano fechado, nas pernas do atleta, visando uma demonstração mais detalhada do movimento realizado. Na sequência, o professor retorna ao vídeo para explicar, do estúdio, o conteúdo com auxílio de textos na tela. Novamente é utilizada imagem demonstrativa, seguida de vídeo de um atleta realizando o movimento, o qual é explicado pelo docente, com aparição alternada várias vezes com a sua imagem no estúdio. O GC com a apresentação do professor retorna algumas vezes no vídeo. Mais uma vez é utilizada uma imagem representativa.

Em seguida, aparecem três atletas no vídeo – todos devidamente uniformizados e com logo da IES – representando o movimento detalhado pelo professor no estúdio. A voz do professor sobrepõe a imagem dos atletas para melhor explicação do movimento. Para dar

continuidade à explicação são utilizadas, novamente, imagem desenhada e sequência dos atletas na pista de corrida. Neste momento, também aparece o professor do estúdio, em gravação externa, atuando como um treinador dos atletas. Esta alternância de sequências de imagem do professor no estúdio, imagem desenhada representativa e atletas demonstrando o movimento em pista de corrida acontece durante a maior parte do vídeo. A câmera lenta também é frequentemente utilizada. Na sequência dos atletas correndo na pista, os planos variam entre médio e fechado. As figuras desenhadas também aparecem no plano médio juntamente com o professor na tela. Em duas das sequências dos atletas, é utilizado recurso de videografismo com setas indicativas e círculos para ilustrar a fala do professor. Próximo aos 13 minutos de vídeo, é utilizado pela primeira vez o modo tela cheia com o texto do conteúdo explicitado pelo professor. Muitas imagens ilustrativas são apresentadas nesta aula, e o professor, em sua fala, as enumera como ocorre em um material impresso. Ao todo, são utilizadas 33 imagens ilustrativas.

O vídeo é finalizado com proposta de exercícios para assimilação do conteúdo, considerações finais realizadas pelo professor e uma pequena introdução da próxima unidade que será tratada na videoaula sucessora no curso. Por fim, são expostos os créditos do vídeo em meia tela, listando os profissionais que participaram do processo de produção. Na outra metade da tela, é exibida uma sequência de atletas praticando movimentos do atletismo. O vídeo é finalizado com o logo da IES.

5.4 Inferências e Considerações sobre a Pesquisa Empírica

Considerando as entrevistas e a descrição dos MDAs colhidos como amostras nas Instituições, o texto desta seção é apresentado conforme as relações entre as categorias da Análise de Conteúdo foram sendo estabelecidas, observando o processo de uma forma mais ampla e com a finalidade de analisar a qualidade envolvida no processo de produção dos MDAs a partir da visão das equipes multidisciplinares entrevistadas.

Pra identificar alguns relatos de forma literal dos profissionais, foram utilizadas as seguintes siglas:

- GR IES 1 - Gestor Responsável da Instituição de Ensino Superior 1
- GR IES 2 - Gestor Responsável da Instituição de Ensino Superior 2
- DC IES 1 – Docente Conteudista da Instituição de Ensino Superior 1
- DC IES 2 – Docente Conteudista da Instituição de Ensino Superior 2
- PT IES 1 – Produtor Técnico da Instituição de Ensino Superior 1

- PT IES 2 – Produtos Técnico da Instituição de Ensino Superior 2

Assim, apresentam-se listadas as inferências organizadas a partir de um agrupamento de categorias utilizadas para identificação do conteúdo em cada quadro:

1) O trabalho de gestão na EaD e o processo de implantação da modalidade nas IES.

O trabalho de gestão de EaD envolve o acompanhamento das regulamentações da modalidade junto ao MEC e o cumprimento de suas diretrizes. Portanto, a visão levantada a partir das entrevistas realizadas nas IES visitadas é de que o MEC é bastante exigente e burocrático, por isso é um processo que deve ser cuidadosamente planejado. Isso pode ser verificado nos trechos a seguir:

GR IES 1 - “O credenciamento da IES [...] foi demorado [...]. Todo este processo é desgastante [...].”

GR IES 2 – “Este processo foi cuidadoso, levando a EaD muito a sério [...].”

No novo Marco Regulatório da EaD que entrou em vigência em 2016, na visão do Ministro da Educação, há um direcionamento para tornar este processo de implantação um pouco mais simples, já que as IES puderam, a partir desta nova regulação, requerer os credenciamentos do ensino presencial e a distância no mesmo momento. Porém, a ABED alertou que mesmo com a reforma regulatória implementada, ainda havia muito o que ser revisado neste processo visando a desburocratização. A Associação, por exemplo, sugeriu que as IES pudessem se credenciar para o ensino somente na modalidade a distância, assim as Instituições que objetivam se especializar nesta modalidade de ensino poderiam focar seus esforços e investimentos nesta direção. No Decreto nº 9.057, publicado em 2017, esta possibilidade tornou-se real, apresentando uma forma de colocar a modalidade a distância de forma igualitária à tradicional modalidade presencial. A desburocratização dos processos do MEC pode, portanto, ser uma forma de garantir a qualidade nos planejamentos e gestão das IES que visam trabalhar com a modalidade a distância.

Ainda sobre o trabalho de gestão da EaD, foi possível observar que os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância apontam que no processo de Gestão Acadêmico-Administrativa da EaD é necessário que a própria IES explicita seu referencial de qualidade no seu processo de gestão (BRASIL, 2007), deixando, de certa forma, o entendimento de que cada

instituição de ensino pode aferir a qualidade como bem entender, o que demonstra uma abertura para a subjetividade na implantação e mensuração da qualidade.

2) O trabalho docente em EaD e a interação com o aluno.

Referente ao trabalho docente em EaD foi possível perceber, na pesquisa empírica, que as IES trabalham com diferentes formatos. Há instituições que trabalham apenas com as figuras do Docente Conteudista e Tutor e outras que criam novas funções derivadas, de forma a subdividir as tarefas docentes. Foi possível perceber que o estabelecimento de novas funções derivadas de Conteudista e Tutor está relacionado com o porte das atividades em EaD da IES.

Na modalidade a distância, a “presença” do professor é um ponto de fundamental importância. A distância geográfica entre docente e aluno não pode ser percebida como uma distância pedagógica. O que se observa é que em EaD o docente está, muitas vezes, mais presente do que o docente do ensino presencial pois, para minimizar a distância geográfica são utilizados diversos recursos de comunicação para estabelecer a interação.

Foi observado também que é realidade o fato de muitos Docentes Conteudistas também exercerem o papel de Tutores, criando uma maior proximidade com o aluno nos momentos de tutoria. O papel de Docente Conteudista apresenta menor interação com o aluno, porém dependendo da estrutura trabalhada no NEaD da IES, o conteudista ministra aulas ao vivo – que também são disponibilizadas de forma gravada posteriormente – e respondem questionamento dos alunos de forma síncrona, com auxílio do Tutor ou não. Assim, a interação do Docente Conteudista com os alunos dependerá muito da forma de trabalho escolhida pela IES. Nos trechos retirados das entrevistas apresentados a seguir é possível verificar os diferentes formatos de trabalho.

DC IES 1 - “O professor conteudista também exerce o papel de tutor. Os alunos reportam todo o tempo dificuldades que apresentam [...].”

DC IES 2 – “Tem os tutores presenciais [...] os online [...] e os mediadores que são os que mais se relacionam com o aluno mesmo. [...] papel do conteudista, formular a disciplina e ministrar aulas ao vivo. [...] São papéis bem diferenciados.”

A interação com o aluno ocorre de diversas formas, dependendo dos recursos escolhidos por cada IES. Nas duas IES visitadas foi verificado que os MDAs são um recurso importante para estabelecer a interação com o aluno, sendo assim, o docente tem papel ativo em sua elaboração. A partir das amostras de MDAs colhidas, foi possível observar a participação do

docente neste recurso educacional. Ao todo, nos dois vídeos, 4 (quatro) docentes participaram das gravações. De uma forma geral, os que aparecem nos vídeos apresentaram uma boa explanação oral do conteúdo. Algumas pequenas hesitações foram observadas em dois deles, mas nada que comprometesse a transmissão da informação, mas reiterando a dificuldade que alguns professores enfrentam na adaptação à linguagem audiovisual, tão necessária em EaD. Dois docentes desempenharam de forma muito tranquila o seu papel de “apresentador” do conteúdo pedagógico.

É perceptível, então, que o processo de adaptação de um docente para a modalidade a distância passa, também, pelo conhecimento e prática da linguagem audiovisual. Os próprios docentes entrevistados reconhecem a necessidade de trabalhar com uma linguagem dialógica e os produtores técnicos também colocam sobre as dificuldades que vivenciam neste processo de adaptação do docente para o EaD, mas que quando os conceitos são bem assimilados, os resultados são positivos.

DC IES 1 - “[Na produção dos MDAs] O professor tem participação ativa na sugestão de imagens, elaboração de roteiros de gravação e compete a ele a aprovação final de todos os materiais produzidos.”

DC IES 2 - “[...] participo do planejamento das aulas ao vivo. [O docente] participa da elaboração de um roteiro da aula. Quando os vídeos das aulas são muito específicos, o professor tem o apoio de um profissional de audiovisual para elaborar este roteiro [...]”

PT IES 1 - “O maior problema encontrado pela IES é que a maioria dos professores não estão adaptados à esta realidade, o que gera muito retrabalho [...]. A maior dificuldade é o professor entender o conceito de EaD, que é necessário um texto dialógico.”

PT IES 2 - “já temos os professores experientes [...]. Dentro do processo, hoje, eliminamos muito o retrabalho.”

É fato, então, que as IES devem investir em capacitação em EaD para a sua equipe docente seja o ponto-chave de interação no processo de ensino-aprendizagem que pode contribuir para percepção de qualidade pelos alunos.

3) Trabalho da equipe técnica em EaD.

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância informam que, em EaD, há uma diversidade de modelos de equipes multidisciplinares (BRASIL, 2007). Em geral, as equipes dos NEaDs são compostas por profissionais de produção (roteiristas e designers

educacionais, por exemplo), de audiovisual (cinegrafistas e editores, por exemplo) e de tecnologia (profissionais de tecnologia da informação, por exemplo).

A partir dos resultados colhidos nas entrevistas foi possível observar que para a realização de um bom trabalho, considerando a produção dos MDAs, é necessário que a equipe técnica não entenda apenas sobre sua especialidade – roteirização, captação de imagens, edição, por exemplo –, mas também tenha conhecimento dos conceitos da EaD, pois como é apontado nos Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância, “a modalidade [...] possui características, linguagem e formato próprios” (BRASIL, 2007, p.7) que, portanto, devem ser assimilados por toda a equipe. Nas entrevistas, esta necessidade foi enfatizada por um dos produtores técnicos.

PT IES 2 - “Quando eu cheguei aqui, eu vi uma equipe boa, mas dispersa em relação aos conhecimentos do EaD. [...] precisa ter todos eles com conceitos de educação a distância muito claros. O cinegrafista precisa ter muito claro como ele deve enquadrar o professor para que esta imagem seja bem assistida pelo aluno. [...] o editor também tem que estar muito integrado nisso [...]”.

É preciso que os profissionais entendam como o processo ensino-aprendizagem se estabelece para que a produção do material didático seja eficaz e contribua com o aprendizado do aluno.

O Designer Educacional foi apontado como um profissional de extrema importância para realizar a ponte entre o conteúdo e o produto audiovisual.

PT IES 2 - “[...] Eu cheguei à conclusão de que tem mais um ator muito importante nesta equipe que é o designer educacional. Ele passa a ter uma posição importantíssima, pois ele é uma ponte direta entre o professor e o aluno. Vai fazer com que esta codificação, o conhecimento do professor venha para o aluno de uma forma bem mais eficiente. Coisa que, muitas vezes tecnicamente, o editor pode não ter, o designer vai ter, pois ele teve o contato com o professor.”

Nos MDAs colhidos como amostra nas IES visitadas, foi possível observar que a equipe técnica trabalha ativamente em sua elaboração. Muitos elementos demonstram este fato, como os diferentes enquadramentos, utilização de monitor, cenário personalizado, elementos de videografismo como vinheta, GC e demais recursos gráficos que sobrepõem as imagens

transmitidas. Em um dos vídeos, foi observada a inclusão de gravações em ambientes externos que auxiliam na transmissão do conteúdo para o aluno. Foi notada, inclusive, a utilização de drone e contratação de atletas para a captação das imagens. Com certeza, este tipo de gravação demandou uma ativa participação da equipe técnica nas filmagens.

4) Qualidade em EaD.

A percepção de qualidade em EaD é um ponto-chave para os objetivos deste trabalho. Foram colhidas opiniões dos três profissionais entrevistados em cada uma das IES e algumas manifestações devem ser destacadas, como a informação de que a qualidade em EaD passa por todos os processos e deve ocorrer da mesma forma que no ensino presencial.

***GR IES 1** – “A nossa IES [...] entende que a qualidade em EaD deve ser a mesma da educação presencial [...].”*

Deve-se considerar qualidade em EaD quando a IES oferece um conteúdo de qualidade, tenha professor que consiga transmitir este conteúdo com qualidade, que a interação com o aluno ocorra de forma satisfatória e que o atinja, ou seja, com qualidade, que o material didático seja de qualidade – e elaborado pela própria IES –, que os processos avaliativos sejam planejados e executados com qualidade, que o projeto pedagógico tenha qualidade e que o acompanhamento do processo de aprendizagem do aluno também seja estabelecido com qualidade. Ainda foi mencionado que o atendimento e demais serviços de secretaria denotam a qualidade em EaD, contribuindo para a construção desta percepção positiva por parte do aluno.

***GR IES 2** - “Todo o nosso material é produzido interno, não temos material produzido fora, não compramos conteúdo [...]. A qualidade [...] perpassa pelo professor, pela qualidade do material e pela qualidade da avaliação. [...] Então, qualidade para nós perpassa em todos os processos: no atendimento, na entrega rápida de documentos, nas pessoas, no projeto pedagógico do curso e no acompanhamento.”*

***DC IES 2** - “Eu acho que [a qualidade] é a interação. Eu tenho a interação com o aluno, se você consegue chegar ao aluno, você está executando uma ação de qualidade.”*

Ou seja, a qualidade em Educação a Distância só é fato quando é percebida pelos alunos em todos os pontos de contato que ele possui com a instituição. De acordo com a pesquisa, outro ponto de fundamental importância que expressa a qualidade é conhecer o perfil do aluno

do EaD; esta é uma necessidade de todos os profissionais envolvidos no processo. O docente, por exemplo, precisa compreendê-lo para adequar a linguagem utilizada e, assim, estar mais próximo dos seus alunos.

***DC IES 1** - “Qualidade é, em primeiro lugar, reconhecer que o perfil de alunos de EaD, sob alguns aspectos, é completamente diferente do aluno do presencial.”*

Para o Produtor Técnico, conhecer o perfil do aluno é, de fato, assimilar o conceito do EaD e, assim, proporcionar materiais didáticos não só com qualidade técnica, mas também com qualidade pedagógica. A qualidade também é percebida a partir dos MDAs. Um material com aspecto visual agradável, interativo, motivador e com conteúdo adequado pode levar a imagem de qualidade da IES para o aluno. Deve ser uma qualidade técnica aliada à pedagógica. Para tanto, os profissionais responsáveis por sua elaboração devem trabalhar de forma planejada almejando ter um produto audiovisual com as referidas características. Os produtores técnicos entrevistados sinalizaram estas questões.

***PT IES 1** - “Há um cuidado [...], pois o NEaD não quer que o aluno assista o vídeo e não tenha motivação. A preocupação é de atrair o aluno com o material [...].”*

***PT IES 2** - “Eu acho que é uma união de conteúdo com qualidade técnica [...].”*

O documento intitulado Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância elaborado pelo Ministério da Educação em 2007 é de conhecimento dos profissionais que compõem as equipes gestoras das IES e visto como muito positivo e importante. Docentes e produtores técnicos, assim como demais profissionais envolvidos na EaD, conhecem suas diretrizes por meio de capacitações e manuais que são disponibilizados pelas IES. Por meio da coleta de dados, foi possível observar a necessidade urgente de uma revisão do documento de forma a se adequar à realidade atual da sociedade.

***GR IES 1** - “Conheço o documento.”*

***GR IES 2** - “Os Referenciais de qualidade são de 2007, mas ainda tem muita coisa importante lá. Claro que precisa revisá-lo, renová-lo, remodelá-lo [...].”*

***DC IES 1** - “Sim, conheço. [...] poderia ser mais aprofundado no que diz respeito ao processo de avaliação dos alunos.”*

DC IES 2 - “Acredito que eu conheça em partes, pois nestas capacitações temos as orientações, o que deve ser feito, o que não deve, neste sentido. De alguma forma nós recebemos a informação.”

PT IES 1 - “Os designers da equipe conhecem. Os demais [...] não conhecem o documento em si, mas sabem de suas diretrizes pela prática do trabalho e o que é exigido deles.”

PT IES 2 - “[...] existe sim o conhecimento por parte da direção. O pessoal da equipe de produção de materiais [impressos] elabora manuais de como a produção de vídeos deve fazer e seguimos estes materiais.”

Observando os MDAs colhidos nas IES, é possível afirmar, a princípio, que eles são de qualidade. Em um deles, como o MDA não estava finalizado, não foi possível uma avaliação mais profunda. O material recebido da outra IES demonstrou uma excelente qualidade técnica audiovisual e pedagógica, pois foram utilizados vários recursos para facilitar a aprendizagem do aluno e tornar o conteúdo atrativo. Além disso, o conteúdo foi apresentado de forma extremamente compreensível com a linguagem dialógica necessária. É possível perceber que se trata de um produto audiovisual de qualidade técnica e pedagógica que motiva o aluno, sendo mais interessante do que algumas aulas do ensino presencial que não possuem essas características motivadoras.

5) Produção do MDA.

Foi possível observar que as IES trabalham com diversos tipos de MDAs, inclusive com o Guia Geral do Curso, não sendo colhida uma visão única da importância dos materiais. Alguns entrevistados atribuíram a mesma importância a todos os materiais e outros consideram o Audiovisual, juntamente com o Impresso, como os mais importantes.

GR IES 1 - “A presença do professor, mesmo que pela videoaula, é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem do aluno [...]”

GR IES 2 - “[...] Estão casados, o áudio com o impresso. É um recurso que os alunos usam muito.”

DC IES 1 - “É fundamental a existência de várias mídias [...] as coisas se complementam mas, o aparato audiovisual torna o processo mais lúdico e compreensível [...]”

DC IES 2 - “Dou a mesma importância aos materiais. [...] São estilos diferentes, cada pessoa tem uma facilidade maior com um estilo. Mas eu acredito que todos os estilos podem passar o conteúdo de uma forma satisfatória.”

Ainda sobre o Guia Geral do Curso, as IES o oferecem como uma forma de ambientar o aluno do EaD e fazê-lo compreender como é ser um aluno do EaD, já que o documento deve orientar “quanto aos direitos, deveres e normas de estudo a serem adotadas”, além de “informações gerais sobre o curso”, que “informe de maneira, clara e precisa, que materiais serão colocados à disposição do estudante [...]”, “as formas de interação com professores, tutores e colegas” e “apresente o sistema de acompanhamento, avaliação e todas as orientações [...]” (BRASIL, 2007, p.14), segundo os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.

Há, por parte das IES, uma preocupação em oferecer mídias e sistemas de comunicação adequados aos variados perfis socioeconômicos dos alunos. Esta postura está de acordo com o que é relatado nos Referenciais de Qualidade para Ensino Superior a Distância, ou seja, que as IES devem buscar “integrar as diferentes mídias, explorando a convergência e integração entre materiais [...]” (BRASIL, 2007, p.14) e deve-se trabalhar com um “[...] conjunto de mídias compatível com a proposta e com o contexto socioeconômico do público-alvo” (BRASIL, 2007, p.13).

Os docentes participam ativamente do processo de produção dos MDAs, juntamente com equipes de apoio para auxiliá-los em suas funções. Os referidos materiais são disponibilizados para os alunos sob demanda e ao vivo. As aulas transmitidas ao vivo, inclusive, são disponibilizadas posteriormente para o aluno assistir quando preferir, possibilidade inexistente no ensino presencial; uma vantagem na visão das equipes multidisciplinares da modalidade.

No entendimento das IES, o MDA deve ser de curta duração para manter a atenção dos alunos. Porém, diversificando os recursos presentes neste material, é possível estender sua duração. Foram observadas realidades diferentes nas IES, uma com equipe reduzida e uma com uma grande equipe de apoio para a elaboração dos materiais. Em uma das IES visitadas, o produtor técnico ressaltou que a equipe consegue diversificar os formatos dos MDAs e possuem apoio da direção para estas iniciativas.

PT IES 2 - “[...] quanto mais maluca for a ideia melhor, desde que nos mandem recursos. Que nos deem a possibilidade de mostrar para o aluno algo diferente. Eu sei que o aluno vai vibrar do outro lado.”

Também foi perceptível a diferença relacionada à infraestrutura. Enquanto uma utiliza outros espaços já existentes da IES – como canal de TV Educativa –, outra possui uma estrutura grande e exclusiva da EaD. Não é possível concluir que esta diferença relacionada ao tamanho de equipe e à infraestrutura resulte em materiais de qualidade diferentes, principalmente pelo motivo de que em uma das IES não foi fornecida a videoaula finalizada, apenas um vídeo institucional do NEaD com *making of* das produções. O que foi possível observar é uma diferença em termos de retrabalho e índice de erros. A IES que possui uma equipe maior alegou que com o passar dos anos conseguiu diminuir muito o índice de erros e que foi um trabalho árduo chegar a este resultado. O que é possível concluir neste ponto é que são necessários uma exaustiva dedicação e tempo para conseguir a assimilação dos conceitos de EaD por toda a equipe, o que contribui para a produção de um material de maior qualidade.

O investimento em infraestrutura foi apontado como fundamental para a produção de MDAs de qualidade técnica e, conseqüentemente, pedagógica. É possível inferir que “essas qualidades” estão diretamente relacionadas. O atingimento de uma qualidade pedagógica em MDAs em EaD é facilitada com uma qualidade técnica de produção. E com uma infraestrutura adequada, a equipe técnica está mais próxima de conseguir um produto audiovisual de qualidade. Esta constatação pode estar relacionada com a necessidade de as IES apresentarem um material visualmente interessante, lúdico e motivador, capaz de ter seus conceitos compreendidos por parte do aluno e ser utilizado como índice de sua qualidade pedagógica.

Ambas IES consideram a qualidade de seus MDAs acima da média e reconhecem que seus processos estão em constante atualização, visando a qualidade.

DC IES 1 - “É um material rico do ponto de vista de conteúdo e bem trabalhado no aspecto visual.”

DC IES 2 - “Acho que podemos melhorar. Mas temos um material muito bom [...].”

PT IES 1 - “O material é visualmente agradável [...].”

PT IES 2 - “Modéstia à parte, eu acho um dos melhores que eu já vi. [...] Eu acho que é de uma qualidade muito acima da média.”

Os materiais são avaliados pelo Designer Educacional, apontado, mais de uma vez, como um profissional de extrema importância na EaD, sendo a interface entre a produção técnica e as atividades pedagógicas. Esta avaliação pode ser considerada a pré-testagem exigida nos Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância, segundo os quais o objetivo desta etapa é “[...] identificar necessidades de ajustes, visando seu aperfeiçoamento” (BRASIL, 2007, p.13).

A produção dos MDAs é onerosa, porém necessária, pois garante a “presença” do professor no processo ensino-aprendizagem que é realizado a distância. Esta “presença” precisa ser percebida pelos alunos e pelo mercado, segundo os relatos colhidos nas entrevistas.

A partir da análise da amostra do MDA de uma IES, foi possível observar que houve uma preocupação em realizar uma produção rica em detalhes. Foram utilizados diversos recursos, além do professor explanando sobre o conteúdo, como figuras estáticas e animadas, gravação externa com equipe de apoio – no caso atletas que executaram os movimentos explicados pelo professor –, câmeras que captam imagens amplas e diferenciadas, como o drone, recursos de edição como o *slow motion* para captar detalhes e, por fim, recursos de videografismo para auxiliar a explicação do professor.

Estes recursos de produção inferem a qualidade técnica do material, que de acordo com a relação já estabelecida nesta análise, acaba se relacionando com a qualidade pedagógica. Esta afirmação não é generalizável. Na referida IES, foi perceptível esta relação, mas isso não quer dizer que qualquer material de qualidade técnica possui, necessariamente, qualidade pedagógica. Como já mencionado, não foi possível analisar o outro material de forma detalhada, já que não se trata de uma videoaula finalizada e, sim, de um *making of* de produção.

Referente ao tipo de material, segundo os ensinamentos de Carneiro (2003), os vídeos descritos das IES enquadram-se em “Audiovisual Didático ou Vídeo Didático”, pois são produtos educativos que combinam linguagem de TV com computação gráfica, fazendo uso de palavras escritas na tela, imagens estáticas e animadas, além da utilização de desenhos, diagramas e demonstração.

5.5 Análise dos Resultados

As três fases de pesquisa desta tese – bibliográfica, documental e empírica – direcionaram para algumas reflexões importantes em torno da questão norteadora, além de visar o atingimento dos objetivos propostos. A seguir, são expostas tais reflexões referentes aos pontos centrais desta análise.

A EaD está em crescente ascensão, conforme anunciado pelo Censo EaD.Br (2016) da ABED. A Folha de São Paulo aponta, inclusive, que o setor cresceu mesmo com a crise econômica (CUNHA, 2016). Assim, para a contínua expansão da EaD, almejada pelos defensores desta modalidade, é preciso considerar seus aspectos regulatórios, que são burocráticos. Desta forma, é observada a necessidade de uma desburocratização dos processos de implantação da EaD nas IES brasileiras, que deve ser realizada de forma cuidadosa para não comprometer a qualidade do ensino.

É fato que o crescimento da oferta de cursos a distância nos últimos anos nem sempre ocorreu com a qualidade almejada, sendo observadas muitas experiências de insucesso. O Terra Educação (2013) publicou que foram registradas em portais de reclamação de consumidores queixas de alunos da EaD sobre a qualidade dos cursos e atendimento por parte das IES. Foram citados atrasos no recebimento de apostilas impressas, divulgação de notas de provas e expedição de diplomas, além de demora no retorno de coordenadores e falta de soluções dos problemas. Segundo a Associação Brasileira dos Estudantes de Educação a Distância (ABE-EAD), o foco dos problemas está no atendimento e há necessidade de maior intervenção por parte do Ministério da Educação. A imensa expansão de forma desordenada de algumas IES corroborou para uma visão negativa da EaD, portanto, a desburocratização do processo sugerida não significa uma facilitação da implantação da modalidade de forma a favorecer esta situação. A iniciativa da Reforma Regulatória do Ministério da Educação, em 2016, não foi suficiente para isso. Alguns pontos importantes foram desconsiderados, assim como apontou a ABED, a partir da visão das IES (LITTO, 2016). Assim, é preciso encontrar um equilíbrio entre regulação da modalidade, desburocratização e qualidade.

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância e suas diretrizes são um ponto-chave desta análise. É um documento sem caráter de lei, porém utilizado pelas IES como um guia norteador, principalmente por parte dos gestores, para a implantação da EaD. É um documento extremamente interessante, mas que atualmente perdeu parte de sua validade por necessitar urgentemente de uma atualização. As estruturas dos NEaDs cresceram, os profissionais se especializaram e, portanto, o documento seria mais válido e cumpriria mais seu papel de orientar os gestores para que a oferta de cursos a distância venha atrelada ao empenho por maior qualidade, conforme descreve Versutti (2008), se fosse revisto considerando o cenário atual. Ou seja, o documento, hoje, é apenas uma garantia jurídico-institucional que não cumpre o seu papel, pois não há garantia de que a qualidade nele descrita (que é uma visão desatualizada de qualidade) seja efetiva.

A ABED, por meio de seu presidente, também sinalizou esta necessidade em sua Carta

Aberta ao Ministro da Educação Aloízio Mercadante em 2016, demonstrando a importância do documento para a área educacional (LITTO, 2016). O documento, elaborado em 1998 por Carmen Moreira de Castro Neves, diretora de Política de Educação a Distância da SEED na época, e que foi três vezes atualizado, foi abandonado após a extinção da SEED, em 2011. Inclusive, Mota (2012) apontou que a extinção da SEED, realizada pelo governo sem que fosse dada nenhuma explicação sobre o fato, burocratizou esta modalidade de ensino. Assim, é urgente que o poder público volte seus olhares novamente para esta carência e proponha sua atualização. Em 2016, o Governo Federal perdeu a oportunidade de fazê-lo quando instituiu o novo Marco Regulatório da EaD e, novamente em 2017, quando publicou o Decreto nº 9.057. Neste contexto, a reativação da SEED, inclusive, poderia ser considerada para a continuidade deste trabalho tão importante para a democratização do ensino com a qualidade pretendida por todos os membros da sociedade.

Os resultados deste estudo também apontam que a qualidade da EaD deve ser a mesma da presencial. Porém, como é diferente e com necessidades diferentes, a EaD requer extrema dedicação em seu planejamento e estruturação, conforme descrito nos Referenciais de Qualidade em Educação a Distância (BRASIL, 2007). A ABED, por meio do documento Recomendações da ABED para o Marco Regulatório da EaD, propôs medidas para a diminuição de diferenças entre as modalidades a partir dos seus processos burocráticos (ABED, 2016). A qualidade em EaD, então, vai além do processo de ensino-aprendizagem. Como foi observado em publicação no Terra Educação (2013), quando há um problema de gestão, como atraso no atendimento ao aluno em diversos serviços, inclusive de emissão de diplomas, a percepção de qualidade como um todo é comprometida. Assim, para minimizar a distância geográfica existente, é preciso que as IES estejam muito presentes no cotidiano do aluno e isso passa, além dos processos de ensino-aprendizagem, pelos processos de gestão e oferecimento de suporte.

Ainda sobre a ideia de qualidade em EaD, a interação entre os profissionais da IES e os alunos também é fundamental para a incorporação deste conceito. Esta interação ocorre em vários momentos em que o aluno tem com o curso e com a IES, e deve ser constante como uma forma de realizar o acompanhamento do processo ensino-aprendizagem e demais necessidades do aluno com a instituição.

Por parte da equipe docente, para o estabelecimento de uma interação mais efetiva, deve-se prezar pela utilização de uma linguagem dialógica e pela habilidade de interlocução dos profissionais. De acordo com Freitas, Miskulin e Piva Jr. (2009), a personalização do processo narrativo em EaD melhora significativamente a aprendizagem dos estudantes. Então,

para que esta interação ocorra de forma satisfatória em favor da qualidade em EaD, é necessário também um conhecimento sobre o perfil do aluno, assim como suas necessidades. Dessa forma, a qualidade em EaD passa pelo planejamento dos processos pedagógicos direcionados a um determinado público que precisa ser profundamente conhecido e analisado a partir da ótica dos gestores, produtores e docentes.

A produção de materiais também se destaca nesta reflexão referente à qualidade. Foi possível verificar que, em EaD, o oferecimento de materiais aos alunos é diferente do que ocorre no ensino superior presencial. Em EaD, o aluno recebe MDAs, que podem ser acessados em vários momentos, materiais didáticos impressos, objetos de aprendizagem disponíveis nos Ambientes Virtuais, entre muitos outros recursos. Enquanto isso, o aluno do curso superior presencial, na maioria das vezes, recebe textos e slides de aula elaborados pelo professor, além da indicação de livros para aprofundamento dos estudos. Ou seja, ocorre, muitas vezes, de na Educação a Distância o aluno receber maior diversidade de materiais do que no ensino presencial, elaborado de forma customizada e pela própria IES, o que pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

É possível apontar esta questão da disponibilização dos materiais como uma vantagem da modalidade a distância diante do ensino presencial, principalmente quando se trata dos MDAs, que são disponibilizados para que o aluno acesse no momento em que preferir, estudando de acordo com sua conveniência. Além de casos, como verificado em uma das IES visitadas na fase empírica da pesquisa, que permitem o acesso ao material pelo aluno durante todo o curso. Assim, um conteúdo visto na primeira semana de aula pode ser revisado até o último dia do curso.

Este processo, porém, deve funcionar de forma efetiva. De acordo com a publicação do Terra Educação (2013), que apontou reclamações dos alunos de EaD em portais de atendimento a consumidores como o Reclame Aqui, foram registradas queixas relacionadas aos Materiais Didáticos Audiovisuais disponibilizados ao vivo pelas IES em seus cursos a distância. Como medida corretiva, algumas IES começaram a oferecer somente videoaulas gravadas ao invés de transmiti-las ao vivo. Esta é uma forma válida, porém emergencial de lidar com a situação. É preciso identificar os problemas tecnológicos envolvidos na transmissão e corrigi-los, além de um planejamento a longo prazo e investimentos para sanar os problemas e oferecer mais aos alunos, acompanhando o avanço da tecnologia e seus recursos disponíveis.

Ainda sobre a discussão de qualidade em EaD, é preciso considerar alguns aspectos importantes referentes às equipes multidisciplinares. Por exemplo, as equipes devem ser heterogêneas para que haja uma soma de saberes em favor da qualidade do ensino-

aprendizagem. O EaD funciona somente com a diversificação de profissionais, já que é composto por diferentes demandas educacionais, técnicas e de gestão (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Algumas IES encontram dificuldades para compor suas equipes, pois a EaD, como acontece atualmente, ainda pode ser considerada uma realidade recente e, por causa disso, não há grande quantidade de profissionais experientes na área, com os conceitos de EaD assimilados. Assim, ao recrutar profissionais para suas equipes multidisciplinares, é necessário planejar uma capacitação adequada com olhos no entendimento da modalidade e no perfil do aluno antes que iniciem suas atividades. São necessários, portanto, profissionais técnicos e/ou de comunicação com aproximação na área educacional, mais especificamente, na EaD.

Refletindo especificamente sobre o grupo docente que compõe as equipes multidisciplinares, é possível que estes profissionais sejam os mesmos do ensino presencial. Na verdade, esta é uma realidade comum, pois as IES que ofertam cursos EaD, iniciaram com o ensino presencial, assim como grande parte dos docentes que trabalham na EaD também iniciou suas atividades no ensino presencial. O fato de recrutar os mesmos docentes não garante qualidade ao ensino, pois as modalidades possuem suas particularidades. Portanto, o docente do ensino presencial precisa ser preparado para atuar na EaD para que sua qualidade reconhecida no ensino presencial seja a mesma no ensino a distância.

Moore e Kearsley (2007) refletem sobre o processo de implantação da EaD nas IES, classificando-o como uma mudança institucional, e portanto de realização complexa. Os autores apontam três problemas significativos quando se pretende introduzir a modalidade a distância:

1. Uma cultura acadêmica que considera o ensino como a atuação de uma pessoa em uma sala de aula; 2. Uma estrutura de formação de políticas dominada por colaboradores que estão satisfeitos com o sistema que lhes trouxe poder; 3. Um sistema administrativo em que os recursos tecnológicos e humanos estão fragmentados em uma estrutura formada por diversas camadas de professores e departamentos, cada um dos quais protegendo seus próprios interesses. (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 225).

Assim, os autores concluem que não existe uma estratégia simples de mudança a ser seguida, mas sugerem que é preciso, inicialmente, identificar profissionais na IES com uma postura inovadora e, posteriormente, realizar um projeto de demonstração, de forma que experimentem a modalidade como alunos, como em uma capacitação em EaD, por exemplo, para que assimilem o conceito e prática da modalidade.

Refletindo sobre os MDAs em EaD e sua importância, é possível afirmar que este recurso é muito importante e sempre deve ser utilizado, combinado com outros para garantir a qualidade, afinal cada aluno se relaciona melhor com um tipo de material diferente. Esta afirmação está presente no documento Referenciais de Qualidade em Educação Superior a Distância, que relata sobre a importância da utilização de diversas mídias com o objetivo de explorar a convergência e integração entre os materiais (BRASIL, 2007).

É, portanto, inegável que a produção dos MDAs é onerosa e trabalhosa, porém fundamental para se manter a qualidade do ensino, pois é necessário investir em equipamentos e profissionais treinados e, portanto, capacitados (de técnica, de comunicação e de educação). A própria capacitação de quem atua ativamente na produção destes materiais é onerosa e trabalhosa, podendo, inclusive, ser um processo demorado.

Os MDAs podem ser considerados uma forma de diminuir distâncias em EaD. O produto audiovisual é um objeto de comunicação que permite trabalhar com o lúdico e temas de entretenimento sem perder a qualidade pedagógica necessária. Por isso, é uma ferramenta que deve ser sempre utilizada em cursos a distância. O audiovisual é uma linguagem atual que, devido ao avanço das tecnologias, se aproxima de grande parte do público do ensino a distância. Sendo assim, é um recurso a ser cada vez mais explorado na educação, principalmente nesta modalidade de ensino. Os MDAs são importantes para auxiliar na garantia de presença do professor ao aluno, passando segurança e sendo um índice de qualidade da EaD da IES, pois, conforme afirma Ribeiro (2008), a presença virtual é uma possibilidade a ser considerada em EaD, tanto por parte do professor quanto por parte do aluno.

Diante de todas as reflexões apontadas, é infundada a visão de que a EaD torna o aluno distante e, portanto, com um aprendizado menor e/ou pior. O aluno de EaD, muitas vezes, está mais assistido e acompanhado do que o aluno do ensino presencial. Isso se deve, entre outros motivos, às exigências do MEC que, mesmo ainda não sendo ideais, visam a qualidade. Apesar da necessidade de revisão e desburocratização, as exigências dos aspectos regulatórios em EaD podem ser positivas, pois obrigam as IES a prestar mais serviços de acompanhamento e com mais eficiência. A regulação da EaD deve ser exigente visando à qualidade das ofertas de cursos pelas IES sem, no entanto, tolher as suas possibilidades de expansão. Porém, é preciso que o MEC não apenas preze pela regulamentação, mas também pela fiscalização da atuação das IES em seus cursos a distância.

A grande reflexão levantada nesta pesquisa é sobre o que esta distância significa. Há um equívoco no entendimento de que ela acaba fortalecendo a histórica visão negativa que a EaD carrega. Nas relações humanas cotidianas, a virtualidade está cada vez mais presente e sendo

muito bem aceita pela sociedade. Assim, essa virtualidade transpõe-se para as diversas atividades produtivas, dentre elas a educação, que continua em busca constante de igual aceitação. É preciso compreender que “educação a distância está relacionada à mudança” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 20). Uma mudança de compreensão do significado de educação e de como ela deve ser organizada. Os autores dizem que esta mudança se assemelha com a Revolução de Copérnico⁴³ “[...] à medida que se torna mais visível que o aluno constitui o centro do universo e que o ensino deixou de direcionar o aprendizado; em vez disso, o ensino responde ao aprendizado e o apoia” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 22).

Resultado desta mudança é uma maior liberdade para o aluno, que precisa assumir maior responsabilidade em seu aprendizado, assim como prescreve a ideia de Educação Libertadora de Paulo Freire (CASTILHO, 2011). Também é resultado disso a mudança do papel do docente, que precisa aprender a lidar com as TIC para disponibilizar seu material didático e interagir com os alunos, ou seja, eles devem “aprender a ensinar de um modo um tanto diferente” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p.22). É necessário, portanto, uma mudança de mentalidade, apoiada na inovação, para ensinar e aprender em EaD.

⁴³ “Em 1543, Nicolau Copérnico afirmou que a Terra se move ao redor do Sol. Essa teoria despertou uma revolução no pensamento ocidental porque, pela primeira vez, tirou o homem do centro do universo” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 21)

6. CONCLUSÃO

A presente investigação se iniciou com um levantamento bibliográfico, por meio do qual foi possível assimilar importantes conceitos para o aporte teórico pretendido. Foram esclarecidos conceitos como Sociedade da Informação, Educação em tempos de TI e EaD – desde sua história às possibilidades de uso – Inovações Tecnológicas e suas utilizações para o ensino-aprendizagem. O levantamento documental permitiu compreender Leis, Decretos e demais aspectos regulatórios da EaD. A pesquisa empírica realizada em duas IES que ofertam cursos EaD elucidou questões importantes referentes, principalmente, à qualidade envolvida na produção dos MDAs, tão presentes e, portanto, tão fundamentais no processo de ensino-aprendizagem em EaD.

Os objetivos propostos foram atingidos. A discussão referente à qualidade em EaD, a partir da produção dos MDAs sob a ótica das equipes multidisciplinares dos NEADs, foi realizada e apresentada. As três etapas metodológicas realizadas foram elucidativas, contribuindo para a construção do aporte dedutivo da investigação. A fase empírica da pesquisa, especificamente, foi de grande contribuição para colher diferentes percepções sobre o assunto. Como em qualquer pesquisa, porém, é possível avançar e aprofundar as discussões a partir da implementação de novas etapas.

Assim, após a apresentação das reflexões nas últimas seções do capítulo anterior, foi possível compreender que as IES possuem visão bastante ampla – e não suficientemente definida – da qualidade em EaD. Foi compreendido que a qualidade da modalidade não passa apenas pelas questões de ensino-aprendizagem, mas também por várias questões de gestão e está totalmente apoiada no desenvolvimento e utilização da tecnologia. Para diminuir distâncias geográficas, é preciso oferecer ao aluno um sistema eficiente dotado de uma equipe de trabalho heterogênea e com diversas habilidades e conhecimentos. A EaD deve ser uma cultura educacional para as IES que decidem oferecê-la.

[...] a cultura educacional está diretamente relacionada com as tecnologias disponíveis, e o uso que se faz destas no campo educacional relaciona-se, portanto, às suas potencialidades pedagógicas. Nesse sentido, é importante compreender a composição do processo educacional em seus quatro elementos constitutivos, isto é: gestão (gestores), ensino (educadores), aprendizagem (estudantes) e mediação tecnopedagógica (tecnologias). (MILL, 2013, p.11)

Avaliando a EaD de uma forma completa, a partir da visão destes quatro elementos constitutivos propostos por Mill (2013), é possível inferir que a qualidade deve estar presente em todos eles.

De acordo com os relatos colhidos nas entrevistas, os MDAs são considerados recursos extremamente motivadores para o aluno e uma forma de criar visibilidade para a IES no mercado, podendo até mesmo ser considerados pelos alunos como um índice de qualidade da EaD da instituição. A utilização de MDAs em EaD exige um trabalho especializado em comunicação para garantir criatividade e produção de qualidade aos produtos audiovisuais, que, por consequência, exigem investimento financeiro em infraestrutura. Foi verificado que as IES têm preocupação em produzir um material de qualidade e buscam diferentes recursos para dotá-lo de qualidade técnica e pedagógica.

Referente a esta questão, foi possível concluir que a qualidade técnica auxilia na busca da qualidade pedagógica. Tal resultado não é generalizável a todas as IES que ofertam cursos a distância, porém foi observado este entendimento nas IES visitadas na fase empírica da pesquisa.

Assim, a pesquisadora conclui que a hipótese levantada se confirmou por um lado e não se confirmou por outro.

É verdadeiro que o parâmetro de qualidade não está ainda bem definido pelos profissionais envolvidos na EaD. Um dos motivos para isso é o fato de que o principal documento balizador da modalidade de ensino – os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância – atualmente não pode ser considerado em sua totalidade, já que está há uma década sem atualização, apresentando apontamentos em desacordo com a realidade. Falta clareza no documento e no entendimento dos profissionais sobre a qualidade necessária para que o processo de ensino-aprendizagem seja estabelecido de forma satisfatória em EaD. O documento é uma garantia jurídico-institucional e não uma garantia de qualidade efetiva.

Por outro lado, não é verdadeiro que a qualidade disposta pelas equipes multidisciplinares em relação à produção dos MDAs seja prioritariamente técnica, deixando em segundo plano a qualidade pedagógica. É sim verdade, de acordo com os relatos colhidos nas entrevistas, que há preocupação por parte das IES em oferecer qualidade pedagógica derivada do oferecimento da qualidade técnica das produções realizadas. O entendimento das equipes multidisciplinares é de que quanto maior a qualidade técnica do MDA, mais próximo se está da qualidade pedagógica almejada.

No entanto, é fato que ainda há um caminho a percorrer para a compreensão do parâmetro de qualidade necessário. Os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a

Distância, se atualizados, poderiam ser o grande balizador para essa questão, fazendo a discussão avançar por parte das IES, resultando em uma maior qualidade em todos os processos da EaD.

Foi possível concluir que, em EaD, o ponto-chave da qualidade é o aluno e a sua presencialidade, que pode ser realizada virtualmente. O virtual não pode ser considerado como o antônimo de real (LÉVY, 1996). O virtual é o potencial da realidade e, portanto, permite que o processo ensino-aprendizagem seja realizado à distância. A presencialidade ocorre de forma inerente à questão da proximidade física. “[...] a educação em tempos virtuais é mais complexa, mais viva e precisa ser pensada e feita de uma forma diferente e com uma cautela não necessária em tempos anteriores à virtualidade digital” (MILL, 2009, p. 49).

Porém, para este entendimento, é preciso ter uma visão inovadora de educação e compreender que a EaD é uma mudança de paradigmas já estabelecidos há séculos, na qual o ensino (atividade exercida exclusivamente pelo docente) deixa de ser o ponto central para o aprendizado, agora centrado no esforço e desempenho do aluno, que deve assumir responsabilidades perante seu próprio aprendizado (MOORE; KEARSLEY, 2007). Somente a partir da compreensão de que é necessário mudar a visão sobre a Educação e mudar como ela deve ser estabelecida será possível combater a imagem negativa em EaD.

Nesta pesquisa, especificamente, pode ser mencionada como fator de limitação identificado a dificuldade no aceite por parte de IES privadas brasileiras em colaborar com a pesquisa, figurando como objeto de estudo e fornecendo as entrevistas. Tal fato acaba sendo, de certa forma, contraditório se comparado com a missão de uma organização de caráter educacional que deve favorecer o progresso da pesquisa científica, já que muitas instituições de ensino superior, como universidades e centros universitários, se apoiam no tripé de pesquisa, ensino e extensão.

Assim, é notória a relevância de estudos desta natureza para oferecer ao setor educacional subsídios para reflexão e, posteriormente, adaptação em seus processos de gestão e ensino-aprendizagem. As iniciativas em educação a distância precisam ser estimuladas, porém, sem parâmetros claros de como oferecê-las com qualidade, o resultado são experiências frustrantes para os profissionais e alunos, corroborando com a visão negativa já existente. Somente com estudos desta natureza é possível apresentar a realidade da educação a distância, demonstrando o seu potencial e, ao mesmo tempo, colaborando para a oferta de educação superior de qualidade a distância.

Acredita-se, então, que a pesquisa realizada é relevante para a valorização da EaD e para auxiliar a delinear um novo parâmetro de qualidade da modalidade. A ABED revelou-se

importante órgão de fomento para estas discussões e, portanto, deve ter cada vez mais o seu trabalho reconhecido e incorporado pelo Governo Federal.

Assim, sugere-se para aprofundamento de futuras pesquisas desta natureza a utilização de uma amostra maior de investigação com o objetivo de tornar os resultados generalizáveis; realização de pesquisa quantitativa com amostra maior de IES a fim de levantar os mesmos questionamentos; um levantamento, também sobre as mesmas questões, com os alunos da EaD para cruzar as percepções de qualidade do “ensino” e da “aprendizagem”, e a aplicação de outros métodos, dentre os muitos disponíveis, para continuar a investigação acerca da qualidade em EaD. É importante destacar que o caminho a percorrer em EaD ainda está muito longe do fim e, portanto, novas pesquisas devem ser realizadas, ainda mais considerando as características tão mutáveis da sociedade atual, que é mediada pela tecnologia que não cessa em avançar. Diante disso, a cada ano que passa, novas descobertas podem ser realizadas promover novas reflexões acerca do assunto.

Apesar deste trabalho necessitar de um recorte para o seu desenvolvimento, como qualquer outra pesquisa científica, ele contribui para fomentar a expansão, a aplicação com qualidade e a consolidação da Educação a Distância no Brasil, minimizando o preconceito contra a modalidade e reconhecendo sua potencialidade para promover a democratização do ensino superior no país.

REFERÊNCIAS

ABED - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD Brasil 2014**. 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf>. Acesso em 30 jan. 2016.

_____. **Marco Regulatório da EaD 2016**. 09 de março de 2016. Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/noticias_ead/1368/2016/03/marco_regulatorio_da_ead_2016>. Acesso em 15 abr. 2017.

_____. **Recomendações da ABED para o Marco Regulatório da EaD**. 06 de março de 2016. Disponível em: <http://www.abed.org.br/arquivos/Anexo_II_Recomendacoes_ABED_Ministro_Educacao_2016.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

ABEGG, Ilse. **Produção Colaborativa e Diálogo-Problematizador Mediados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação Livres**. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, 2009.

ALVES, João Roberto Moreira. A Nova Regulamentação da EAD no Brasil. In: SILVA, Marco (Org). **Educação Online**. São Paulo: Loyola, 2006.

ALVES, Lucineia. **Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso em 22 ago. 2015.

ALVES, Lucineia. **Serviço de Apoio a Distância ao Professor em Sala de Aula pela TV Digital Interativa**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, 2004.

AMARAL, Sérgio Ferreira do, et al. Serviço de Apoio a Distância ao Professor em Sala de Aula pela TV Digital Interativa. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, 2004.

ANDRADE, Maria Nascimento, et al. **A Resistência do Professor Diante das Novas Tecnologias**. 2011. Disponível em: <<http://meuartigo.brasile scola.com/educacao/a-resistencia-professor-diante-das-novas-tecnologias.htm>>. Acesso em 01 jul. 2012.

AZEVEDO, Wilson. **Panorama Atual da Educação a Distância no Brasil**. 2000. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F46575%2Fmod_resource%2Fcontent%2F0%2FPanorama_atual_da_EAD_no_Brasil.pdf>. Acesso em 01 ago. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo: edição revista e ampliada**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Educação a Distância e o Universo do Trabalho**. Bauru – SP: EDUSC, 2003.

BECKER, Valdecir; MONTEZ, Carlos. **Televisão Digital Interativa: conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

BELDA, Francisco Rolfsen. **Um Modelo Estrutural de Conteúdos para Televisão Digital Interativa**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Edson Walmir Cazarini. Área de Concentração: Gestão do Conhecimento e Tecnologia de Informação. Departamento de Engenharia de Produção, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2009.

BELLO, S, F. et al. A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n.1, p. 53-66, jul./dez., 2012. ISSN 1678-765X.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância Mais Aprendizagem Aberta. In: BELLONI, Maria Luiza (Org). **A Formação na Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O Que é Mídia-Educação**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BIZELLI, José Luís; CARAM, Nirave. Educação: Novas tecnologias e democratização. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. 2011. Recife. **Anais do ... XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 01. p.01-15.

BIZELLI, José Luís. Acesso e apropriação tecnológica na sociedade digital. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom. 2015. Rio de Janeiro. **Anais do ... XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 01. p.01-12.

BIZELLI, José Luís. Cidades Radicais: educação, tecnologia e participação através da TV digital interativa. In: GOBBI, M. C.; KERBAUY, M. T. M. (Orgs.) **Televisão Digital: informação e conhecimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BIZELLI, José Luís. **Inovação: limites e possibilidades para aprender na era do conhecimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 17 set. 2013.

_____. **DECRETO N.º 4.901/03**. 26 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4901.htm>. Acesso em 02 ago. 2011.

_____. **DECRETO N.º 5.622/05**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em 17 set. 2013.

_____. **DECRETO N.º 5.773/06.** 9 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>. Acesso em 21 abr. 2014.

_____. **DECRETO N.º 6.303/07.** 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6303.htm>. Acesso em 21 abr. 2014.

_____. **DECRETO N.º 9.057/17.** 25 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9057.htm>. Acesso em 26 maio 2017.

_____. **LEI N.º 9.394/96.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 17 set. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Indicadores de Qualidade para Cursos de Graduação a Distância.** Maio de 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/PADR%C3%83%C2%A5ES%20DE%20QUALIDADE.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2014.

_____. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.** Agosto de 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/referenciaisqualidadeead.pdf>>. Acesso em 13 set. 2013.

CARAM, N. R.; BIZELLI, J. L. Apontamentos sobre o Ensino a Distância: história e legislação brasileira. In: **Anais do VIII Encontro Iberoamericano de Educação - EIDE**, Araraquara - SP, Brasil, 2013.

CARAM, N. R.; BIZELLI, J. L. **Ensinar com TIC na Era do Conhecimento:** a realidade brasileira. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia – MG, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1343-1.pdf>> Acesso em 01 out. 2015.

CARAM, N. R.; DUCI, J. R.; LODI, D. C. Pedagogia Comunicacional Interativa: Novas Perspectivas para a Educação Contemporânea. In: **Anais do XV Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação - CELACOM**, Araraquara, 2011.

CARNEIRO, V. L. Q. Televisão, Vídeo e Interatividade em Educação a Distância: aproximação com o receptor-aprendiz. In: FIORENTINI, L. M. R.; MORAES, R. A. (Orgs.). **Linguagens e Interatividade na Educação a Distância.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARNEIRO, M. L. F. et al. **Criação de Ambientes de Aprendizagem Colaborativa.** X SBIE, Curitiba, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTILHO, Ricardo. **Ensino a Distância – EAD: interatividade e método**. São Paulo: Atlas, 2011.
- CASTRO, Cosette. EAD e TV Digital: a co-autoria na aprendizagem. In: **TV Digital: Qualidade e Interatividade**. Brasília: Confez/CNI, 2007.
- CASTRO NEVES, Carmen Moreira de. Critérios de Qualidade para a Educação a Distância. In: **Tecnologia Educacional – ABT**: Rio de Janeiro – v. 26, no. 141, abr/jun, 1998.
- CASTRO NEVES, Carmen Moreira de. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. Abril de 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2014.
- CAETANOL, C. B. R. C; COSTA, M. L. F.; QUAGLIA, I. Políticas Públicas e Educação a Distância: estratégia para democratização do acesso ao ensino superior. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância – ESUD 2014**. Florianópolis – SC, 2014.
- CENSO EAD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil 2015**/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; [traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias. Interações Homem-Máquina e Virtualidade. In: CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias. (Org.) **Cibercultura e Virtualidade: desafios para o desenvolvimento humano**. Curitiba: Appris, 2014.
- CHIANTIA, Fabrizio Cezar. Parecer: qual o amparo legal para a Educação a Distância no Brasil? **Associação Brasileira de Educação a Distância, ABED**. 2008. Disponível em: <<http://www2.abed.org.br/documentos/ArquivoDocumento255.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2013.
- CROCOMO, F. A. **TV Digital e Produção Interativa: a comunidade manda notícias**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CUNHA, Joana. Educação a Distância cresce apesar da crise; veja gráficos. **Folha de São Paulo**. 14/06/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1781529-educacao-a-distancia-cresce-apesar-da-crise-veja-graficos.shtml>. Acesso em 22 abr. 2017.
- DEITOS, Roberto Antonio. Políticas públicas e educação: aspectos teórico-ideológicos e socioeconômicos. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá, v.32, n.2, p. 209-218, 2010.
- DOMÍNIO PÚBLICO. **Missão**. 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp>>. Acesso em 30 set. 2015.
- DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 14 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FONSECA JÚNIOR, W. C. da. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FONSECA, Marília. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 153-177, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 29 set. 2015.

FORMIGA, Marcos. (Org.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

FORMIGA, M.; LITTO, F. M. (Orgs). **Educação a Distância: o estado da arte, volume 2**. 2 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

FREIRE e PAPERT. **O Futuro da Escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

FREITAS, Ricardo Luis de.; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra; PIVA JR, Dilermando. **Linguagem Dialógica Instrucional: a (re)construção da linguagem para cursos online**. 2009. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/752009101016.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2017.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programa Um Computador Por Aluno – Prouca**. 2015a. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-programa-um-computador-por-aluno-prouca>>. Acesso em 30 set. 2015.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Projeto ProInfo**. 2015b. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/portaldecompras/index.php/produtos/computador-interativo-projeto>>. Acesso em 30 set. 2015.

GOMES, Luiz Fernando. **EAD no Brasil: perspectivas e desafios**. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v18n1/02.pdf>>. Acesso em 30 set. 2015.

GOMES, Silvane Guimarães Silva. Políticas Públicas em EAD no Brasil. **E-Tec Brasil**. 2015. Disponível em: <http://ftp.comprasnet.se.gov.br/sead/licitacoes/Pregoes2011/PE091/Anexos/Eventos_modulo_I/topico_ead/Aula_04.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Instrumento de Autorização de Curso para Oferta na Modalidade a Distância**. 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/ead/Instrumento_Autorizacao_curso_EAD.pdf>. Acesso em 23 abr. 2014.

_____. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação Presencial e a Distância**. Junho de 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/ead/2010/instrumento_reconhecimento_cursos_o_distancia2.pdf>. Acesso em 30 jan. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrando o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 69 – 82.

LESSA, Shara Christina Ferreira. Os Reflexos da Legislação da Educação a Distância no Brasil. In: **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. Volume 10. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_02.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LITTO, Fredric Michael. **Um Modelo para Prioridades Educacionais numa Sociedade de Informação**. Pátio, n. 3, 1998.

LITTO, Fredric Michael. **Carta da ABED enviada ao Ministro da Educação**. 09 de março de 2016. ABED. Disponível em: <http://www.abed.org.br/arquivos/Carta_ABED_EAD_Ministro_Educacao_2016.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LITWIN, Edith. Das Tradições à Virtualidade. In: LITWIN, Edith (Org). **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Regulamentação da Educação a Distância: caminhos e descaminhos. In: SILVA, Marco (Org). **Educação Online**. São Paulo: Loyola, 2006.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATTAR, João. **Decreto 9057**. 25 de maio de 2017. Disponível em: <http://joaomattar.com/blog/2017/06/25/decreto-9057/>. Acesso em 26 maio 2017.

MILL, Daniel. Educação Virtual e Virtualidade Digital: trabalho pedagógico na educação a distância na Idade Mídia. In: SOTO, U., MAYRINK, MF., and GREGOLIN, IV., (Orgs). **Linguagem, educação e virtualidade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p.29-51. ISBN 978-85-7983-017-4. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-03.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2017.

MILL, Daniel. Mudanças de Mentalidade sobre Educação e Tecnologia: inovações e possibilidades tecnopedagógicas. In: MILL, Daniel (Org.). **Escritos sobre Educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes**. São Paulo: Paulus, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Banco Internacional de Objetos Educacionais**. 2015h. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed-banco-internacional-de-objetos-educacionais>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **DVD Escola.** 2015a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dvd-escola>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **E-ProInfo.** 2015b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretarias-e-orgaos-vinculados/seres/114-conhecaomec-1447013193/sistemas-do-mec-88168494/138-e-proinfo>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **E-Tec Brasil.** 2015c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/rede-e-tec-brasil>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **Ministro da Educação homologa resolução com novas diretrizes para educação superior à distância.** 11 de março de 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/34641-ministro-da-educacao-homologa-resolucao-com-novas-diretrizes-para-educacao-superior-a-distancia>>. Acesso em 15 abr. 2017.

_____. **Programa Banda Larga nas Escolas.** 2015d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/193-secretarias-112877938/seed-educacao-a-distancia-96734370/15808-programa-banda-larga-nas-escolas>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **ProInfantil.** 2015e. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proinfantil>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **ProInfo.** 2015f. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proinfo/proinfo>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **ProInfo Integrado.** 2015g. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13156:proinfo-integrado>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **Portal do Professor.** 2015i. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/portal-do-professor>>. Acesso em 30 set. 2015.

_____. **Resolução nº 1, de 11 de março de 2016.** 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=35541-res-cne-ces-001-14032016-pdf&category_slug=marco-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 15 abr. 2017.

MONTEIRO, B. S., et al. Amadeus TV: portal educacional na TV Digital integrado a um sistema de gestão de aprendizado. In: **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Volume 18, nº 1, 2010.

MONTEZ; ANDREATA. Ensino à Distância no Ambiente de Televisão Digital Interativa. In: **Comunicação & Sociedade**. Nº 48, ano 29. Setembro de 2007. São Bernardo do Campo: Umesp, 2007.

MOORE, Michael. KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, S. V. Análise Documental como Método e como Técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOTA, Ronaldo. **Educação a Distância: avanços e dificuldades**. 2012. Disponível em: <<http://teiaeducacional.blogspot.com.br/2012/01/educacao-distancia-avancos-e.html>>. Acesso em 30 set. 2015.

MUGNOL, Márcio. **A Educação a Distância no Brasil: Conceitos e fundamentos**. Rev. Diálogo Educ: Curitiba, 2009.

MUNHOZ, Siemsen Antonio. **Tecnologias Aplicadas à Educação: educação e tecnologia na sociedade da informação**. Curitiba: IBPEX, 2002.

RIBAS, Isabel C. **Paulo Freire e a EAD: uma relação próxima e possível**. 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/3042010090204.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

RIBAS, Isabel C. **Cultura das Mídias**. São Paulo, Brasil. Editora Experimento. 1996.

RIBEIRO, R. Democratização do Ensino Superior e Formação Continuada: ensino à distância público e uso dos recursos das novas tecnologias de comunicação e informação. In: RIBEIRO, P. R. M.; SOUZA, C. B. G. de. (Orgs.) **Política, Gestão Educacional e Formação de Educadores: contribuições ibero-americanas para a educação**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008, p. 171-185.

SANTAELLA. L. **Cultura das Mídias**. São Paulo, Brasil. Editora Experimento. 1996.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Educação e Cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. In: **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 285-303, jan./abr. 2013.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos Selecionados de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro: Impetus, 2002.

SATHLER, Luciano. Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância: desafios de uma caminhada regulatória. In: **Revista Digital da CVA – Ricesu**, Volume 5, Número 17, Julho de 2008. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/3/3>>. Acesso em 01 ago. 2014.

SCHIAVONI, Jaqueline. **Mídia: O papel das novas tecnologias na sociedade do conhecimento**. 2011. Disponível em: <<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/01.pdf>>. Acesso em 01 jul. 2011.

SEMESP – SINDICADO DAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR. **Portaria Normativa MEC nº 11, de 20 de junho de 2017**. Disponível em: <<http://www.semesp.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/COMUNICADO-JURIDICO->

PORTARIA-NORMATIVA-MEC-N-11-DE-20-DE-JUNHO-DE-2017-2-1.pdf>. Acesso em 22 jun. 2017.

SILVA, Marco. **Pedagogia do Parangolé: novo paradigma em educação presencial e online.** In: SILVA, Marco(Org.). Sala de Aula Interativa. Rio de Janeiro: Ed. Quartet, 2000.

SILVA, P. R. B. da. **A Percepção Docente sobre o Modelo de Educação Semipresencial utilizado no Telecurso Tec:** um programa de qualificação e habilitação técnica de nível médio, oferecido em escolas da rede pública estadual de educação. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2009.

SIMÃO, Lílían O. **Estudo de Tecnologias Aplicadas à Educação a Distância.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2011.

STUMPF, I. R. Pesquisa Bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SZKLARZ, Eduardo. A Internet nos Deixa Estúpidos: entrevista com Mark Bauerlein. Revista **Superinteressante**, edição 256, set 2008. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/internet-deixa-estupidos-entrevista-mark-bauerlein-447688.shtml>; Acesso em 05 jun. de 2010.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital:** a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. (Tradução de Ruth Gabriela Bahr). São Paulo: Makron Books, 1999.

TEIXEIRA, L. **Televisão Digital:** interação e usabilidade. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

TERRA. Alunos reclamam de qualidade e atendimento de cursos EaD. **Terra Educação.** 07/03/2013. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/alunos-reclamam-de-qualidade-e-atendimento-de-cursos-ead,231461060a44d310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 22 abr. 2017.

TV ESCOLA. **Sobre.** 2015. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/sobre>>. Acesso em 30 set. 2015.

UAB - UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. **O Que É.** 2015. Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br/index.php/component/content/article?id=6>>. Acesso em 30 set. 2015.

VALLIN, Celso. **Educação a Distância e Paulo Freire.** 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/_Brazilian/2014/02_ead_paulo_freire_pt.pdf>. Acesso em 22 set. 2015.

VERSUTI, Andrea. **Uma Comparação entre Critérios de Qualidade para Avaliação de Cursos a Distância.** 2008. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/5122008121658AM.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2014.

VIEIRA, Victor. Faculdades com EaD passam por avaliação rigorosa, diz MEC. **O Estado de São Paulo.** 24 de março de 2016. Disponível em:

<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,faculdades-com-ensino-a-distancia-passam-por-avaliacao-rigorosa--diz-mec,10000023092>. Acesso em: 15 de abril de 2017.

WAISMAN, Thais. **Usabilidade em Serviços Educacionais em Ambientes de TV Digital**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

WEILER, Lara. **A Educação e a Sociedade Atual Frente às Novas Tecnologias**. 2006. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/L&C1S_06/LaraL&C2006.pdf>. Acesso em 01 jul. 2011.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro de Questões Gestor Responsável pelo EaD

Entrevista Individual em Profundidade

Meu nome é Nirave Reigota Caram e sou doutoranda no Programa de Educação Escolar na Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Araraquara – SP. Minha pesquisa é intitulada como “Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo exploratório do processo de produção dos materiais didáticos audiovisuais sob a ótica da equipe multidisciplinar⁴⁴” e objetiva analisar a produção dos materiais didáticos audiovisuais de instituições de ensino superior a distância a partir da ótica dos gestores, docentes conteudistas e produtores técnicos dos NEaDs.

- 1) Como você viu o processo de implantação da modalidade à distância na sua IES?
- 2) Ao seu ver, o que a IES entende por qualidade em EaD para a formação superior?
- 3) Como você vê o conhecimento pela equipe gestora do EaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para a implantação da modalidade à distância nos cursos de graduação?
- 4) Se a equipe gestora possui conhecimento dos “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?
- 5) Como você viu o planejamento da IES para a montagem da equipe multidisciplinar que compõe o NEaD?
- 6) Sobre os materiais didáticos para EaD da IES, quais tipos são produzidos para seus cursos superiores da modalidade?

⁴⁴ Título apresentado no projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil. Posteriormente à defesa da tese, por sugestão da banca avaliadora, o título foi modificado.

7) Como a IES vê a questão das mídias utilizadas para os materiais didáticos dos cursos superiores à distância? Se a manifestação for favorável, acredita que o que é oferecido atualmente está adequado ao perfil socioeconômico dos alunos?

8) A IES oferece um Guia Geral de Curso com informações que auxiliem os alunos a acompanhar a dinâmica de um curso na modalidade à distância? Em caso de manifestação positiva, em que formato é oferecido este material?

9) Fale sobre os recursos financeiros e estruturais do NEaD da IES para a produção do material didático audiovisual.

10) Sobre a produção do material didático audiovisual do EaD, como a gestão da sua IES atribui o grau de importância para os seguintes pontos:

- a) Importância para o aluno em seu processo de ensino-aprendizagem (principalmente se comparado com outros formatos).
- b) Em visibilidade dos cursos superiores da IES para o mercado.
- c) Em recursos financeiros e humanos despendidos pela IES.

Para cada ponto, atribua um grau de importância na escala numérica de 1 a 5. Comente sua atribuição.

Obrigada.

Apêndice 2: Roteiro de Questões Docente Conteudista do EaD

Entrevista Individual em Profundidade

Meu nome é Nirave Reigota Caram e sou doutoranda no Programa de Educação Escolar na Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Araraquara – SP. Minha pesquisa é intitulada como “Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo exploratório do processo de produção dos materiais didáticos audiovisuais sob a ótica da equipe multidisciplinar” e objetiva analisar a produção dos materiais didáticos audiovisuais de instituições de ensino superior a distância a partir da ótica dos gestores, docentes conteudistas e produtores técnicos dos NEaDs.

1) Você também é um Docente do ensino presencial? Para a sua atuação em EaD, como foi o seu processo de capacitação e adaptação?

2) Você também atua como Tutor dos cursos em que é Docente Conteudista? Como considera a diferença entre as duas funções em termos de capacitação e execução do trabalho?

3) Como Docente Conteudista você possui momentos de interação com os seus alunos? Ou apenas o Tutor (sendo você ou outro profissional) possui estes momentos? Se sim, consegue obter um *feedback* dos alunos sobre a produção do seu conteúdo presente no material didático audiovisual?

4) Como você analisa os Sistemas de Comunicação dos cursos superiores à distância em que atua como Docente Conteudista?

5) O que você, como Docente, entende por qualidade em EaD para a formação superior?

6) Você conhece o documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Se sim, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?

7) Em quais materiais didáticos dos cursos superiores da modalidade à distância da IES você participa do planejamento e elaboração como Docente Conteudista?

8) Você, como Docente Conteudista, participa do planejamento e produção do material didático audiovisual?

() Sim () Não

Se a resposta for “Sim”:

a) Descreva como acontece sua participação (se sugere os conteúdos e imagens utilizadas, se auxilia na elaboração do roteiro, se participa como apresentador, se aprova as versões finais dos materiais, etc).

b) Você se sente preparado para participar deste planejamento e produção, considerando ser um produto audiovisual?

c) Você acredita que o conteúdo que planeja é transmitido de forma satisfatória pelo recurso audiovisual?

Se a resposta for “Não”:

d) Gostaria de participar mais ativamente deste planejamento e produção? Em que poderia contribuir?

9) Como você, como Docente Conteudista, considera o material didático audiovisual produzidos pela IES em que atua?

10) Você, como Docente Conteudista, avalia que o material didático audiovisual, de uma forma geral, auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na modalidade à distância? Qual o grau de importância que você atribui a este material no processo de ensino-aprendizagem se comparado com outros recursos educacionais?

Obrigada.

Apêndice 3: Roteiro de Questões Produtor Técnico do EaD

Entrevista Individual em Profundidade

Meu nome é Nirave Reigota Caram e sou doutoranda no Programa de Educação Escolar na Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Araraquara – SP. Minha pesquisa é intitulada como “Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo exploratório do processo de produção dos materiais didáticos audiovisuais sob a ótica da equipe multidisciplinar” e objetiva analisar a produção dos materiais didáticos audiovisuais de instituições de ensino superior a distância a partir da ótica dos gestores, docentes conteudistas e produtores técnicos dos NEaDs.

1) Qual a capacitação da equipe técnica para a produção do material didático audiovisual para EaD? Qual é o perfil da equipe?

2) Como você vê o conhecimento pela equipe de produção técnica do NEaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para elaborar os materiais didáticos audiovisuais?

3) O material didático audiovisual é disponibilizado aos alunos sob demanda ou por transmissão ao vivo?

4) Como você avalia o tipo de material didático audiovisual produzido pela sua IES? Descreva-o.

5) O que o NEaD entende por qualidade do material didático audiovisual em EaD para a formação superior?

6) Como você vê o processo de elaboração do material didático audiovisual pelo NEaD da IES?

7) Como é realizada a pré-testagem do material didático audiovisual da IES?

8) Descreva como você vê a infraestrutura da IES para a produção do material didático audiovisual.

Obrigada.

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo exploratório do processo de produção dos materiais didáticos audiovisuais sob a ótica da equipe multidisciplinar”**. Nesta pesquisa objetiva-se analisar a produção dos materiais didáticos audiovisuais de cursos à distância de Instituições de Ensino Superior (IES) e a qualidade envolvida no processo a partir da ótica das equipes multidisciplinares.

O motivo para promover o estudo deste tema surgiu da necessidade de compreender como as equipes multidisciplinares que compõem dos NEaDs (Núcleos de Educação à Distância) das IES planejam e produzem seus materiais didáticos audiovisuais visando garantir a qualidade na aprendizagem por meio deste recurso educacional.

A Instituição de Ensino a qual trabalha foi selecionada para compor a amostra deste estudo por ofertar cursos superiores à distância e utilizar materiais didáticos audiovisuais de produção própria. Você foi selecionado por exercer a função de Gestor, Docente Conteudista ou Produtor Técnico da equipe multidisciplinar do NEaD, foco desta pesquisa.

Para esta coleta de dados serão adotados os seguintes procedimentos: perguntas abertas sobre os processos de planejamento e elaboração dos materiais didáticos audiovisuais da IES, assim como recursos humanos e estruturais do Núcleo de Educação a Distância (NEaD); a entrevista terá a duração de, aproximadamente, uma hora e será gravada em áudio para facilitar a transcrição e, posterior, análise dos dados coletados.

Os riscos são mínimos aos participantes, como a exposição. Os benefícios suplantam os riscos, pois será preservada a identificação das IES e seus profissionais. Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados

e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

_____, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Pesquisador Responsável: Nirave Reigota Caram

Endereço: Rua Dr. Alípio dos Santos 12-18, apto 123, Jardim Panorama, Bauru – SP.

E-mail: nira_rc@hotmail.com

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara-UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

_____, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Apêndice 5: Transcrição na Íntegra das Entrevistas Individuais em Profundidade realizadas na IES 1

Entrevista 1 – Gestor Responsável pelo EaD

13/10/2016

10h

São Paulo – SP

1) Como você viu o processo de implantação da modalidade à distância na sua IES?

O processo de implantação ainda está acontecendo. Estamos Iniciando a oferta de cursos tecnológicos, inicialmente 3, no segundo semestre de 2016. Porém, o início deste processo ocorre desde o ano de 2013. O credenciamento da IES junto ao MEC para oferecer cursos a distância foi demorado, assim como a autorização dos cursos ofertados. O início das autorizações de cursos ocorreu com o superior em Tecnologia em Marketing e todo este processo foi composto por várias fases, como: avaliação dos polos, acompanhamento, produção do material didático e ajustes necessários. Todas as fases para que a IES estivesse em consonância com as diretrizes do MEC, foram providenciadas. A EaD da nossa IES acompanha e atende as exigências do Ministério da Educação. Todo este processo é desgastante devido às suas muitas exigências. Existem outras fases importantes neste processo de implantação, como: formação e capacitação de professores e tutores, equipe multidisciplinar, assim como as providências em estrutura física. As diretrizes do MEC, tanto para o EaD quanto para o Presencial, são muito exigentes e não fazem distinção de exigência em infraestrutura de polos em regiões brasileiras muito distintas em termo de desenvolvimento urbano, o que dificulta todo o processo de implantação.

Inclusive a EaD favorece a inclusão de pessoas com deficiência, porém esta inclusão fica comprometida quando há uma carência de desenvolvimento em determinada região do Brasil, prejudicando o atendimento de exigências relacionadas à infraestrutura de polos. É necessário muito investimento financeiro.

Existe também a exigência de professores titulados. Temos dificuldades em atender o número de professores titulados exigidos em determinadas áreas. Estas exigências impactam muito no processo de implantação, tornando-o demorado, burocrático e pouco atrativo.

2) Ao seu ver, o que a IES entende por qualidade em EaD para a formação superior?

A nossa IES utiliza os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância e entende que a qualidade em EaD deve ser a mesma da educação presencial, inclusive trabalhamos com o mesmo quadro de professores nas duas modalidades. Os polos atendem as exigências do MEC, servindo como uma extensão da IES no local em que está instalado. Todo o processo de implantação do EaD foi realizado de forma muito cuidadosa, justamente para garantir a mesma qualidade do ensino presencial ao EaD, treinando os administradores dos polos, coordenadores, tutores, bibliotecários e funcionários da secretaria. Todo o processo de implantação do EaD em nossa IES foi realizado de forma satisfatória, garantindo a qualidade almejada pela própria Instituição e pelo MEC.

3) Como você vê o conhecimento pela equipe gestora do EaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para a implantação da modalidade à distância nos cursos de graduação?

Conheço o documento. Inclusive suas diretrizes foram utilizadas para o processo de implantação do EaD na nossa IES, que recebeu nota 5 com 10 anos de credenciamento.

4) Se a equipe gestora possui conhecimento dos “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?

O documento possui diretrizes bastante exigentes. Inclusive os Referencias estão sendo objeto de revisão para acompanhar a realidade atual do país.

5) Como você viu o planejamento da IES para a montagem da equipe multidisciplinar que compõe o NEaD?

A nossa equipe é privilegiada. Todos os profissionais possuem curso universitário e são formados nas áreas em que atuam, como por exemplo: designers, webdesigners, designers instrucionais (com formação ou em Pedagogia ou em Letras), técnico de informática, revisor, etc.

6) Sobre os materiais didáticos para EaD da IES, quais tipos são produzidos para seus cursos superiores da modalidade?

A IES produz todos os materiais didáticos utilizados no EaD. A infraestrutura já existente na IES anteriormente para dar aporte ao ensino presencial é utilizada também para esta finalidade. Temos, por exemplo, o Centro de Rádio e Televisão e o Núcleo de Programação Audiovisual na IES. Usamos esta estrutura para a gravação de suas videoaulas e transmissão via satélite das teleaulas. A equipe de televisão já existente auxilia no treinamento dos professores para as gravações, além disso conta também com um roteirista que elabora os roteiros que devem ser seguidos por eles. Já os materiais impressos, como o Guia do Aluno, é elaborado pela equipe multidisciplinar do EaD. Temos, também, um AVA em que são postados materiais impressos, objetos de aprendizagem, videoaulas e acervo da biblioteca (também disponível para o ensino presencial). Muitos dos recursos já existentes para o ensino presencial migraram para o EaD, assim como o sistema de secretaria, garantindo que não haja diferença entre os cursos de ambas as modalidades. Não deve haver diferença, já que o diploma é o mesmo.

7) Como a IES vê a questão das mídias utilizadas para os materiais didáticos dos cursos superiores à distância? Se a manifestação for favorável, acredita que o que é oferecido atualmente está adequado ao perfil socioeconômico dos alunos?

Os materiais impressos são disponíveis de forma digital e de forma impressa. O acesso ao AVA pode ocorrer de qualquer lugar que o aluno esteja por meio de dispositivos móveis, desde que possua o mínimo de banda de internet necessário. Nos polos há laboratórios multimídia disponíveis para acesso também. Para a transmissão da teleaula é utilizada a tecnologia de satélite em função da velocidade da *web*, que posteriormente é postada no Moodle para que o aluno acesse quando preferir. Tentamos minimizar qualquer dificuldade que o aluno tenha em função de um perfil socioeconômico baixo. Como em dias atuais, muitas pessoas possuem um celular com acesso à internet, esta disponibilização de material fica mais facilitada.

8) A IES oferece um Guia Geral de Curso com informações que auxiliem os alunos a acompanhar a dinâmica de um curso na modalidade à distância? Em caso de manifestação positiva, em que formato é oferecido este material?

Existem dois Guias, o do aluno e o do curso que são disponibilizados em pdf no ambiente virtual.

9) Fale sobre os recursos financeiros e estruturais do NEaD da IES para a produção do material didático audiovisual.

Estamos em processo de investimento, ainda sem o retorno. Os polos foram equipados com equipamentos da Apple: Macbook, Apple TV, streaming. Além dos equipamentos multimídia, equipamento para recarga e wiffi em todas as dependências da IES e dos polos e a antena do satélite. Todos estes recursos estruturais demandaram muito investimento.

10) Sobre a produção do material didático audiovisual do EaD, como a gestão da sua IES atribui o grau de importância para os seguintes pontos:

a) Importância para o aluno em seu processo de ensino-aprendizagem (principalmente se comparado com outros formatos).

5. A presença do professor, mesmo que pela videoaula, é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Este material é o mais importante neste processo.

b) Em visibilidade dos cursos superiores da IES para o mercado.

5. É muito importante para o mercado reconhecer que o aluno tem acesso ao professor, já que os materiais produzidos pela IES são de muita qualidade.

c) Em recursos financeiros e humanos despendidos pela IES.

5. É muito importante. Neste processo é necessário contar muito com a equipe, seu engajamento e motivação e a remuneração deve ser compatível para contribuir com isso. É da equipe que depende o sucesso do processo. No nosso caso, a equipe de professores do EaD é a mesma do ensino presencial, e possui um perfil que necessita de apoio (faixa etária mais avançada, portanto não são nativos digitais). A equipe multidisciplinar do NEaD estabelece contato com esse professor de forma cuidadosa devido este seu perfil, sempre com o objetivo de auxiliar o trabalho deste professor. Não é somente a questão estrutural que importa, mas sim a questão humana, da equipe, é considerada como mais importante.

Para cada ponto, atribua um grau de importância na escala numérica de 1 a 5. Comente sua atribuição.

Entrevista 2 – Docente Conteudista

25/10/2016

Enviado por e-mail

São Paulo – SP

1) Você também é um Docente do ensino presencial? Para a sua atuação em EaD, como foi o seu processo de capacitação e adaptação?

Sim, sou docente no presencial. Sou pós-graduada em Tecnologias Aplicadas à Educação, de maneira que não enfrentei grandes dificuldades para atuar na EaD.

2) Você também atua como Tutor dos cursos em que é Docente Conteudista? Como considera a diferença entre as duas funções em termos de capacitação e execução do trabalho?

Do ponto de vista do conteudista, requer bastante conhecimento sobre o público e domínio de estratégias de ensino, bem como capacidade de traduzir em linguagem mais acessível o conteúdo a ser apresentado. Além disto, o professor deve ter uma visão global do que trabalhará e recursos que utilizará para que as diversas ferramentas e texto *conversem* entre si, considerando o conceito de hipertexto. Como tutor, precisará ter a habilidade de interlocução, incentivo, sensibilidade para perceber diferenças nos processos individuais, além de conhecer, ou estar bem instruído, sobre o conteúdo sob sua supervisão.

3) Como Docente Conteudista você possui momentos de interação com os seus alunos? Ou apenas o Tutor (sendo você ou outro profissional) possui estes momentos? Se sim, consegue obter um *feedback* dos alunos sobre a produção do seu conteúdo presente no material didático audiovisual?

Na Universidade em que trabalho o professor conteudista exerce também o papel de tutor. Os alunos reportam todo o tempo dificuldades que apresentam, dificuldades no sistema, questionamentos sobre notas, inclusive tecendo elogios, quando julgam pertinente.

4) Como você analisa os Sistemas de Comunicação dos cursos superiores à distância em que atua como Docente Conteudista?

Ainda carecemos de plataformas menos engessadas e que permitam, de fato, criar um contexto favorável à aprendizagem, e que possam também ser livremente adaptáveis, principalmente tendo coerência com os princípios que norteiam a internet. A maior dificuldade são sistemas de *backoffice* pois, não são sistemas que se relacionam.

5) O que você, como Docente, entende por qualidade em EaD para a formação superior?

Qualidade é, em primeiro lugar, reconhecer que o perfil de alunos de EaD, sob alguns aspectos, é completamente diferente do aluno presencial. Isto por si, já sinaliza a necessidade de grande dedicação, clareza de conteúdo, coerência entre tarefas e conteúdo, critérios de avaliação que, de fato, conjuguem a necessidade de aferição de conhecimento com os elementos esperados para o perfil do egresso.

6) Você conhece o documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Se sim, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?

Sim, conheço. Embora o documento apresente uma visão abrangente, um tema que poderia ser mais aprofundado diz respeito ao processo de avaliação dos alunos.

7) Em quais materiais didáticos dos cursos superiores da modalidade à distância da IES você participa do planejamento e elaboração como Docente Conteudista?

Das disciplinas que ministro. Atualmente sou coordenadora de curso também, o que me permite ter uma visão ampla dos materiais.

8) Você, como Docente Conteudista, participa do planejamento e produção do material didático audiovisual?

Sim Não

Se a resposta for “Sim”:

a) Descreva como acontece sua participação (se sugere os conteúdos e imagens utilizadas, se auxilia na elaboração do roteiro, se participa como apresentador, se aprova as versões finais dos materiais, etc).

O professor tem participação ativa na sugestão de imagens, elaboração de roteiros de gravação e compete a ele a aprovação final de todos os materiais produzidos.

b) Você se sente preparado para participar deste planejamento e produção, considerando ser um produto audiovisual?

Sim, porque tenho bastante experiência com a produção de sites e materiais audiovisuais.

c) Você acredita que o conteúdo que planeja é transmitido de forma satisfatória pelo recurso audiovisual?

Como depende de minha aprovação, as coisas saem como planejado.

Se a resposta for “Não”:

d) Gostaria de participar mais ativamente deste planejamento e produção? Em que poderia contribuir?

9) Como você, como Docente Conteudista, considera o material didático audiovisual produzidos pela IES em que atua?

É um material rico do ponto de vista de conteúdo e bem trabalhado no aspecto visual.

10) Você, como Docente Conteudista, avalia que o material didático audiovisual, de uma forma geral, auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na modalidade à distância? Qual o grau de importância que você atribui a este material no processo de ensino-aprendizagem se comparado com outros recursos educacionais?

É fundamental a existência de várias mídias para apoio ao processo de ensino. No meu entendimento, as coisas se complementam mas, o aparato audiovisual torna o processo mais lúdico e compreensível. Apenas fazer uso de conteúdo textual não é educação.

Entrevista 3 – Produtor Técnico

13/10/2016

10h30

São Paulo – SP

1) Qual a capacitação da equipe técnica para a produção do material didático audiovisual para EaD? Qual é o perfil da equipe?

A nossa IES conta com 10 funcionários na equipe do planejamento da produção dos materiais didáticos audiovisuais no NEaD, porém a produção, de fato, ocorre no setor de

audiovisual. Estes funcionários do NEaD preparam, por exemplo, a apresentação em Power Point que o professor irá utilizar em sua videoaula. O professor envia a sua apresentação com o conteúdo em um *slide* padronizado e a equipe do NEaD enriquece com imagens e outros recursos para que, posteriormente, seja encaminhado para o setor de TV na IES para que a gravação seja realizada. Todo o processo para gravação das videoaulas é de responsabilidade do setor de audiovisual. Faz parte deste processo o agendamento da gravação com o professor, por exemplo, assim como o treinamento dos docentes para o vídeo. Este setor realiza a gravação e encaminha um *link* de acesso do produto final ao NEaD. Para a transmissão das videoaulas, o NEaD conta com um técnico na equipe, mas também com o apoio de um outro setor de tecnologia da IES. Estes setores de apoio ao NEaD são compostos por estúdios e diversos equipamentos de gravação para a realização destas produções, inclusive foi campo de pesquisas na época da implantação da TV Digital.

2) Como você vê o conhecimento pela equipe de produção técnica do NEaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para elaborar os materiais didáticos audiovisuais?

Os designers da equipe conhecem. Os demais funcionários técnicos não conhecem o documento em si, mas sabem de suas diretrizes pela prática do trabalho e o que é exigido deles. Toda a produção dos materiais didáticos audiovisuais é realizada seguindo as exigências do documento.

3) O material didático audiovisual é disponibilizado aos alunos sob demanda ou por transmissão ao vivo?

São disponibilizados das duas formas. Os *links* de acesso são fechados no Moodle apenas para os alunos.

4) Como você avalia o tipo de material didático audiovisual produzido pela sua IES? Descreva-o.

O material é visualmente agradável, inclusive possui uma vinheta de abertura que estava muito extensa e foi reduzida. O objetivo é que os vídeos atraiam o aluno, sem cansar. As videoaulas não são longas, possuem 15 minutos de duração, pois é o tempo que o NEaD considera ideal para que o aluno preste atenção sem se dispersar, considerando a realidade e

perfil do jovem atual. Ou seja, há uma preocupação com o visual do material e com a motivação do aluno em assisti-lo.

O conteúdo das videoaulas é composto por uma sequência de um professor explanando o conteúdo com o apoio da apresentação que foi preparada anteriormente. A gravação da aula do professor acontece em um estúdio com um cenário em que ele mesmo muda os *slides* da apresentação conforme a sua fala. O professor aparece no vídeo, assim como os *slides* que, com a edição, são alternadas as imagens do professor e dos *slides* com o conteúdo. Não há recursos de videografismo.

Antes do professor realizar a gravação, ele passa pelo roteirista, que pode sugerir uma diferenciação de formatos. Um recurso utilizado, por exemplo, é a entrevista com convidados.

5) O que o NEaD entende por qualidade do material didático audiovisual em EaD para a formação superior?

É um material que representa a imagem na IES. Há um cuidado visual, com conteúdo, de revisão dos textos e identidade visual agradável, pois o NEaD não quer que o aluno assista o vídeo e não tenha motivação. A preocupação é de atrair o aluno com o material e já recebemos *feedbacks* positivos quanto a isso.

6) Como você vê o processo de elaboração do material didático audiovisual pelo NEaD da IES?

Não há muitas pessoas envolvidas neste processo. O maior problema encontrado pela IES é que a maioria dos professores não estão adaptados à esta realidade, o que gera muito retrabalho. A maioria dos professores não está acostumada a elaborar o material. A maior dificuldade é o professor entender o conceito do EaD, que é necessário um texto dialógico. Muitos professores escrevem este material como se fosse um artigo científico. A partir do momento que o professor entende o processo e envia o material corretamente, há um fluxo interno no NEaD. Os designers analisam o que o professor enviou e enviam para os webdesigners enriquecerem o material, até resultar na videoaula. Para este processo o NEaD conta com o apoio de um sistema interno para se comunicar com os demais setores envolvidos.

7) Como é realizada a pré-testagem do material didático audiovisual da IES?

A pré-testagem acontece informalmente. Os designers validam a identidade do material. A validação do conteúdo é realizada pelo coordenador do curso ao longo da produção. Há um

calendário de validações para o coordenador cumprir. Porém, acontece de alguns pequenos erros passarem e serem percebidos somente pelos alunos.

8) Descreva como você vê a infraestrutura da IES para a produção do material didático audiovisual.

A nossa infraestrutura é muito boa e superior a muitas outras no mercado. Isso acontece porque produzimos nossos próprios materiais, contando com estúdios, câmeras e profissionais que produzem para o canal de TV da IES. São profissionais da área capacitados, não temos amadores. No trabalho do planejamento dos vídeos pela equipe multidisciplinar do NEaD também temos infraestrutura adequada, contando com os recursos necessários para a produção de todos os materiais.

Produzir material é algo que exige acompanhamento constante, pois é um processo composto de muitos detalhes e que necessita de muito controle.

Apêndice 6: Transcrição na Íntegra das Entrevistas Individuais em Profundidade realizadas na IES 2

Entrevista 1 – Gestor Responsável pelo EaD

06/12/2016

10h

Cidade do Interior do Paraná - PR

1) Como você viu o processo de implantação da modalidade à distância na sua IES?

A nossa IES tem 26 anos e a EaD tem 10 anos. A partir do momento que recebemos a autorização do MEC, ficamos mais 1 ano, já autorizados sem implantar. Isso aconteceu por que a IES tem como princípio de trabalho as questões de qualidade. Temos IGC 4 há 5 anos consecutivos. As avaliações de nossos cursos são todas 4 e 5. Então, temos um cuidado muito grande com qualidade e, às vezes, para atingir a qualidade é necessário “dar um tempinho” para ter maturação de processos, processos bem desenhados, não é um “fazer e depois vai ajustando”. Precisamos pensar um pouco antes e desenhar a estrutura. Então a implantação foi muito cuidadosa neste sentido, tanto que em 2005 a IES já tinha autorização e só em 2006 foi implantado o primeiro curso de pós graduação, para depois iniciar a graduação. Este processo foi cuidadoso, levando a EaD muito a sério, devido aos princípios que a própria IES tem. Foi um processo cuidadoso e planejado e, até hoje, tudo o que fazemos em EaD é assim. Nós não fazemos para testar, fazemos para dar certo. Os testes nós fazemos antes de implantar, seja teste com professor, seja teste com aula, seja teste com material impresso. Na implantação, tudo é muito gradativo. Por exemplo, hoje nós temos 5 cursos prontos para iniciar em 2017 e nosso reitor disse para termos calma e não lançar agora, mesmo com tudo pronto, equipe, material, etc. Ele disse para revermos novamente o processo e verificar se não há nada que pode ser melhorado. Então há este cuidado na implantação, que pra mim é fundamental.

2) Ao seu ver, o que a IES entende por qualidade em EaD para a formação superior?

Acho que esta qualidade é algo que se fala muito, mas o que é qualidade? Eu posso ter professor de qualidade, posso ter 80% dos professores mestres e doutores. Só isso me garante qualidade? Não. Todo o nosso material é produzido interno, não temos material produzido fora, não compramos conteúdo, todo o conteúdo é produzido aqui. Não compramos por que não

queremos um conteúdo que seja mercadológico, queremos um conteúdo que seja dialógico, que converse com o aluno, que traga anseios, que traga as preocupações de mercado, que seja atualizado. Então, toda a nossa equipe de produção de material é interna. A qualidade na educação perpassa pelo professor, pela qualidade do material e pela qualidade da avaliação. Gastamos R\$ 500.000,00 por ano com controle de avaliação. Alguém pode achar isso ultrapassado, mas para nós não é. É uma forma de verificação de aprendizagem do meu aluno, verificar se ele aprendeu ou não aprendeu. Por que chega um momento em que é preciso perguntar para o aluno: O que você aprendeu? E pensando em EaD, é a maneira que nós temos de verificar o que o aluno aprendeu. Pois eu não estou falando de uma EaD de 200 alunos, estou falando de uma EaD em que a meta para 2017 é de 100.000 alunos. Tem um controle que eu preciso ter. Então, qualidade pra nós perpassa em todos os processos: no atendimento, na entrega rápida de documentos, nas pessoas, no projeto pedagógico do curso e no acompanhamento. Hoje eu consigo por meio da plataforma saber se o meu aluno está *online*, saber o que ele está assistindo, por quanto tempo ele está assistindo e se ele está navegando em outros sites. Por que as vezes o aluno telefona se queixando de que reprovou em uma disciplina e temos como puxar o histórico se ele assistiu as aulas e se estava com outras páginas da internet abertas. Estes controles também nos ajudam a manter a qualidade. Então, a qualidade para nós perpassa por processos, por pessoas, por material e por controle. Nós trabalhamos muito para que o nosso aluno não seja um RA (Registro Acadêmico), precisamos saber o que ele faz, quais são as suas dificuldades, por isso temos sistemas de protocolo, com prazos de resposta em 24 horas, sendo que na maioria das vezes respondemos antes deste limite. Nós trabalhamos muito, por que na EaD a distância do aluno é geográfica, é física e não pode ser *nem uma vírgula* além disso. Pois é isso que nos dá qualidade, isso nos diferencia.

3) Como você vê o conhecimento pela equipe gestora do EaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para a implantação da modalidade à distância nos cursos de graduação?

Temos um cuidado muito grande com legislação. Os Referenciais de qualidade são de 2007, mas ainda tem muita coisa importante lá. Claro que precisaria revisá-lo, renová-lo, remodelá-lo. Mas eu vejo como um documento muito importante. Hoje temos, em nossa estrutura de EaD, duas questões. Temos uma Diretoria de Planejamento Institucional que é responsável por todos os processos legais referentes a MEC e implantação de cursos. E dentro do EaD, temos dentro da minha Diretoria, um braço da Diretoria de Planejamento, que é

responsável por fazer todo este acompanhamento. Então, quando vamos montar um curso ou quando vamos mudar a metodologia, por exemplo, os Referenciais sempre veem para a mesa. Usamos muito os Referenciais, por que eles nos dão norte. Levamos muito em consideração estes documentos. Todo ano a Diretoria de Planejamento faz programa de formação para coordenadores de curso e para NDE sobre estas questões de legislação. Eles conhecem o documento, pois suas diretrizes estão no dia a dia. Quando vamos resolver algo, sempre questionamos o que a legislação, as diretrizes do curso e os Referenciais trazem. Buscamos nos respaldar muito nesta questão da legislação para não ter problemas. Partimos muito do princípio que é melhor fazer certo do que consertar depois. Sempre buscamos trabalhar com toda a equipe gestora estas questões de legislação.

4) Se a equipe gestora possui conhecimento dos “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?

Eu, particularmente, gosto muito dos Referenciais, pode ser que seja apego, pois começamos com ele, mas claro que vejo que tem pontos que precisamos repensar, por exemplo a questão de tutoria, ou outros pontos que precisam ser ampliados, que são passados de forma superficial. E atualizá-lo, pois na EaD sempre temos que atualizar sempre devido ao avanço da tecnologia, ou seja, o documento também deve seguir essas atualizações. Então, acho que a questão de tutoria deve ser revista, pois quando se pensa em EaD, temos dois mundos: temos o mundo das IES pequenas que discutem estágio para 50 alunos e temos o mundo das IES grandes, que é o nosso caso, que temos que discutir estágio para muitos alunos, por exemplo, temos 12.000 na Pedagogia. Qual é a estrutura que eu tenho que ter para isso? Por isso a questão da responsabilidade e da implantação calma e gradativa. Então, o referencial não pode pensar na realidade de uma IES pequena, também precisa pensar na realidade de uma IES grande. Então, a atualização do documento é algo muito importante neste sentido. Pois em 2007 quando foram lançados os Referenciais, não existiam IES com 100.000 alunos. Hoje existe. Então é necessário acompanhar isso e o documento acompanhar este movimento para que ele possa garantir a qualidade. Quando iniciamos e atingimos 10.000 foi uma festa. Hoje tenho só na Pedagogia 15.000, Design de Interiores, um curso que não existe EaD no Brasil está com 1.900 alunos e foi lançado no ano passado. Então, os Referenciais como qualquer outro documento devem acompanhar esta realidade para manter a qualidade, pois o que foi estabelecido em 2007 não está mais de acordo.

5) Como você viu o planejamento da IES para a montagem da equipe multidisciplinar que compõe o NEaD?

Aqui no EaD temos uma engrenagem. Ninguém faz nada sozinho em EaD. Nós no NEaD da IES temos 8 Diretorias, por exemplo: de Relacionamento, de Marketing, Pedagógica, Comercial, de Desenvolvimento, de Operações, de Polos Próprios, falta uma que eu não me recordo. Isso anda junto, pois o aluno do EaD não é do professor. O aluno tem problemas de relacionamento, ele recebe o Marketing de determinada forma ou outra. Por exemplo, a primeira peça de propaganda que eu recebi do curso de Gastronomia, havia uma figura de um chef de barba. Quando a peça chegou para o Pedagógico aprovar, o coordenador do curso vetou, pois na cozinha não pode usar barba. Então, é uma engrenagem, que se não houver conversa, vai enroscar em muitos pontos. Então a formação da equipe multidisciplinar, na nossa concepção, não acontece só na produção de materiais onde temos designers, diagramadores e revisor técnico, ela parte desde a direção. Dentro de todas estas diretorias existem equipes multidisciplinares de tudo. Por que não dá para pensar isolado. Por exemplo: dentro da minha equipe de Operações Pedagógicas, eu tenho uma equipe que trabalha com call center, que me traz uma *expertise* de mercado que o pedagogo não tem, tenho profissionais de comunicação, principalmente na área de produção de materiais, etc. Então é somar os saberes de cada um para manter a qualidade. Esta sensação de que somos autossuficientes em uma diretoria, é muito perigoso e pode fragmentar o trabalho. E quando o trabalho é fragmentado, deixa de ser coletivo e perdemos força. Então, trabalhamos muito neste sentido de que tudo tem que estar muito engrenado. Por exemplo, toda segunda-feira de manhã, temos reunião com os oito diretores. Este é o entendimento de multiequipes e de multitarefas e, na EaD, isso inicia na direção e desce em toda a estrutura organizacional.

6) Sobre os materiais didáticos para EaD da IES, quais tipos são produzidos para seus cursos superiores da modalidade?

Temos livros, temos objetos de aprendizagem. O aluno recebe o livro no polo, temos um controle. Trabalhamos de forma modular, então em todo módulo o aluno recebe o livro do módulo posterior. Ele tem este livro em pdf disponível, recebe o livro impresso, ele tem aulas conceituais disponíveis, ele tem aulas extras disponíveis, tem objetos de aprendizagem disponíveis dentro da plataforma. Todo o material é produzido internamente. Tem exercícios, atividades, saiba mais, converse, dicas, material complementar. Cada aluno tem um perfil e buscamos, com os materiais, trabalhar este perfil. Por exemplo, a nossa preocupação com o curso de Gastronomia: quando lançamos, não queríamos que fosse um curso de culinária. É um

curso de Tecnologia. Porém, quem vem fazer este curso, quer fazer comida. Então encontramos algumas dificuldades: um processo simples como tirar a casca de um tomate, não encontramos imagens disponíveis, então tivemos que tirar foto de cada etapa dessas imagens para montar o livro, pois eu não acho uma imagem com a faca retirando as sementes, que era o que o professor precisava para ensinar o aluno. Então esta riqueza no detalhe e na construção, como é feita cada etapa é que me dá a qualidade no material, por que eu não encontro isso disponível. É isso que diferencia do livro de receitas, porém ele tem alguns elementos que trazem isso para o aluno. É uma fonte de letra mais desenhada, lembrando um livro de receitas. O colorido das imagens também. Mas os ícones me remete a um curso de Gastronomia. Então eu tenho um livro acadêmico de conteúdo com a suavidade que eu preciso no material. O material precisa ter esta leveza para conquistar o aluno. Utilizamos banco de imagens e ilustradores também. Isso é qualidade. Por exemplo: quando o curso de Agronomia precisa da imagem de um boi do interior de Minas Gerais de determinada raça bovina que tem lá, eu não encontro este boi no banco de imagens, tem que desenhar este boi, eu não posso usar a imagem de um animal americanizado. E então tem o planejamento. Todo o nosso material é feito 6 meses antes. O respeito à diversidade e especificidade de cada um, precisa refletir no material e na aula.

Temos muito cuidado na edição dos audiovisuais. Nossa equipe de produção hoje é composta por 178 pessoas, para produzir todos os materiais: livro, áudio, etc. Tudo funciona neste prédio: professor está aqui, mediador, coordenador de curso, quem grava está aqui, quem edita está aqui, está tudo aqui, inclusive estúdio. Nós não compramos material por que o nosso material é nosso. É o nosso jeito de falar e de interagir. Temos um bom retorno dos alunos.

Temos o cuidado de integrar o que temos no material impresso com o vídeo.

Fazer os nosso vídeos dá um trabalho enorme. Eu não tenho só um professor falando, eu estou te mostrando. Em um vídeo da Educação Física contratamos atletas, utilizamos 5 câmeras, drones, etc.

Acreditamos que nestes detalhes estão a qualidade do material. A aula tem que ser significativa e tem que contribuir para o aprendizagem do aluno. E temos a devolutiva: o aluno grava a atividade a envia. As atividades práticas são enviadas pelo aluno em vídeo via Youtube fechado.

Nós buscamos amarrar muito bem a construção do conhecimento. Então, como se constrói qualidade? Se constrói em cada passo. Qualidade não é algo que se tenha em grande escala. Eu tenho um material de qualidade, um vídeo de qualidade, com uma prática de qualidade, com uma tutoria de qualidade. É isso que constrói a qualidade e faz o nosso diferencial.

7) Como a IES vê a questão das mídias utilizadas para os materiais didáticos dos cursos superiores à distância? Se a manifestação for favorável, acredita que o que é oferecido atualmente está adequado ao perfil socioeconômico dos alunos?

A infraestrutura de polo é fundamental. Em nossa Diretoria, temos uma Diretoria de Polos que é responsável pela qualidade dos polos. Meu polo tem que ter um bom laboratório, boas salas de aulas, biblioteca, nosso polo tem todo um padrão. Temos um instrumento de padronização de polos, um “book arquitetônico” como chamamos, onde o polo tem que ter uma estrutura mínima. Se não tiver esta estrutura mínima para nós, não abre. Por que eu tenho alunos que precisam ir no polo fazer alguma atividade, por isso preciso ter uma sala para isso: boa, limpa, organizada e iluminada. Temos que ter esta preocupação de infraestrutura de polo. Assim, voltamos nas equipes multidisciplinares *descendo desde cima*. Quando implantamos as atividades do curso de Educação Física, tive que chamar a diretora de polos para ver a questão da liberação do Youtube, pois eu não posso ter Youtube liberado para aluno, pois “o que ele vai ver lá dentro?”. Polo é para estudar! Somos “durões” em algumas coisas. Prova é sem consulta mesmo! Não admitimos cola! Colocamos gente para cuidar. Se colar atribuímos nota zero. Por isso precisamos de infraestrutura. Não podemos ter Youtube liberado. O polo não é para o divertimento do aluno, é para estudar! Então, até que ponto eu libero Youtube? Para isso, eu preciso de infraestrutura. Pra isso, eu preciso de uma outra diretoria, que não é a minha. Em reuniões, eu coloco que vou aplicar uma atividade que precisa de Youtube, e o diretor de polos que providencia. É uma engrenagem. Eu não posso pensar em uma atividade sem conversar com a outra diretoria. Se não conversar, não funciona.

Em Eldorado dos Carajás, implantamos a única internet da cidade. Envolveu infraestrutura de satélite. Lá não chega internet banda larga. Eles utilizam por meio de rádio. O nosso reitor é visionário, mas ele é professor de matemática. Por exemplo, um outro polo que abrimos agora, Oeiras do Pará é mais no interior ainda, não chega carro, só chega de barco, cidade isolada, não tem faculdade nenhuma lá e nós vamos abrir. E sabemos que lá vai dar prejuízo financeiro. Tem a questão social também. Temos uma estrutura diferenciada de polo lá, pois temos banheiros com chuveiros. Eu não tenho banheiros com chuveiro em outro lugar. Pois o aluno, muitas vezes, precisa de 8 horas de barco para chegar no polo e ele precisa tomar banho e trocar de roupa. Temos vestiário para ele poder ir para a aula. Então, temos esses diferenciais. Se você for comparar a nossa estrutura de polos com qualquer outra instituição de ensino, elas simplesmente abrem polos. Nós temos um relacionamento muito proximal com quem está abrindo polo. O dono do polo de Oeiras do Pará vem e fica uma semana aqui em

uma imersão, em uma consultoria, em um trabalho bem próximo para que possamos garantir que o nosso ensino de qualidade seja transmitido com a qualidade que a gente espera lá no polo com a estrutura mínima. E fazemos todo este trabalho mais próximo com os donos dos polos. E nosso polos são lindos. Há um cuidado arquitetônico também, não é só estrutural interno. Ele pode ser pequeno, mas tem que ser bonito, limpo, bem ajeitado e bem arrumado. O polo de Ourinhos é pequeno, mas está lindo.

8) A IES oferece um Guia Geral de Curso com informações que auxiliem os alunos a acompanhar a dinâmica de um curso na modalidade à distância? Em caso de manifestação positiva, em que formato é oferecido este material?

Temos um Guia em que tratamos de todas as questões de metodologia, orientação para o aluno. Temos na internet, na ferramenta Gomo – que é interativa – dentro do AVA e também entregamos impresso na mão de aluno.

O primeiro desafio é aprender a ser um aluno do ensino a distância. Além do Guia, temos uma ação que chamamos de Ambientação. Por exemplo, nós abrimos o processo seletivo de fevereiro agora, o aluno está com o Ambiente Virtual aberto, mas ele só vai começar a ter aula em fevereiro. Neste tempo ele faz a Ambientação. Liberamos cursos, por exemplo de matemática, de língua portuguesa, de física, de química. O polo faz uma semana de Ambientação. O polo chama o aluno para dentro do polo para aprender a lidar com o AVA. É ensinar o aluno de EaD a ser um aluno de EaD.

Nossos cursos são totalmente a distância, só faz prova presencial, pois a legislação pede. No caso de Pedagogia, os estágios também são presenciais.

Temos a transmissão via satélite ao vivo um dia da semana, mas tudo fica disponível no AVA para o aluno assistir quando quiser.

O Guia é por curso e cada aluno tem o seu. A metodologia difere de um curso para outro, por isso é personalizado.

9) Fale sobre os recursos financeiros e estruturais do NEaD da IES para a produção do material didático audiovisual.

Todo ano fazemos o planejamento, por exemplo, para o ano que vem vamos construir mais um estúdio. Temos nove estúdios, sendo um de gastronomia, e agora teremos mais um, pra poder atender a demanda. Então, este ano tivemos uma atualização de equipamento de R\$ 200.000. Por exemplo, compramos a câmera de realidade aumentada de 360 graus e estamos fazendo testes. Todo o final do ano levamos os projetos para avaliação de investimento, devido

ao nosso entendimento de que um material bom, um material bem editado e bem gravado, contribui para a qualidade do ensino. O foco é qualidade e o que eu preciso para ter qualidade.

10) Sobre a produção do material didático audiovisual do EaD, como a gestão da sua IES atribui o grau de importância para os seguintes pontos:

a) Importância para o aluno em seu processo de ensino-aprendizagem (principalmente se comparado com outros formatos).

5. Não é só o audiovisual especificamente aqui. Estão casados, o áudio com o impresso. É um recurso que os alunos usam muito.

b) Em visibilidade dos cursos superiores da IES para o mercado.

5. Temos todo um trabalho de marketing e de pesquisa que vem trabalhando com a gente essa visibilidade dos cursos. Não é um trabalho do pedagógico e sim do departamento de marketing, que é composto por 42 pessoas.

c) Em recursos financeiros e humanos despendidos pela IES.

5. É uma parte onerosa, sem dúvida nenhuma. Mantemos uma equipe de 150 pessoas para produzir material. A nossa produção é cara. Se eu comprasse o material sairia mais barato, mas não sai do nosso jeito.

Para cada ponto, atribua um grau de importância na escala numérica de 1 a 5. Comente sua atribuição.

Entrevista 2 – Docente Conteudista

06/12/2016

13h

Cidade do Interior do Paraná – PR

1) Você também é um Docente do ensino presencial? Para a sua atuação em EaD, como foi o seu processo de capacitação e adaptação?

Eu trabalho faz 12 anos no ensino presencial e o EaD eu trabalho há mais ou menos 4 anos. Eu tive um período para me adaptar. Quando eu entrei, eu fui contratada e, a partir da contratação, eu passei a participar de algumas aulas ao vivo aos poucos, que eram as chamadas

das aulas multidisciplinares que nós tínhamos e hoje não temos mais. Então eu passei a participar dessas aulas e fui aos poucos tendo a capacitação e me adaptando, fazendo aula piloto no estúdio. E foi tudo aqui. Não recorri a nenhuma capacitação externa. Temos uma relação com o NAP (Núcleo de Apoio aos Professores), a própria produção de materiais e do estúdio também tem os programas de capacitação docente.

2) Você também atua como Tutor dos cursos em que é Docente Conteudista? Como considera a diferença entre as duas funções em termos de capacitação e execução do trabalho?

Não. Nesta atuação, a gente separa, temos papéis bem separados. Tem os tutores presenciais que ficam nos polos, os tutores online que é o pessoal que faz o recebimento de provas e temos os tutores mediadores que são os tutores que se relacionam mais com o aluno mesmo. Os online e os moderadores ficam todos aqui na sede.

Temos professores que trabalham como conteudista e tutores. A relação maior do conteudista é nas aulas ao vivo e, vez por outra, um auxílio ao moderador. Quando tem alguma dúvida de aluno que o moderador não consegue solucionar. Esse é o papel do conteudista, formular a disciplina e ministrar as aulas ao vivo. Já o tutor mediador tem a função de realmente estar mais próximo do aluno. Então, conseguimos estabelecer esta diferença. Mesmo tendo chats, professor disponibilizando o e-mail, os alunos procuram quem está mais próximo mesmo, que são os tutores mediadores.

São papéis bem diferenciados. Quando temos um tutor mediador que vai passar a exercer o papel de conteudista, então tem todo um contrato separado, são especificações bem distintas.

3) Como Docente Conteudista você possui momentos de interação com os seus alunos? Ou apenas o Tutor (sendo você ou outro profissional) possui estes momentos? Se sim, consegue obter um *feedback* dos alunos sobre a produção do seu conteúdo presente no material didático audiovisual?

O que você chama de conteudista aqui, não é só quem escreve o livro, seria quem ministra as aulas mesmo. Aqui temos duas divisões: o professor conteudista e o professor formador. O conteudista prepara o livro e as aulas conceituais que são baseadas no livro. Já o professor formador é a pessoa que vai preparar, em cima do material que ele já tem, as aulas ao vivo. Às vezes acontece de o professor conteudista ser também o professor formador, às vezes

não. Quem tem o momento de interação com o aluno é o professor formador. Eu atuo como coordenadora de curso e professora formadora.

O professor formador consegue ter o *feedback* com os alunos por meio das enquetes em aula, os comentários que os alunos deixam do *chat*, então temos diversos mecanismos que conseguimos ter o retorno. Além disso, tem a própria CPA, que avalia cada disciplina.

4) Como você analisa os Sistemas de Comunicação dos cursos superiores à distância em que atua como Docente Conteudista?

São bem variados e cada aluno se adapta de uma forma aos canais. Temos o SAE que é o Sistema de Atendimento ao Estudante. Temos contato telefônico mesmo. Tem alunos que gostam desta interação mais próxima, pelo telefone. O telefone para ele é importante, então atendemos desta forma. Eles tem um 0800 para falar com o tutor mediador, às vezes o formador não está pois tem horários mais restritos e ele fala com o mediador. O horário de atendimento é o dia todo, nos três períodos.

5) O que você, como Docente, entende por qualidade em EaD para a formação superior?

Eu acho que é a interação. Eu tenho a interação com o aluno, se você consegue chegar ao aluno você está executando uma ação de qualidade. É claro que o material é muito importante, a formação, todo o conteúdo da aula que você vai passar, mas muitas vezes você tem uma excelente aula mas não conseguiu atingir o aluno. Você não conseguiu fazê-lo ficar próximo de você na disciplina. Então, quando você consegue isso, eu acho que é desempenhado o papel do ensino presencial.

6) Você conhece o documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Se sim, acredita que algum ponto em particular deveria ser aperfeiçoado ou melhor discutido neste documento?

Acredito que eu conheça em partes, pois nestas capacitações temos as orientações, o que deve ser feito, o que não deve, neste sentido. De alguma forma nós recebemos a informação.

7) Em quais materiais didáticos dos cursos superiores da modalidade à distância da IES você participa do planejamento e elaboração como Docente Conteudista?

Como professor formador participo do planejamento e elaboração das aulas ao vivo, dos materiais extras, dos estudos de caso, do mural de avisos em que os moderadores colocam o professor, a sala do café, que é um espaço de discussão em que, às vezes, o professor indica uma reportagem. Como professor formador eu não participo do planejamento e elaboração do livro da disciplina, pois quem participa deste processo é o professor conteudista que formula o livro com uma certa antecedência. Na maioria das vezes, o professor conteudista é o professor formador.

8) Você, como Docente Conteudista, participa do planejamento e produção do material didático audiovisual?

Sim **Não**

Obs: O professor formador participa do ao vivo, o professor conteudista das aulas conceituais.

Se a resposta for “Sim”:

a) Descreva como acontece sua participação (se sugere os conteúdos e imagens utilizadas, se auxilia na elaboração do roteiro, se participa como apresentador, se aprova as versões finais dos materiais, etc).

No caso do professor conteudista trabalha formulando o livro, ele faz este livro durante um tempo e, ao final, com o livro fechado, ele grava as aulas conceituais sobre o livro. Então ele que tem toda a preparação, tanto do livro, quanto das aulas conceituais. E essas aulas conceituais podem ser revistas, reaproveitadas ou não de um ano para o outro, o livro também. O livro pode ser revisto. Essas aulas conceituais em vídeo são um apêndice do livro. As aulas ao vivo são elaboradas pelo professor formador, que com base no livro e nas aulas conceituais. Ele traz a prática daqueles conceitos para o aluno.

O professor formador participa da elaboração de um roteiro da aula. Quando os vídeos das aulas são muito específicos, o professor tem o apoio de um profissional de audiovisual para elaborar este roteiro. No caso da aula ao vivo, o professor faz um roteiro da aula, faz os *slides* e esses *slides* são enviados para a produção de materiais. Lá na produção de materiais, eles são revisados pois, de repente, tem alguma coisa que não pode ser usada, que o professor pegou da internet e por isso não pode usar. Neste departamento é onde passa toda a formulação do material. Se não tem problema nenhum neste material, ele é enviado para o estúdio. Assim, o

professor utiliza deste material durante a aula ao vivo. Então, o roteiro da aula ao vivo explica toda a parte estrutural e auxilia o pessoal do estúdio a se preparar para aquela aula, com vídeos, com sites, pois o professor pode abrir sites ou não durante a aula. A parte do conteúdo da aula, o professor tem um roteiro que são os *slides* que ele montou. Assim, ele segue aquela formulação que ele mesmo planejou.

b) Você se sente preparado para participar deste planejamento e produção, considerando ser um produto audiovisual?

Sim. É a preparação da aula, como no presencial. A diferença é que no presencial você consegue preparar a aula um dia antes. Aqui (no EaD) não, passa por todo um processo, então tem que preparar muito antes. Você prepara antes para que tudo, no momento da aula, esteja disponibilizado para os alunos.

c) Você acredita que o conteúdo que planeja é transmitido de forma satisfatória pelo recurso audiovisual?

Acredito que sim. O termômetro é o *chat*. Temos professores mediadores no *chat*. Então, de repente, o aluno não entendeu algum ponto e o professor mediador já tira a dúvida. Nas aulas, tem a interação com o professor mediador. Dependendo da pergunta que o aluno faz, você já sabe se você atingiu ou não o conteúdo, se tem que voltar alguns slides ou não.

Se percebemos que os alunos não compreenderam o conteúdo, fazemos ajustes nas outras aulas. Reforça mais o conteúdo nas outras aulas. Como a aula é ao vivo, não é possível parar a aula para fazer um ajuste na hora, mas nas próximas aulas o conteúdo é reforçado, da mesma forma que o presencial. Você trabalha uma aula e observa a reação dos alunos naquela aula, durante a semana é possível fazer alguns ajustes. Temos um calendário de conteúdo, mas conseguimos revê-lo.

Se a resposta for “Não”:

d) Gostaria de participar mais ativamente deste planejamento e produção? Em que poderia contribuir?

9) Como você, como Docente Conteudista, considera o material didático audiovisual produzidos pela IES em que atua?

Acho que podemos melhorar. Mas temos um material muito bom. Pelo próprio processo que o material passa, são processos bem detalhados e críticos. Eu acredito que o material seja muito bom. Eu acredito que não foge em nada do que um professor, em âmbito presencial, poderia oferecer. Eu acho que tem bastante diferença nas duas modalidades (presencial e EaD), mas em termos de conteúdo, você conseguiu atingir o aluno, você consegue trabalhar da mesma forma que um professor consegue trabalhar no presencial. Temos também a questão dos laboratórios virtuais, isso também facilita a prática do aluno diante dos conceitos e, também, facilita o aprendizado.

10) Você, como Docente Conteudista, avalia que o material didático audiovisual, de uma forma geral, auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na modalidade à distância? Qual o grau de importância que você atribui a este material no processo de ensino-aprendizagem se comparado com outros recursos educacionais?

Temos uma pesquisa recente que saiu no último Congresso Brasileiro de Engenharia de Software que estudou como os engenheiros de software aprendem, sobre do que eles se utilizam para aprender, pois é um função que está sempre em desenvolvimento e aprendizado. O estudo trata da questão do vídeo, o quanto os engenheiros tem essa necessidade visual de trabalhar com pequenos vídeos e pesquisas. Mais para vídeo do que materiais impressos ou fórmulas de pesquisas.

Dou a mesma importância aos materiais. Em um vídeo bem produzido, é possível suprir o que o aluno leria no impresso. São estilos diferentes, cada pessoa tem uma facilidade maior com um estilo. Mas eu acredito que todos os estilos podem passar o conteúdo de uma forma satisfatória.

Acho que a experiência docente no EaD, o que tem de diferente é o tempo. Um professor fica parado 2 segundos na frente a uma câmera, é uma eternidade. Um professor parado 2 segundos na frente dos alunos na sala de aula, ele está pensando. Então, o tempo do EaD é diferente e, para isso, os alunos devem que se adaptar também, por que a quantidade de informação é grande. O professor está o tempo todo ali para passar informação.

Acho que o aluno de EaD tem que ser dinâmico e versátil. Temos alunos jovens muito bons. O aluno que opta pelo EaD já vem com este objetivo. Mas ele pensa que vai estudar sozinho e, depois, se surpreende com toda a estrutura que está à disposição dele. Ele já vem pré-disposto a se organizar um pouco melhor, mas todos tem dificuldade com a modalidade.

Já senti na pele o preconceito do EaD. Mas acho que é um processo, o ensino está passando por um processo de modificação como, por exemplo, a própria abordagem híbrida

(20% a distância). É um processo de melhoria, de aproveitar melhor o ensino. Eu acredito que estamos passando por uma transformação que vai melhorar bastante o ensino, juntando as características do EaD com o presencial, tende a melhorar muito. Quem dá aula no presencial e no EaD, fala que os alunos do EaD são muito mais aplicados. Lógico que temos, como no presencial, alunos que não se aplicam. Disciplina e rigor de tempo exigidos no EaD, são características profissionais. Então acredito que o EaD desenvolve este lado profissional. E disciplina é uma das principais qualidades de um profissional.

Entrevista 3 – Produtor Técnico

06/12/2016

11h00

Cidade do Interior do Paraná - PR

1) Qual a capacitação da equipe técnica para a produção do material didático audiovisual para EaD? Qual é o perfil da equipe?

Quando eu comecei aqui, o principal desafio foi este, que foi justamente ver que existiam profissionais e como eles estavam adequados ou não às rotinas e produções do EaD. Eu vim de São Paulo, de uma empresa que estava começando do EaD, onde eu fazia tudo. Eu e uma editora fazíamos tudo. Então, ao longo do tempo do meu trabalho com videoaulas eu sempre fiz tudo, desde a pesquisa, gravação, operação de câmera, roteirização, edição e finalização. Quando eu cheguei aqui, eu vi uma equipe boa, mas dispersa em relação aos conhecimentos do EaD. Então fomos selecionando ao longo do tempo e a que conclusão que chegamos em caráter prático hoje, depois de dois anos e meio? Que a gente precisa ter todos eles com conceitos de educação a distância muito claros. O cinegrafista precisa ter muito claro como ele deve enquadrar o professor para que esta imagem seja bem assistida pelo aluno. Ele tem que ter conceitos de como ele vai enquadrar o monitor e a TV para que o aluno possa ver. Se é uma gravação externa, como ele vai ter que enquadrar o posicionamento do atleta, por exemplo, ou uma comida no curso de gastronomia para que o aluno possa ter visibilidade adequada. O cinegrafista tem que ter o olhar do aluno. Como o aluno vai ver, por exemplo, aquele corte da carne. Então o cinegrafista tem que estar consciente que o aluno vai ver aquilo. O editor a mesma coisa. Tem que estar com a consciência de como o aluno vai enxergar aquilo na casa dele. Então, na hora em que ele está cortando uma imagem, se for uma aula ao vivo ele tem que estar consciente daquilo, por exemplo pedir pra fechar mais o enquadramento, corrigir o cinegrafista de estiver com algum problema. O professor está falando com o aluno, ele corta

pra câmera, que está pegando o professor. Se o professor estiver de costas para a câmera, é uma visão ruim para o aluno, neste momento ele pode cortar para o *slide*. Então veja, o editor também tem que estar muito integrado nisso. Eu cheguei à conclusão de que tem mais um ator muito importante nesta equipe que é o designer educacional. Ele passa a ter uma posição importantíssima, pois ele é uma ponte direta entre o professor e o aluno. Vai fazer com que esta codificação, o conhecimento do professor venha para o aluno de uma forma bem mais eficiente. Coisa que, muitas vezes tecnicamente, o editor pode não ter, o designer vai ter, pois ele teve o contato com o professor. Então em algumas disciplinas, alguns cursos especiais, por exemplo em gastronomia ou alguns cursos de pós graduação, o DE tem um papel fundamental nisso. Em entender o que o professor quer e como quer. Ler o livro: coisa que nem o cinegrafista nem o editor vão ter acesso. E depois conseguir fazer com que esta ponte seja bem feita e que o produto final seja muito mais fiel ao que o professor quer. Acho que estas são as qualificações mais específicas.

Sobre a minha formação, sou engenheiro agrônomo, tenho pós graduação em criação visual para vídeo e cinema, tenho alguns cursos em edição e produção de vídeos. Mas eu sou formado há 30 anos e 10 anos depois eu mudei de área, fiz pós, comecei a fazer cursos na área de educação e estou complementando com o mestrado.

2) Como você vê o conhecimento pela equipe de produção técnica do NEaD da IES do documento “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, elaborado pelo Ministério da Educação em 2007? Suas diretrizes foram utilizadas para elaborar os materiais didáticos audiovisuais?

Nós sabemos que o pessoal da produção de materiais (impresso) tem conhecimento. Nós aqui em cima (vídeos), acabamos não pegando isso. Mas existe sim o conhecimento por parte da direção. O pessoal da equipe de produção de materiais elabora manuais de como a produção de vídeos deve fazer e seguimos estes materiais. Estes manuais foram aprovados pela diretoria para passar para os departamentos pertinentes. A mensagem está sendo transmitida por meio destes manuais que foram elaborados baseados nos Referenciais.

3) O material didático audiovisual é disponibilizado aos alunos sob demanda ou por transmissão ao vivo?

Das suas maneiras. O pessoal assiste um pouco menos o ao vivo. Os horários da transmissão são a noite, mas temos a vantagem do aluno assistir como quiser no horário que quiser. Temos estes números. Recebemos diariamente os relatórios de transmissão. As

videoaulas ficam disponíveis o curso inteiro para o aluno. As disciplinas já cursadas continuam disponíveis ao aluno. O aluno pode revisar o conteúdo, algo que não temos no ensino presencial.

4) Como você avalia o tipo de material didático audiovisual produzido pela sua IES? Descreva-o.

Modéstia à parte, eu acho um dos melhores que eu já vi. Nós pesquisamos muito tudo isso e temos uma qualidade em todos os sentidos. Vai desde o equipamento que vai gerar esta aula até o produto final, de conceito, de conteúdo e de didática. Eu acho que é de uma qualidade, muito acima da média.

Temos uma variação enorme de materiais. Já foi utilizada a dramatização, tivemos, por exemplo, uma aula chamada de “Alice no Mundo da Matemática”, que foi um teatro. Foi uma sugestão da coordenadora do curso e nós fomos atrás. Temos a disposição atores para contratação se precisar. As próprias aulas em formatos especiais como Educação Física e Gastronomia, já tem outro perfil. Então, temos diferentes formatos aqui dentro. Deste o formato mais clássico e padronizado com o estúdio e o professor, até o estúdio virar um tatame gigante e o professor dar cambalhota. Já fizemos debates, mesas redondas, as vezes alunos participando da aula. Colocamos algumas cadeiras no estúdio e eles vem assistir as aulas, eles participam, as vezes fazemos um tipo de *talk show*, às vezes trazemos um convidado, os alunos fazem perguntas, então estamos tentando dinamizar ao máximo ainda a aula, para que ela fique ainda mais gostosa, mais agradável para assistir.

Fazemos o máximo possível. Por exemplo, aula de degustação de vinho o professor trouxe as garrafas de vinho harmonizando com a comida e ele ia falando e degustando. Aquilo virou uma aula tão interativa que foi muito legal. E o aluno pode fazer isso em casa. Muitas disciplinas permitem que o professor faça isso, convide o aluno a fazer igual. Não só no curso de Gastronomia e Educação Física, mas por exemplo, no curso de Design, o aluno tem que preparar *mokaps*, maquetes ou então fotografar e enviar uma foto. E a tendência é de que isso aconteça cada vez mais. Isso demanda uma produção maior, não é mais só uma câmera e um estúdio. Precisamos de uma equipe maior, mais câmeras, edição mais trabalhada, é muito mais gratificante de fazer isso, eu pelo menos adoro. Quanto mais maluca for a ideia melhor, desde que nos mandem recursos. Que nos deem a possibilidade de mostrar para o aluno algo diferente. Eu sei que o aluno vai vibrar do outro lado.

5) O que o NEaD entende por qualidade do material didático audiovisual em EaD para a formação superior?

Eu acho que é uma união de conteúdo com qualidade técnica. O conteúdo que o professor está disponibilizando para o aluno tem que ter uma capacidade de informação, aliado a uma formação didático-pedagógica que o aluno possa receber aquilo da melhor maneira possível. E ele oferecendo isso, eu tenho que transmitir ao aluno da forma mais fiel possível, esse conteúdo e a forma de como o professor está expondo não pode se perder neste processo. Tem que estar, no mínimo, igual. E a nossa intenção é que melhore. O processo de transmissão do conteúdo e do conhecimento do professor até chegar ao aluno, passa por diversas etapas que não podem sofrer ruídos, não pode ser deturpado. E nós tentamos fazer com que isso não aconteça em hipótese alguma. A informação e o conhecimento do professor tem que chegar ao aluno intacto e, a partir disso, nós utilizamos de ferramentas e mecanismos para que isso fique mais evidente, fique mais agradável e realmente o aluno possa absorver tudo aquilo que o professor está falando, sem ruídos. É importante isso, por que querendo ou não nós estamos passando por um mediador, por um editor, por um cinegrafista. De repente o professor está falando uma coisa e o cinegrafista está mostrando outra, o editor está cortando para um lugar diferente, o mediador não entendeu muito bem aquilo que o aluno perguntou para o professor. Então essas ferramentas todas tem que estar em harmonia para que a coisa funcione muito bem.

Em relação à estética de televisão, a princípio não temos um maquiador, por exemplo, mas sugerimos e orientamos o professor. As roupas são sugeridas, o tipo e cor de roupa são sugeridas de acordo com o cenário que fomos trabalhar, o posicionamento dele, existe um piloto, uma orientação de como de portar em frente às câmeras. Tem uma manual pra ele receba com o que ele tem que fazer. A maioria das pessoas não se dá muito bem com câmera. E temos que entender que o professor é formado para dar aula presencial, não é formado para dar aula em EaD. E muitas vezes o professor entra no estúdio e um produto fala: dá a aula! E aí? O que ele faz? Por isso que temos que orientá-los. Tem professores que são uma aula incrível no presencial, tem muita dificuldade com o EaD. Então, tentamos orientá-lo, tem uma aula piloto, depois ele assiste a aula piloto dele, nós conversamos com ele. Temos uma jornalista e um produtor que acompanham a aula piloto do professor e depois assistem junto, dão *feedback*, discutem com o professor as possibilidades de melhoria, para o professor poder voltar melhor. Existem mais professores que são ruins com a câmera do que bons. Existem poucos cursos de qualificação para o professor. Muitas vezes damos alguns treinamentos fora daqui. Eu estou aqui há dois anos e meio e me lembro apenas de 1 ou 2 casos de professores que não tiveram jeito, tivemos que trocar o professor. Foram poucos, justamente por que fazemos este trabalho.

6) Como você vê o processo de elaboração do material didático audiovisual pelo NEaD da IES?

Os processos estão sempre sendo atualizados. Mas o que temos hoje é resultado do que há um bom tempo vem sendo estudado e vem sendo apresentado. Temos uma equipe muito grande. Temos uma produção muito grande. No ano passado (2015) produzimos 6.500 vídeos, neste ano (dezembro 2016) já está passando de 13.000 vídeos e a previsão para o ano que vem (2017) é de 18.000 vídeos. O número vai aumentando devido a novos cursos e aulas externas. O professor, hoje, tem a possibilidade de pedir uma aula externa e vai para a rua. Temos uma equipe só para gravações externas. Em uma videoaula com gravação externa elaborada para o curso de Educação Física a equipe era composta por 6 pessoas. Aqui temos muita coisa. Esse vídeo da Educação Física fui eu que dirigi, ficamos 1 semana gravando. E vamos fazer isso com Gastronomia e todos os outros cursos. A ideia é de fazer gravação externa também para o curso de Engenharia. É muito mais interessante você trazer a experiência da rua do que o tradicional. Com o crescimento do EaD, a situação de você trazer o aluno mais pra perto, focando no visual tem que cada vez mais ser difundida. O aluno é um nativo digital, ele precisa de imagem, ele precisa ter o vídeo na frente dele. É natural já. Precisa ter um material mais interativo. Eu vejo pelo meu filho. Ele tem prova de física amanhã e ele disse que ia buscar estudo na internet. Ele pega vídeos das aulas que ele tem dúvida, já abre no Youtube e já assiste. E olha o perigo dele assistir uma coisa errada! Um conteúdo que está errado e que vai influenciar na prova e a nota dele. Hoje em dia todo mundo faz isso na escola. Qualquer “doido” está fazendo vídeo. O cuidado é realmente procurar as melhores aulas nos lugares que realmente tem este cuidado.

7) Como é realizada a pré-testagem do material didático audiovisual da IES?

A maioria dos vídeos que produzimos, passa pelo DE (Designer Educacional) que faz a avaliação. Os cursos ao vivo não tem jeito. Mas sempre levando em consideração que já temos os professores experientes, equipes experientes, toda uma estrutura que possibilita que isso vá para o aluno com o melhor índice de problemas possível. Mas as aulas que são gravadas a enorme maioria é supervisionada pelo DE que vai fazer a ponte entre o professor e o conteúdo que o aluno tem que receber. Dento do processo, hoje, eliminamos muito o retrabalho. Só um exemplo, um processo que eu demorava 12 dias para produzir um curso, hoje eu demoro 8 dias. Pela eliminação dos erros em função do trabalho do DE. O Designer Educacional faz com que, acompanhando o processo, elimina quase tudo de possibilidade de erros. Se você deixa na mão dos técnicos em edição, técnicos em fotografia, cinegrafista, é limitado o conhecimento daquilo

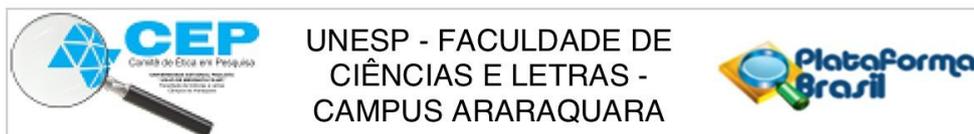
que o professor está passando. O DE consegue entender a codificação desta informação e passa. Assim, o índice de problemas finais é baixíssimo. Eu estou preparando para que o DE também avalie a qualidade técnica dos vídeos e, para que isso seja possível, ele tem que viver tudo aqui dentro. Ele tem que conhecer a parte técnica do processo, ele tem que viver o estúdio, ele tem que viver a edição. Então ele está junto conosco agora. Ele fica dentro da edição, ao lado do editor, entendendo a linguagem que o editor entende. Então veja, ele vai entender a linguagem do professor, entender a linguagem do técnico e vai fazer com que a linguagem para o aluno seja correta. Não existe uma formação já completa para isso. Eu entrei aqui tinham 11 pessoas hoje está com 20, 30, vamos chegar a 30, 35 no ano que vem. Só uma equipe aqui pequena, fora o restante.

8) Descreva como você vê a infraestrutura da IES para a produção do material didático audiovisual.

São 9 estúdios mais o de Gastronomia. Temos o que tem de melhor aqui dentro. Estivemos em uma feira em São Paulo agora no meio do ano pra tentar ver o que tinha de melhor pra trazer pra cá. Temos um canal de televisão aqui dentro maior do que muitos canais de televisão. Compramos câmera 360 graus, utilizamos drones. A televisão daqui é ótima. Se você observar a estrutura de EaD que temos hoje, nós somos maior que a Record de Bauru. Eu cheguei aqui em agosto, em novembro já começou a montar o estúdio para o ano seguinte. E o diretor me pediu pra fazer uma lista do que eu precisava pra montar o estúdio. Eu vim de uma instituição que não gostava tanto de investir assim. Eu fiz uma lista do que eu achava que dava pra trabalhar. Quando eu entreguei o diretor falou: “Tá bom, não precisa de mais nada?”. Compraram tudo o que eu pedi. Você percebe que a Instituição está a fim de investir. Aqui não temos este problema. A última lista de compras foi de R\$ 500.000,00 para um estúdio e atualização de câmera de outros estúdios. Foi aprovado 100%. É muito bom trabalhar assim. Em investimento tecnológico, o que nós pedirmos, a diretoria compra. Não alugamos equipamentos. Só alugamos drone para testar e depois compramos.

ANEXO

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação a Distância e Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo exploratório do processo de produção dos materiais didáticos audiovisuais sob a ótica da equipe multidisciplinar

Pesquisador: Nirave Reigota Caram

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59377816.5.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.771.089

Apresentação do Projeto:

A apresentação do Projeto é absolutamente claro e mostra como o mesmo será desenvolvido em detalhes e argumentos consistentes.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão claros e apresentam exequibilidade. Penso, pela dimensão do projeto, que poderão (ou deverão?) ter alguma alteração de dimensionamento no decorrer dos trabalhos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios apresentados contém um balanceamento adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários e/ou considerações adicionais sobre a pesquisisa.

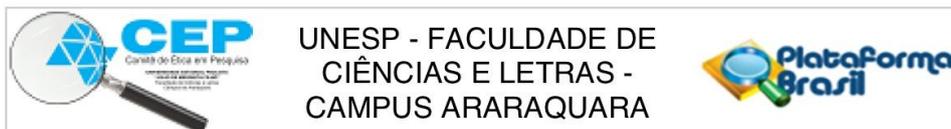
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão dentro dos requisitos exigidos por regulamentação atual.

Recomendações:

Não há recomendação sobre o projeto em si. Contudo, algum ajuste terminológico poderão ser feitos nos objetivos.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1
Bairro: CENTRO **CEP:** 14.800-901
UF: SP **Município:** ARARAQUARA
Telefone: (16)3301-6224 **Fax:** (16)3332-0698 **E-mail:** sta@fclar.unesp.br



Continuação do Parecer: 1.771.089

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou Inadequações

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, reunido em 11/10/2016, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto.

O relatório final deverá ser entregue até 06 (seis) meses após a data de finalização da pesquisa, conforme projeção do cronograma constante do projeto aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_781413.pdf	29/08/2016 19:41:09		Aceito
Outros	Roteiros.pdf	29/08/2016 19:40:23	Nirave Reigota Caram	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Doutorado_UnespAraraquara_Ago2016_Nirave.pdf	29/08/2016 19:19:39	Nirave Reigota Caram	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento.pdf	29/08/2016 19:12:37	Nirave Reigota Caram	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_nirave.pdf	29/08/2016 19:09:14	Nirave Reigota Caram	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 11 de Outubro de 2016

Assinado por:
Sebastião de Souza Lemes
 (Coordenador)

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1
Bairro: CENTRO **CEP:** 14.800-901
UF: SP **Município:** ARARAQUARA
Telefone: (16)3301-6224 **Fax:** (16)3332-0698 **E-mail:** sta@fclar.unesp.br